

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

Tamiris Paturi Canizares Gaelzer

A Criação da Diferença Sexual: uma tradução comentada

PORTO ALEGRE

2018

Tamiris Paturi Canizares Gaelzer

A Criação da Diferença Sexual: uma tradução comentada

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Letras – Tradutora Português/Inglês.

Orientador: Prof. Dr^a. Ian Alexander

PORTO ALEGRE

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Gaelzer, Tamiris Paturi Canizares

A Criação da Diferença Sexual: uma tradução comentada / Tamiris Paturi Canizares Gaelzer. -- 2018.

106 f.

Orientador: Ian Alexander.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Curso de Letras: Tradutor Português e Inglês, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Lesbianismo. 2. Feminismo Radical. 3. Feminismo. 4. Tradução comentada. I. Alexander, Ian, orient. II. Título.

Tamiris Paturi Canizares Gaelzer

A Criação da Diferença Sexual: uma tradução comentada

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Letras – Tradutora Português/Inglês

Aprovado em 24 de janeiro de 2018.

Prof. Dr. Ian Alexander – UFRGS (orientador)

Profa. Dra. Valéria Silveira Brisolará – UniRitter

Dra. Rhea Silvia Willmer – UFRJ

Dedico este trabalho à minha mãe, Ewelín Monica Paturi Navarro Canizares, que foi minha coorientadora informal e que me introduziu ao mundo acadêmico antes mesmo de me dar à luz.

AGRADECIMENTOS

aos meus pais, Ewelin e Rudi, acadêmicos e pessoas exemplares que me apoiam e amam incondicionalmente.

à Ingrid, irmã de sangue e de alma, que me ajuda a crescer

ao Ian, por sempre priorizar o conhecimento e por permitir que este trabalho acontecesse

a todas minhas amigas e amigos, que me aceitaram em todos os momentos

a todas lésbicas, que já resistiram e continuam resistindo

a todas feministas, acadêmicas ou não, que me desafiam a ser alguém melhor para mim mesma e para minhas semelhantes

por último, mas não menos importante, agradeço aos meus gatinhos, vivos ou estrelinhas, que amam incondicionalmente – em especial à Lucy, que ficou ao meu lado pela maior parte deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo a tradução do primeiro capítulo do livro de Sheila Jeffreys, *The Lesbian Heresy*, “The Creation of Sexual Difference”, de forma que esteja disponível para pesquisas acadêmicas e seja acessível para lésbicas brasileiras. Faz-se uma análise comparativa entre a história do lesbianismo britânico e brasileiro por um viés feminista, através de autores que lidaram com a problemática desde o fim do século 19 até meados do século 20. Observa-se que existem similaridades suficientes entre os dois países para justificar a tradução da obra, e estabelece-se quando e porque, a sexualidade lésbica começou a ser sistematicamente marginalizada, e vista como uma sexualidade desviante. Para a tradução foram utilizadas, principalmente, as teorias de skopos (REISS, VERMEER) e do funcionalismo (NORD). Desenvolveu-se como referencial teórico para embasar a tradução um questionário que considera fatores socioeconômicos e aborda questões terminológicas. A partir das respostas do questionário obtém-se uma amostra que apresenta indícios de preferência pela domesticação da tradução. Conclui-se que há uma ausência significativa de literatura acadêmica lésbica brasileira e que os contextos culturais entre Brasil e Inglaterra são suficientemente semelhantes para justificar o uso de teorias externas, como a de Jeffreys, na ampliação dessa literatura.

Palavras-chave: Feminismo; lesbianismo; feminismo radical; lésbicas; tradução

ABSTRACT

The main goal of this work is translating into Portuguese Sheila Jeffreys' first chapter, "The Creation of Sexual Difference", on *The Lesbian Heresy*, in a manner which serves to academic and informal purposes, being accessible to Brazilian lesbians. A comparative analysis through a feminist lens is made between the history of British and Brazilian lesbianism based on authors that dealt with the issue from the end of the 19th century to the mid 20th. It is possible to see that the social environments towards women minorities are similar enough and to establish the reasons for which lesbianism began to be systematically marginalized and seen as a deviant sexuality. The Skopos (REISS, VERMEER) and functionalist (NORD) theories are applied to the translating process. An assessment including terminological and socioeconomic questions was formulated to serve as a theoretical background. The replies to the assessment indicated a preference for a domesticating translation. Concluding, there is a noticeable gap in lesbian scholar literature in Brazil that justifies the usage of foreign theories, such as Jeffreys, to be taken in account and to enrich the discussion among feminists and women in general.

Keywords: Feminism; lesbianism; radical feminism; lesbians; translation

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Resultados da primeira questão terminológica – recorte	45
Figura 2 – Resultados da segunda questão terminológica – recorte.....	46
Figura 3 – Resultados da terceira questão terminológica – recorte	46
Figura 4 – Resultado para questão de terminologia português/inglês	47
Figura 5 – Resultado para a questão de terminologia português/inglês	47
Figura 6 – Resultados de caso considerar ofensivo ou não se referir a lésbicas como “masculinas”	48
Figura 7 – (Questão 1) Região brasileira das(os) participantes.....	71
Figura 8 – (Questão 2) Idade das(os) participantes	71
Figura 9 – (Questão 3) Classe social das(os) participantes	72
Figura 10 – (Questão 4) Sexualidade das(os) participantes	72
Figura 11 – (Questão 5) Identidade de gênero das(os) participantes	73
Figura 12 – (Questão 6) Sexo das(os) participantes.....	73
Figura 13 – (Questão 7) Raça/etnia das(os) participantes	74
Figura 14 – (Questão 8) Resultados da primeira questão terminológica.....	75
Figura 15 – (Questão 9) Resultados da segunda questão terminológica	76
Figura 16 – (Questão 10) Resultados da terceira questão terminológica	77
Figura 17 – (Questão 11) Resultados de caso considerar ofensivo ou não se referir a lésbicas como “masculinas”	78
Figura 18 – (Questão 12) Justificativa 1.....	78
Figura 19 – (Questão 13) Resultado para questão de terminologia português/inglês	90
Figura 20 – (Questão 14) Preferência por termos em português ou inglês	91
Figura 21 – (Questão 15) Justificativa 2.....	91
Figura 22 – Mensagens adicionais.....	100

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 APRESENTAÇÃO DA PROBLEMÁTICA EM ESTUDO	11
2.1 A AUTORA E SUA OBRA	11
2.2 ANÁLISE HISTÓRICA DO LESBIANISMO BRITÂNICO (FINAL DO SÉCULO 19 ATÉ MEADOS DO SÉCULO 20)	13
2.3 A CONSTRUÇÃO DA INVERTIDA E A ESTIGMATIZAÇÃO	19
2.4 HISTÓRIA LÉSBICA BRASILEIRA.....	21
2.4.1 Lésbicas e o pecado, Brasil colonial.....	22
2.4.2 Século 19 e início do século 20.....	24
2.4.3 Segunda metade do século 20 em diante – uma luz	29
2.4.4 A ideia da lésbica masculina.....	32
2.4.5 A invisibilidade lésbica	33
3 METODOLOGIA DA TRADUÇÃO	34
3.1 O CONCEITO DE TRADUÇÃO	35
3.2 BASE TEÓRICA	37
3.2.1 Competência tradutória.....	37
3.2.2 Skopos, funcionalismo e domesticação.....	39
3.3 QUESTIONÁRIO TERMINOLÓGICO	40
3.3.1 Questões terminológicas	42
3.3.1.1. Lesbianism/ <i>lesbianismo</i>	42
3.3.1.2. Roleplay.....	42
3.3.1.3. <i>Questões menores</i>	43
3.3.1.4. Butch/Femme; <i>Bofe/Lady</i>	43
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE A – TRADUÇÃO DO CAPÍTULO "A CRIAÇÃO DA DIFERENÇA SEXUAL"	55
APÊNDICE B – RESULTADOS DO FORMULÁRIO GOOGLE	70

1 INTRODUÇÃO

A escolha de fazer a tradução do primeiro capítulo de *The Lesbian Heresy* (1993), por Sheila Jeffreys, para este trabalho de conclusão de curso se deve ao fato de que, mesmo ciente que existam traduções informais da obra, existe a lacuna de uma tradução qualificada e passível de uso em trabalhos acadêmicos. Também desejo realizar a aproximação da teoria para leitoras que não sejam necessariamente do meio feminista, especialmente leitoras lésbicas, visto que a linguagem da autora do texto tende a ser mais informal. Portanto, analiso o livro e traduzo seu primeiro capítulo por perceber uma certa escassez de literatura acadêmica lésbica em português, e por acreditar que possa contribuir para o aumento de sua visibilidade. Em seguida analiso, através da visão crítica das feministas June Wallace e Sheila Jeffreys, o contexto sócio-histórico da sexualidade da mulher britânica, do final do século 19 até meados do século 20, e as teorias que a descreviam. Depois disso, realizo um levantamento histórico do lesbianismo brasileiro, e efetuo uma comparação dos fatos observados com as teorias e análises críticas da teoria dessas feministas. Em seguida, faço uma curta recapitulação da história de teorias de tradução e seleciono alguns teóricos que se encaixem na abordagem de tradução desejada.

O livro *The Lesbian Heresy* de Sheila Jeffreys, lançado em 1993, é uma resposta à onda de liberalismo que se iniciou na década de 80 nos países de língua inglesa (Estados Unidos, Austrália, Reino Unido). Essa onda liberal, como explicada por Jeffreys ao longo do livro, se deu como uma contra onda (*backlash*) aos movimentos sociais materialistas das décadas de 60-70 nesses mesmos países (1993, 2014).

Faço aqui uma breve descrição dos capítulos do livro. Inicialmente, Jeffreys apresenta um resumo das ações de resistência de feministas lésbicas, como ela, em sua dedicatória e introdução.

O primeiro capítulo, *The Creation of Sexual Difference* [A Criação da Diferença Sexual], tema deste trabalho, é um apanhado histórico dos motivos pelos quais a sexualidade lésbica é, até hoje, categorizada como uma “diferença sexual”. Jeffreys explica essa diferença como sendo uma forma de categorização de comportamentos sexuais desviantes da norma heterossexual. Como esperado, homens e mulheres homossexuais foram colocados nessa classificação, ao lado de comportamentos como pedofilia e necrofilia. Jeffreys, obviamente, se opõe a isso, não somente porque equipara gays e lésbicas a pedófilos, necrófilos e fetichistas; mas

também porque, enquanto feminista lésbica radical, ela enxerga o lesbianismo como uma resistência à heterossexualidade compulsória patriarcal, conceito criado por Adrienne Rich (1989). Outro ponto proposto, é que o lesbianismo se difere das relações homossexuais masculinas, já que, embora não estejam dentro do padrão heterossexual, não possuem o caráter de resistência ao patriarcado do lesbianismo. Ao longo do capítulo, Jeffreys analisa a história das relações lésbicas (em países de língua inglesa) e do movimento de direitos homossexuais, avalia também como o discurso do materialismo feminista e de construção social se transformou em um discurso de determinismo psicobiológico, que é atualmente o discurso mais popularizado para a homossexualidade feminina e masculina. Jeffreys cita e critica especialmente os movimentos dos homens gays, que se originaram dos movimentos materialistas da década de 60, mas que rapidamente adotaram políticas liberais. Ativistas homossexuais passaram a aceitar o papel de “desviante” para si mesmos, papel criado por teóricos misóginos e homofóbicos – os sexólogos. No entanto, diferentemente dos sexólogos, os ativistas gays não buscavam conversão para a heterossexualidade, mas sim uma aceitação social à base de compaixão e pena, argumentando que homossexuais estavam fadados a serem desviantes desde o nascimento. Teóricas e escritoras lésbicas que adotaram essas políticas para a formação das suas, ou, de uma identidade lésbica também são analisadas e criticadas. A escolha deste capítulo se deu porque, além de introduzir o tema é na criação da “diferença sexual”, e da nomenclatura “desviante” que origina-se o problema do preconceito que as lésbicas enfrentam até hoje, e que o capítulo constrói a base teórica da obra.

O capítulo seguinte, *The Lesbian Sexual Revolution* [A Revolução Sexual Lésbica], desafia a noção liberal de que a vida pessoal é desvinculada da vida política, e critica o fato que mulheres que discordam dessa desvinculação são tachadas de moralistas. Esse capítulo também remonta a construção de uma indústria sexual lésbica – dos *sex shops* à prostituição – e o perigo que a hipersexualização apresenta para lésbicas.

O terceiro capítulo, *Lesbian Sex Therapy* [Terapia do Sexo Lésbico], explora como as teorias sexológicas e a indústria sexual sequestram relacionamentos lésbicos, denunciando o papel das terapeutas sexuais nesse sequestro. Jeffreys defende que tais terapias introduzem modelos heteropatriarcais de relacionamento, promovendo princípios de dominância, submissão, objetificação e misoginia para relações lésbicas, podendo transformá-las em relações abusivas.

Em *The Essential Lesbian* [A Lésbica Essencial], a autora desenvolve detalhadamente sua crítica ao discurso de determinismo biológico e/ou psicológico da homossexualidade – especialmente do lesbianismo –, iniciada no primeiro capítulo. Também explora como a desigualdade de poder é fetichizada e incentivada pela dinâmica de *roleplay* de bofe/lady (*butch/femme*).

Em *Return to Gender: Postmodernism and Lesbian and Gay Theory* [Voltando ao Gênero: Pós-modernismo e Teorias Lésbicas e Gays], Jeffreys demonstra como teorias pós-modernas de autores masculinos – como Foucault, Derrida e Lacan – influenciaram a teoria feminista ao inserir o conceito de gênero como algo performático e não como uma hierarquia socialmente construída e, portanto, como esse conceito modificou (negativamente) a teoria lésbica.

O capítulo *The Lesbian Outlaw* [A Lésbica Marginal] serve para desmistificar e desromantizar a ideia de que o status marginalizado do lesbianismo seja algo desejável. A autora analisa algumas obras lésbicas para demonstrar como a decadência e o sofrimento eram idealizados (como a “*nostalgie de la boue*” de Oscar Wilde), argumentando como isso é prejudicial não só para lésbicas individualmente, mas para a comunidade lésbica como um todo.

Em *A Pale Version of the Male: Lesbians and Gay Male Culture* [Uma Versão Inferior do Macho: Lésbicas e a Cultura Gay Masculina], Jeffreys demonstra como a cultura gay branca infiltrou-se na cultura, nas relações e nas políticas lésbicas, incentivando comportamentos abusivos e rechaçando a crítica a eles.

Jeffreys usa o último capítulo, *A Deeper Separation* [Uma Separação Mais Profunda] para fazer um apelo a favor da união lésbica, como comunidade informal e acadêmica. Ela também atesta como o feminismo lésbico é, atualmente, visto como uma heresia para lésbicas que desejam se encaixar perfeitamente nos valores heteropatriarcais; mesmo que elas próprias sejam vistas como hereges pela sociedade. No final do livro, há um apêndice de seu próprio artigo: “Sadomasochism: The Erotic Cult of Fascism” [Sadomasoquismo: O Culto Erótico do Fascismo] que disserta sobre sadomasoquismo, suas ligações à visão e política fascistas e se existe a possibilidade de salvá-lo.

2 APRESENTAÇÃO DA PROBLEMÁTICA EM ESTUDO

2.1 A AUTORA E SUA OBRA

Sheila Jeffreys é uma historiadora ativista lésbica do feminismo radical que participa do Women's Liberation Movement [Grupo de Libertação Feminina] desde 1973. Ela possui 10 livros publicados, todos abordando temáticas diferentes e polêmicas sobre assuntos feministas. Devido à influência e ou importância das argumentações de alguns desses livros para a compreensão e construção do presente trabalho, já que Jeffreys também os utiliza de referência, trago seus títulos e sinopse aqui.

- *The Spinster and Her Enemies – Feminism and Sexuality 1880-1930* [A Solteirona e Seus Inimigos: Feminismo e Sexualidade de 1880 até 1930] (1985): Seu primeiro livro. Discute as mudanças que aconteceram no comportamento sexual britânico no período e como o envolvimento das mulheres no movimento de higienização social em 1880 e 1890 geraram críticas aos abusos sexuais cometidos por homens. Também abrange como o movimento feminista foi derrotado pela ascensão dos movimentos sexológicos e da pílula ao atacarem a solteirona. Jeffreys chama atenção aos perigos que o liberalismo sexual traz para as mulheres e o movimento feminista.
- *Anticlimax* (1990): Seu terceiro livro, critica as “revoluções sexuais” dos anos 60 e 70, sobre uma ótica feminista radical, ao argumentar que seu propósito foi ensinar as mulheres a erotizar a própria subordinação sexual. Neste livro, Jeffreys inicia sua crítica das influências do movimento gay no movimento lésbico, mostrando que elas levaram à proliferação do *roleplay*, sadomasoquismo e pornografia lésbica. Ela conclui que a libertação feminina não acontecerá se a conexão entre sexo e poder, que sustenta o heteropatriarcado, não for rompida.
- *Unpacking Queer Politics* [Desempacotando Políticas Queer] (2003): Seu sexto livro, que aborda as políticas sexuais liberais *queer* e seus danos a comunidade homossexual no geral, e como o movimento lésbico forte dos anos 70 foi engolido pela agenda liberal do movimento gay.
- *Beauty and Misogyny* [Beleza e Misoginia] (2005): O sétimo livro, analisa os rituais de beleza femininos, como eles estão intimamente ligados à misoginia de uma sociedade patriarcal e como prejudicam mulheres, tanto fisicamente como psicologicamente.

- *Gender Hurts* [Gênero Machuca] (2014): O livro mais recente, é sobre os danos irreparáveis que as políticas e práticas do transativismo causam para a comunidade homossexual, e também para pessoas heterossexuais, através da propagação de hormonização e/ou cirurgia de transição como as únicas soluções para a inconformidade de gênero.

Pela quantidade de livros, pelos seus títulos e sinopses, percebe-se que a autora é uma figura polêmica e prolífera no feminismo. Jeffreys seguidamente cita feministas com as quais ela discorda em suas obras e analisa suas posições. Sabe-se que ao menos Judith Butler, que ela critica, tem conhecimento disso e já se posicionou contra a autora (WILLIAMS, 2014).

Dadas suas posições, poucos, mas significativos, espaços atuais permitiram que Jeffreys exponha suas opiniões e teorias. Um desses espaços foi o jornal britânico *The Guardian*, para o qual ela escreveu um artigo em 2012 sobre poder criticar transgeneridade, sem ser acusada de discurso de ódio. *The Guardian* também permitiu que outra feminista radical, Julie Bindel, dissertasse sobre o, então, novo livro de Sheila (*Beauty and Misogyny*). A BBC também abriu espaço para Jeffreys falar sobre transgeneridade e seu livro *Gender Hurts* no *Woman's Hour Podcast*.

Jeffreys recentemente (maio de 2015) se aposentou de seu trabalho como Professora de Políticas Feministas na Universidade de Melbourne, na Austrália. É incerto se sua aposentadoria se deu por pressão externa ou não, visto que Jeffreys já havia se referido em *Gender Hurts* que havia sido impedida de palestrar em diversos eventos feministas por boicote de transativistas e, na reportagem sobre sua aposentadoria, foi colocado que seguranças precisaram guardar uma de suas palestras. Apesar da polêmica em torno da autora, Jeffreys não possui um discurso que incite agressão, violência ou confronto direto, e sim monta seus argumentos baseados em observações sociais e teóricas, e quando apresenta soluções são na base de mudança social.

2.2 ANÁLISE HISTÓRICA DO LESBIANISMO BRITÂNICO (FINAL DO SÉCULO 19 ATÉ MEADOS DO SÉCULO 20)

*Lesbian feminism transforms feminism by calling
the naturalness of heterosexuality into doubt¹
(Sheila Jeffreys)*

Jeffreys ressalta a importância de resgatar a origem dos preconceitos ligados à sexualidade, intrínsecos a sociedade e que, sem esse resgate, são tidos como verdades, arraigadas, ao senso comum. A partir do conhecimento da origem desses (pre)conceitos, pode-se partir para um combate e desconstrução deles, o que seria impossível de outra forma. Portanto faz-se necessário iniciar esse trabalho pela análise histórica.

Os países de língua inglesa passaram por várias mudanças de teorias e comportamentos no século 19 e no início do século 20, especialmente devido às ações de sufragistas e às guerras mundiais. Tanto Jeffreys, em *The Spinster and Her Enemies*, quanto outras autoras, como June Wallace (1997) exploram como essas mudanças afetaram a vida de mulheres em um geral. O que Jeffreys faz em *The Lesbian Heresy* é uma análise após esse período e seus consequentes efeitos na comunidade lésbica.

Em *The Spinster and Her Enemies*, Jeffreys demonstra como os discursos de feministas pré-guerra eram fortemente críticos dos comportamentos sexuais masculinos, característica que, segundo ela, foi perdida após o primeiro movimento de libertação sexual. Jeffreys comenta sobre como as políticas de pureza social surgiram de uma necessidade de se combater doenças venéreas. Enquanto algumas organizações culpavam prostitutas como fonte dessas doenças e as perseguiram com políticas punitivistas, haviam mulheres denunciando que a causa eram os próprios homens, que ao se aproveitavam da vulnerabilidade social de prostitutas, irresponsavelmente causavam epidemias de doenças como sífilis e gonorreia. Essas mulheres, feministas ou não, se focavam na reabilitação de mulheres prostituídas para uma vida sem exploração sexual e denunciam a hipocrisia da igreja e do Estado ao considerarem as mulheres

¹ O feminismo lésbico transforma o feminismo ao questionar a naturalidade da heterossexualidade

vulneráveis como ameaças, em vez dos homens de classe média que, em primeiro lugar, espalhavam as doenças entre as prostitutas e, em segundo, levavam essas doenças para suas casas, mulheres e filhos. Feministas também criticavam o casamento, mostrando como ele funcionava como uma troca: mulheres tinham que oferecer seus corpos para poderem sobreviver financeiramente. Outra crítica construída no período, era em relação a essencialismo masculino defender que a função da mulher é ser mãe, e como esse argumento servia de disfarce para o propósito de usar as mulheres como gratificação sexual masculina. Essa sexualização da mulher era vista como a causa dos empecilhos na conquista da independência da mulher, argumento esse que foi retomado por feministas do século 20 como a própria Jeffreys, Adrienne Rich, Stevi Jackson e Andrea Dworkin.

Jeffreys também aponta para como as feministas pré Primeira Guerra, e imediatamente após (1890-1920), teciam críticas e lutavam contra a construção da sexualidade masculina como uma vontade incontrolável, já que servia de justificativa para inevitabilidade da prostituição. No entanto, durante a primeira metade do século 20, através do movimento de reforma sexual, a ideia de que sexo se constitui em uma necessidade para homens e mulheres se popularizou, inclusive dentro do feminismo, dificultando as críticas do início do movimento. Dois de seus propagadores mais proeminentes eram os sexólogos Edward Carpenter e Henry Havelock Ellis. Jeffreys comenta sobre como os esforços de feministas críticas da sexualização foram diminuídos como sendo discursos moralistas e pudicos, devido ao movimento de reforma sexual. Isso se deu devido à construção do conceito de frigidez feminina, conceito criado para pressionar as esposas a manterem relações sexuais com seus maridos a fim de saciar o percebido desejo sexual masculino. O feminismo foi duramente atacado nessa época e, segundo Jeffreys, o movimento de reforma sexual foi uma das principais causas do desmantelamento dos então grupos feministas existentes.

Wallace também se refere ao período entreguerras, como um momento decisivo na vida das mulheres (britânicas) por acarretar em uma nova onda misógina e anti-feminista, complementando e concordando com Jeffreys. Embora sua tese seja sobre literatura feminina, Wallace faz um recorte histórico preciso e envolvente dos motivos que causaram a mudança na forma de repressão misógina, e conseqüentemente, colocou mulheres umas contra as outras. Resumindo a análise de Wallace, adicionada de elementos destacados de Jeffreys, temos:

i. A mulher excedente

O conceito de “mulher excedente”, aplicado à mulher solteira (especialmente de classe média), se originou devido ao desequilíbrio populacional entre homens e mulheres na Inglaterra, que iniciou-se na década de 1840, com a emigração de homens para as colônias inglesas, acentuado pela Primeira Guerra Mundial, atingindo o clímax por 1920. Esse desequilíbrio acentuado coincidiu com atividades feministas, como as manifestações sufragistas, que exigiam votos para mulheres abaixo dos 30 anos; e com o desemprego crescente que afetava os soldados que estavam retornando à casa. Durante a guerra, as mulheres passaram a tomar o espaço público ocupando vagas de empregos “masculinos”

Quando o censo de 1921 constatou que haviam quase dois milhões de mulheres a mais do que homens a posição da mídia foi de pânico. A real apreensão da cobertura midiática era que os homens encontravam-se inferiorizados por mulheres que, durante a guerra, usurparam o domínio exclusivamente masculino de espaços políticos, educacionais e profissionais. A situação se agravou com a constatação que, se em 1918 todas as mulheres (não somente as acima de 30 anos) pudessem votar, seu número seria superior ao de homens (WALLACE, 1997).

A estratégia foi controlar as mulheres através da demonização da mulher solteira e cultivação do medo da falta de homens. A mídia colaborou fortemente, ao ponto de apresentar diariamente uma manchete sobre “o problema feminino”. Por exemplo, em 26 de junho em 1923 o *Daily Mail* constatou que “as mulheres excedentes são um desastre para a raça humana [...] solteiras competem com homens e agravam o estado da guerra econômica” (MELMAN, 1988 apud WALLACE, 1997 p. 13). Ao demonizarem as mulheres que não se encaixavam no padrão, tais propagandas também serviam para pressionar as que não desejavam ser ostracizadas, criando uma época de estresse devido à pura quantidade de artigos de jornais diários especialmente escritos para o policiamento feminino.

ii. A Grande Guerra

A Guerra além de exacerbar o deficit masculino, acelerou a desestabilização dos papéis sexuais; as mulheres passaram a abandonar vestimentas e costumes antigos, causando uma nostalgia à feminilidade Eduardiana, presente nos textos do período entreguerras.

Devido a Guerra, reforçou-se, na cultura inglesa, o estereótipo do homem combatente, e da mulher como fardo não-combatente. Essa idealização gerou uma admiração excessiva pelos

homens e um influxo de mulheres que se alistavam para exercer em papéis de apoio, principalmente como enfermeiras. As mulheres eram incentivadas a nutrir um sentimento de admiração e irmandade em relação aos soldados, e não por suas colegas de trabalho (WALLACE, 1997).

iii. Freud e os sexólogos

Wallace dedicou, na sua tese, mais atenção à Freud, enquanto Jeffreys (1997), no seu livro, teceu uma crítica extensa aos sexólogos. No entanto, ambas concordam que o propósito da psicanálise freudiana e da sexologia era controlar a mulher para que cumprisse seu papel relativo ao homem, atendendo às demandas sociais. Wallace cita os trabalhos de Freud que foram publicados pela primeira vez na Inglaterra em 1909, enquanto Jeffreys cita os trabalhos de Ellis e Carpenter desde suas primeiras publicações em 1897.

Freud e Ellis, em prol da “liberdade sexual feminina”, desenvolverem suas teorias sobre sexualidade feminina criando os conceitos da mulher “histérica”, “frígida” e/ou “invertida”. Segundo eles, esses conceitos representavam falhas no desenvolvimento psicológico ou defeitos congênitos. Temendo serem ostracizadas, as mulheres buscavam adequar-se ao padrão exigido pelos autores (WALLACE, 1997). O discurso freudiano da sexualidade feminina usou o conceito edipiano para declarar a heterossexualidade como a verdadeira maturação sexual, considerando qualquer afeto feminino que não fosse direcionado aos homens como uma imaturidade ou “complexo de masculinidade”, já que a mulher não teria feito a transferência “natural” da mãe para o pai como objeto de afeto (FREUD, 2016, p. 4592). Esse novo discurso sancionou cientificamente a heterossexualidade feminina, nos moldes patriarcais, como esposa e mãe sendo papel natural da mulher, repudiando lésbicas e mulheres solteiras. Wallace usa a fala de Holtby (1985) para constatar que ser uma mulher solteira em 1930 era considerado uma ofensa pior do que ser promíscua.

Jeffreys refere, e crítica, extensivamente o trabalho de Ellis tanto em *The Spinster and Her Enemies* quanto em *The Lesbian Heresy*. A introdução do segundo volume da obra *Studies in the Psychology of Sex* (2004a) é suficiente para justificar as críticas de Jeffreys, nela ao descrever os tipos de sexualidades abordadas, Ellis conclui com: “E então falta a pessoa normal, que é a ‘heterossexual’” (p.6). Para Ellis, as “invertidas verdadeiras” eram congênitas que “deveriam ter sido homens” (p.145), e não poderiam ser modificadas, já as “pseudo-homossexuais” eram as

mulheres heterossexuais que haviam sido corrompidas ou por invertidas ou por uma maior independência, que então experimentavam uma homossexualidade falsa, imitada (p.6, p. 50, p. 150). As prescrições de Ellis se diferenciavam das freudianas, por supor que existiam algumas mulheres que não conseguiriam se tornar heterossexuais. Já Freud, também utilizando a terminologia de “inversão”, defendia que a homossexualidade era sempre desenvolvida por um complexo de masculinidade ou frigidez. Para Freud, então, todas mulheres poderiam encontrar seu verdadeiro propósito através do amadurecimento emocional até atingir a “feminilidade normal”, casar-se e submeter-se a um homem. Segundo Jeffreys (1993, 1997), essa diferença fez com que muitos homossexuais, inclusive lésbicas, aceitassem as ideias de Ellis como explicação de sua homossexualidade, já que além de oferecer uma explicação que não oferecia opção de “cura”, também poderia ser usada para gerar empatia ao assumir a ausência de culpa por terem “nascido assim”.

Wallace e Jeffreys citam um fato peculiar: a tentativa de tornar o lesbianismo ilegal na Inglaterra em 1921 através de uma emenda ao Código Penal de 1885 (sodomia era ilegal desde 1533). Sua peculiaridade se deve-se ao fato da emenda não ter sido acatada pois os membros do parlamento temiam que a criminalização aumentaria os casos de lesbianismo ao publicizá-lo. Aqui então vemos uma prática que poderia ser considerada como aceitação maior do lesbianismo, se comparada à criminalização da homossexualidade masculina, já que não havia punição, mas é uma prática de invisibilização do lesbianismo.

iv. Educação

Outro desenvolvimento social que deixou a hegemonia masculina apreensiva, foi o acesso de meninas e mulheres à educação secundária e universitária, pela qual feministas Vitorianas e Eduardianas lutaram arduamente.

Uma das preocupações em relação a educação secundária feminina envolvia o tipo de educação que as moças deveriam receber: se deveria ser similar à educação dada para os rapazes, que as dessexualizaria, ou se deveriam ser treinadas para o casamento e a maternidade. Essa preocupação aumentou a medida que escritoras femininas se formavam academicamente e se tornavam algumas das principais escritoras de suas épocas (WALLACE, 1997)². O fato de que

² Cabe aqui mencionar *Um teto todo seu* de Virginia Woolf, livro publicado em 1929 baseado nas palestras de Woolf realizadas em 1928, nas Faculdades de Newnham e Girton (duas escolas femininas na Universidade de Cambridge).

escolas exclusivamente femininas criavam um ambiente único que “validava a identidade feminina, recompensava inteligência e independência” e no qual “amizades femininas poderiam florescer” era ameaçador para a autoridade masculina. Em resposta, para difamar escolas de sexo único, Ellis defendeu que educação em escolas exclusivamente femininas ou masculinas incentivavam a homossexualidade (2004a, p.126, p.187).

Em 1922, fez-se um ataque impiedoso às professoras de escolas femininas, criando-se uma regra que impedia mulheres casadas de lecionar, portanto, as professoras de escolas femininas eram necessariamente solteiras. As teorias de Freud e Ellis foram especialmente danosas para essas mulheres, já que ambos classificavam a mulher solteira como uma perversa sexual (WALLACE, 1997). O ataque se deveu não só pela associação delas como “feministas solteiras”, mas também por serem mulheres economicamente independentes que desafiavam a autoridade masculina ao exigir oportunidades iguais na profissão (ibidem). O maior receio em relação a educação feminina não se originava das amizades que se formavam no ambiente escolar, mas sim da possível influência das professoras sobre as alunas: “As mulheres que tem a responsabilidade de ensinar essas meninas são, elas mesmas, amarguradas, assexuadas ou homossexuais afetadas, que tentam moldá-las ao seu próprio feitio” (ORAM, 1989 apud WALLACE, 1997). As escolas femininas eram vistas como não-naturais mas também, curiosamente, como estimulantes da tendência “natural” da rivalidade feminina. Devido ao impacto causado por sexólogos, escolas femininas eram vistas como saunas sexuais que forçavam emoções ilícitas e doentias entre mulheres, já que seu objeto “natural” de desejo, homens, não estavam presentes (WALLACE, 1997).

v. Feminismo dividido

Esse tópico também foi explorado por Jeffreys em um dos capítulos de *The Spinster and Her Enemies*. Jeffreys remonta à desestabilização do feminismo antes da Primeira Guerra Mundial, quando feministas se viram obrigadas a abandonar a luta sufragista para responder ao perigo eminente. Ela discorda da visão de que a conquista do voto para mulheres acima de 30 anos em 1918 foi uma das causas principais da desestabilização. A Liga de Libertação Feminina continuou lutando pelo sufrágio até 1928, quando as mulheres passaram a estar no mesmo

O livro trata sobre a educação, emancipação e autonomia femininas, exigindo a criação de um espaço literal e significativo para que escritoras possam se desenvolver e criar, apesar da dominação literária patriarcal.

patamar que os homens. Jeffreys demonstra como o ataque pesado e constante contra as feministas solteiras do final do século 19 chegou ao ponto de algumas delas buscarem acolhimento na religião, que atribuía valor sagrado ao celibato, e não um rechaço constante. Wallace defende que essa divisão dentro do feminismo não eram endêmicas e espelhavam-se nas mesmas divisões sociais, tais como idade, *status* marital, e classe social.

Entretanto, Wallace e Jeffreys fizeram críticas em comum às novas feministas pela priorização de relações heterossexuais e pelo foco em conseguir pautas por meio de *lobby* político. Jeffreys coloca que as posturas das novas feministas refletiram a influência do discurso sexológico recorrente, ainda em voga, citando feministas que propositalmente criticavam suas antecedentes pela falta de entusiasmo pelo casamento e pelo sexo com homens. Essas feministas justificavam suas políticas reformistas, que incentivavam casamento e maternidade, como funcionando em prol das “necessidades biológicas femininas”. Para Wallace, esse novo feminismo refletia e reforçava a ideologia dominante de maternalismo.

2.3 A CONSTRUÇÃO DA INVERTIDA E A ESTIGMATIZAÇÃO

Considerando as informações oferecidas por ambas autoras sobre as intenções de Ellis, faço aqui um recorte específico do tratamento à lésbicas por essas políticas e como elas diretamente influenciaram como mulheres, lésbicas ou não, se perceberam.

Como mencionado anteriormente, o conceito de Ellis de inversão sexual foi bem recebido por uma boa parte da população homossexual justamente pela invertida(o) ser considerada congênita(o) e permanente. No entanto, concordo com Jeffreys e Faderman quando afirmam que a classificação causou mais mal do que bem. Ao classificar a homossexualidade “verdadeira” como uma condição congênita, Ellis criou um estigma de que o homossexual verdadeiro nasceu defeituoso. Isso pode ser bem observado na obra de Radclyffe Hall, *The Well of Loneliness (O Poço da Solidão)*:

Você sabia! Você sempre soube disto, mas, você não me contou, devido a sua pena. O, Pai – e há tantos de nós – milhares de pessoas miseráveis, indesejadas que não têm direito ao amor, não têm direito à compaixão porque são mutilados, horrivelmente mutilados. Deus é cruel; Ele nos fez defeituosos. (p.226, tradução minha)

Ellis também estabeleceu a relação do lesbianismo aos papéis sexuais masculinos na sua definição de homossexuais verdadeiras como mulheres que eram quase homens, ou que desejavam ser homens, simplesmente por preferirem não realizar o papel feminilizante, conceito que perdura até hoje:

Sempre que estas mulheres usam roupas femininas, escolhem vestuário simples, como o dos homens, e manifestam, quase sempre, algum desdém pelos pequenos artifícios da elegância feminina. Mesmo quando não é óbvio a nível do vestuário, existem vários pequenos gestos instintivos e hábitos que podem suscitar comentários das amigas e conhecidas, tais como ‘esta devia ser um homem’. Os movimentos bruscos e enérgicos, a atitude dos braços, a frontalidade do discurso, as inflexões de voz, a simplicidade e o sentido de honra masculinos, mas especialmente a forma como se comportam com homens, que é isenta de qualquer sugestão de timidez ou audácia, sugere com frequência ao observador atento que existe alguma anormalidade psíquica subjacente. No que se refere a hábitos, não só existe frequentemente o hábito de fumar cigarros, que também se encontra muitas vezes em mulheres muito femininas, mas também uma grande paixão e tolerância por charutos. Observa-se também uma aversão e, por vezes, uma enorme falta de jeito para bordar e para outras ocupações domésticas femininas, ao mesmo tempo que se manifesta, frequentemente, alguma capacidade para desportos atléticos (2013, p. 1427-1438)

Definir lésbicas “verdadeiras” como “mulheres que desejam ser homens” é uma forma de ostracização das lésbicas. Ao posicionar lésbicas como nem completamente homens e nem completamente mulheres, impede-se que outras mulheres percebam lésbicas como suas semelhantes e colocam a lésbica em um limbo de pertencimento social. Comparar lésbicas com homens também serviu como forma de caracterizar a lésbica verdadeira em uma predadora sexual, como uma das discípulas de Ellis, Stella Browne (1923), em “Studies in Feminine Inversion” [Estudos sobre Inversão Feminina] argumenta que um dos indicativos de homossexualidade em uma mulher é seu excesso de afeto com crianças (apud JEFFREYS, 1997).

A segunda definição de homossexualidade que Ellis (2004a) estabeleceu foi a pseudo-homossexualidade, classificando-a como uma homossexualidade falsa influenciada por diversos fatores como: relacionamento com uma invertida, inteligência, independência, convivência em ambiente escolar. Ellis não foi o único sexólogo que usou tal definição, Edward Carpenter, um sexólogo homossexual, também fez uso dela e diretamente relacionava pseudo-homossexualidade com o feminismo (apud JEFFREYS, p.107). Outro sexólogo, Iwan Bloch, definiu que a homossexualidade verdadeira era mais comum em homens enquanto a pseudo-homossexualidade era mais comum em mulheres. A definição de pseudo-homossexualidade serviu como argumento naturalizante da heterossexualidade para mulheres. As definições de homossexualidade verdadeira estigmatizaram tanto mulheres que, de fato, tinham relações amorosas exclusivamente

lésbicas, quanto qualquer mulher intelectual, artista e/ou financeiramente independente; portanto, qualquer mulher que desafiasse suas definições de normalidade.

As a definição sexológica de pseudo-homossexualidade de Ellis foi responsáveis pela problematização de um fenômeno até então comum e, inclusive, bem-visto: as amizades passionais femininas. Essas amizades possuíam variadas demonstrações de afeto, românticas ou platônicas. Tais amizades eram vistas como prática para o casamento e muitas mulheres mantinham contato mesmo após estarem casadas (JEFFREYS, 1997, 1993). Mas devido à crescente independência econômica feminina, tais amizades passaram a serem percebidas como uma ameaça, já o que casamento não era mais crucial para sobrevivência feminina. Ou seja, tais definições serviram para estigmatizar essas relações, visto que qualquer demonstração física de afeto entre mulheres poderia ser classificado como pseudo-homossexualidade. Ao sabotar amizades femininas, lésbicas tornaram-se um alvo fácil para marginalização social.

Interlaçando a obra da Jeffreys e a tese da Wallace, é inegavelmente visível como o início do século 20 foi uma época de intensa misoginia e divisão feminina, largamente devido ao impacto causado pelas teorias antifeministas freudianas e sexológicas. Ellis, por exemplo, se declarava como um aliado feminista (JEFFREYS, 1997), mas defendia que homens e mulheres eram inerentemente/biologicamente diferentes em vários aspectos sociais, especialmente na sexualidade, e defendia que era natural e desejado que as relações sexuais entre homens e mulheres deveriam se dar pela dominação masculina e submissão (masoquista) feminina (2004b). Lilian Faderman (1981 apud JEFFREYS, 1997) demonstra que os conceitos sexológicos tais como a dominação masculina e submissão feminina foram diretamente retirados de práticas pornográficas seculares que se constituem na antítese do feminismo. Ou seja, Ellis transformou uma prática de ódio contra as mulheres em uma teoria (pseudo)científica que se transformou em cânone, ressonando até os dias de hoje.

A teoria da inversão baseia-se no fato da mulher não se adequar a esse falso modelo de sexualidade e ser rotulado por sua insubordinação/diferença.

2.4 HISTÓRIA LÉSBICA BRASILEIRA

Constatando a importância do trabalho de resgate histórico feito por Jeffreys e Wallace, é apropriado avaliar os registros históricos do lesbianismo no Brasil. O tratamento dado à lésbicas

no período colonial fundamentou a base para que as teorias e práticas europeias, relacionadas à sexualidade, fossem importadas para o cenário brasileiro pós-colonial, criando consequências semelhantes ao observado na Inglaterra.

As obras de Jeffreys e Wallace serviram para remontar a raiz dos ataques sistemáticos a lésbicas por discursos pseudocientíficos, em uma das primeiras contra-ondas antifeministas. Creio que as obras de Jeffreys, especialmente as focadas em lesbianismo, façam parte de uma resistência contra esses ataques, ao construir literatura engajada, materialista, partindo da realidade material e não de pressuposições teóricas que não patologiza nem invisibiliza lésbicas. Importância sociológica do tema do lesbianismo na atualidade. Hoje em dia, apesar da misoginia serem presentes, há um forte e crescente questionamento a ela, temos também uma nova onda feminista emergente que está se tornando abrangente, com recortes e intersecções com várias classes de mulheres

Devido ao meu objetivo de adaptar o capítulo de seu livro para uma leitura brasileira, busquei fontes históricas para determinar se existiam semelhanças na percepção e tratamento de lésbicas dentro do Brasil. Felizmente, foi possível encontrar material o suficiente para fazer um resgate histórico desde o período de colônia brasileira, e em várias instâncias, as crenças e práticas brasileiras são muito similares às práticas relatadas por Jeffreys e Wallace.

2.4.1 Lésbicas e o pecado, Brasil colonial

Minisa Nogueira Napolitano (2005) em sua dissertação de mestrado oferece uma coletânea dos registros clericais do colonialismo brasileiro, a maioria sendo condenações pela Inquisição brasileira. Ironicamente, é devido a essas condenações que podemos resgatar a histórica de lésbicas brasileiras. A autora começa demonstrando que desde o Brasil colonial percebe-se como a homossexualidade feminina E masculina estão atreladas a comportamentos como bestialidade, incesto e estupro (assim como a masturbação e sexo antes do casamento), semelhante ao que Jeffreys aponta logo no início do capítulo traduzido;

perseguição aos desvios sexuais, como a sodomia e a bestialidade, a partir do século XVI, passou para a esfera inquisitorial. Incesto, adultério, concubinato, estupro, masturbação e sodomia feminina, embora considerados pela teologia moral como merecedores do fogo do inferno, foram tratados apenas como pecados e somente a

sodomia masculina, a bigamia e a solitação, foram merecedores dos castigos e torturas do Santo Ofício (NAPOLITANO, 2005, p.12).

Contudo, Minisa Napolitano (2005) e a Prof^a Dra. Cláudia Freitas de Oliveira (2015) apontam que, apesar de existir uma determinação inquisitorial para que ambas fossem punidas com a mesma severidade, o tratamento dado à “sodomia feminina” (como era chamado o sexo lésbico) era diferente do tratamento dado à “sodomia masculina”. Outras classificações seriam “sodomia perfeita/própria”, praticada entre homens e “sodomia imperfeita/imprópria” praticada entre mulheres.

Na discussão sobre a sodomia cometida entre mulheres, em 1646, o Inquisidor Álvaro Soares de Castro e Sebastião da Fonseca concluíram que, entre mulheres, só poderia haver penetração através de instrumentos e, mesmo com seu uso, seria impossível derramar semente, relegando assim tais atos à molície. Diante disso, os atos ditos torpes praticados entre mulheres, caso não cumprissem os requisitos para serem qualificados como sodomia, eram tidos por molície, caracterizada por toques, abraços e beijos entre pessoas do mesmo sexo, assim como masturbação, felação e outros atos que não tinham a gravidade da sodomia. (NAPOLITANO, 2005, p. 17)

Como forma de resolver a questão, haja vista que era necessário enquadrar tipologias no caso do crime sexual praticado entre mulheres, a igreja nomeou a relação entre homens como sodomia perfeita, enquanto nas mulheres, configurava-se a sodomia imperfeita. Elas deveriam ser julgadas, mas o crime era considerado de menor gravidade, comparado aos praticados pelos homens. (OLIVEIRA, 2015, p.4)

Como Napolitano apontou, a causa da penalidade mais branda se dá por sexo entre mulheres não “derramar semente”.

As descobertas de médicos e anatomistas em relação aos órgãos reprodutores femininos influenciaram muito as visões sobre a sexualidade lésbica. Apesar de ser comum a crença de que as mulheres tinham testículos – que mais tarde vieram a ser chamados de ovários – que produziam sêmen, pensava-se que fosse menos ativo e menos importante na reprodução humana do que o do homem. A idéia (sic) de que elas podiam contaminar umas às outras, como os homens, pelo depósito de sêmen no local errado, era geralmente descartada. Portanto, a perda de sêmen masculino era considerada uma ofensa pior às leis de Deus e da natureza, do que o desperdício do sêmen ou dos órgãos reprodutivos das mulheres. Por tudo isso, as penalidades para atos sexuais entre mulheres tendiam a serem mais brandas do que as penalidades para atos que envolvessem relações entre homens. (p. 20)

É interessante perceber como, de fato, a penalidade inferior para relações lésbicas não se dava por pena, misericórdia ou bondade, e sim por misoginia. Havia um descaso da fisiologia feminina, “era mais fácil supor um corpo feminino monstruoso, do que questionar e rever critérios

desenvolvidos com base na anatomia do corpo masculino” (p.17). Essa invisibilização do corpo feminino originou a invisibilização das relações entre dois corpos femininos, ou seja, relações lésbicas. Apesar da relação homossexual masculina ser duramente reprimida, suas reações eram (e são) consideradas relações de fato.

O descaso com a fisiologia feminina e a tentativa de classificar o lesbianismo como anormalidade também gerou o início da classificação de mulheres lésbicas como masculinas e a busca por uma explicação biológica do lesbianismo. Mais uma vez, Minisa Napolitano demonstra como que, na tentativa de classificação da sodomia feminina, teólogos e inquisidores tentavam achar causas fisiológicas, chegando a acreditar que bastava uma mulher tivesse um clitóris grande que ela certamente iria “deflorar outra e cometer sodomia” (2005, p.15). No entanto, a medida que a Inquisição seguia, foi se diminuindo a punição pela sodomia feminina

As mulheres que o cometesse, umas com as outras, seriam degredadas por três anos para fora do arcebispado e as penas deveriam moderar conforme a qualidade da prova e as circunstâncias em que fora cometido. [...] as relações sexuais entre mulheres ficaram relegadas apenas ao crime de molície, já que somente nesse delito era reservado algum tipo de castigo a elas. (p. 24)

chegando ao ponto de esquecimento

No 13º parágrafo do Regimento de 1640, a sodomia entre mulheres foi tida como matéria duvidosa. Chegou-se a conclusão de que a Inquisição não deveria tomar conhecimento de tal crime até nova ordem, e esse parágrafo foi repetido até o último Regimento, de 1774, ordenado pelo inquisidor geral Cardeal da Cunha, durante o reinado de D. José. (p. 24)

2.4.2 Século 19 e início do século 20

Segundo Napolitano (2005), relações lésbicas só voltariam a ser registradas no século 19, dado a um fenômeno desencadeado pela vinda da Corte Real para o Brasil em 1808. A Corte serviu de porta de entrada para cultura, costumes e educação europeia; exigindo que a cidade colonial do Rio de Janeiro rapidamente se tornasse uma capital para agradar as exigências da família real. O acesso das mulheres brasileiras à vida pública foi um dos costumes implementados pela vinda da Família Real, causando mudanças significativas em suas vidas. A rotina da mulher colonial brasileira (ao menos a de classe média) se resumia a ficar em casa e “seus contatos se restringiam ao marido, aos filhos, aos escravos, às comadres, aos compadres e à parentela” (p.26). Mas, a importação dos costumes europeus de leitura, teatro, cafés, restaurantes

causaram mudanças na vida colonial e o convívio social largamente se intensificou. Entretanto, tal crescimento repentino de colônia para metrópole em menos de 50 anos também teve seu lado negativo, com o surgimento de mazelas internas (vagabundos, criminosos, libertinos, capoeiras, prostitutas) e da presença políticos externos (recolonizador e liberais), sobrecarregando os responsáveis pela manutenção da ordem e segurança social: a Guarda Municipal Permanente e, seu reforço, Guardas Urbanos. A polícia deixou de ser, então, o único grupo que buscava combater a desordem social interna, pois vários cidadãos tentavam melhorar o quadro social, como juristas e pedagogos, o mais importante deles para a questão lésbica brasileira foram os médicos.

Os médicos passaram a ser cada vez mais solicitados pelo Estado para resolver os problemas sociais, especialmente de higiene e desvios comportamentais;

“Tendo por alvo principal a família de elite, eles esforçaram-se por diagnosticar, e tratar, tudo aquilo que escapasse ao que entendiam por normal – desde hábitos pouco civilizados, pouco europeus, até os ditos vícios da população [...] passando pela constante desordem da cidade, causa de muitas doenças”. (NAPOLITANO, 2005, p. 30)

O lesbianismo voltou a ser registrado, porém, passou a ser encontrado novamente na categoria de “vícios da população”. Baseados em teorias e visões europeias, os médicos tratavam a família como a base da mudança social; a função familiar de procriar para o bem da nação tornou-se oficialmente a prioridade do casal heterossexual brasileiro.

Dessa vez, não foram somente mulheres que deveriam acatar à padrões de comportamento. A higienização da família veio como um dever de todos cidadãos. Apesar de não sabermos até que ponto o que era verdadeiramente cobrado, homens passaram a também ser responsáveis pelo bem-estar da família brasileira: deveriam evitar prostitutas para prevenção de doenças venéreas e, conseqüentemente, evitar filhos sífilíticos. À mulher recaiu o resto da responsabilidade do cuidado dos filhos, visto que qualquer negligência “comprometeria a saúde física e moral do casal” (NAPOLITANO, 2005 p. 31). O casal precisava manter um amor equilibrado e companheiro para que não houvesse problemas no cumprimento de sua função de procriação. Portanto, qualquer comportamento que desviasse o cidadão ou a cidadã de sua função social era veementemente combatido como, por exemplo, “o comportamento dos homossexuais, das prostitutas, dos celibatários, nas ninfomaníacas, dos alcoólatras, dos libertinos, dentre muitos outros.” (ibidem). Mais uma vez vemos a homossexualidade (e, por consequência, o lesbianismo) não sendo classificado como uma sexualidade por si só, e sim como um desvio comportamental

da sexualidade normal (heterossexualidade). Começa então a medicalização e a patologização de gays e lésbicas, já que, de acordo com os próprios médicos, somente eles seriam capazes de tratar e prevenir esses “desvios sociais”.

A medicina tomou o lugar da Inquisição para lidar com as “aberrações sexuais”. Dessa vez, no entanto, no lugar de punição e castigo divino, os médicos viam esses desvios (agora não mais chamados de “sodomitas” e sim de “pederastas, tríbades, safistas ou lésbicas”) como sendo doença moral, que precisava de diagnóstico e tratamento. O Brasil importou o discurso europeu evolucionista determinista (eugênico) para se destacar como país de ética científica – e não necessariamente de descobertas e avanços científicos –, se juntando ao discurso de preservação da família:

Sob o pretexto da desorganização urbana e social da cidade, causadora de doenças, mortalidades e distúrbios no seio familiar, a higiene impôs toda uma norma moral, física, intelectual e sexual a ser seguida sob pena de, caso não fossem cumpridas suas preceituações, colocar em cheque a autoridade dos pais, o respeito dos filhos, a submissão da mulher e o progresso do país. A educação moral criou a figura do indivíduo contido, polido, bem educado, de comportamento disciplinado, do *gentleman* europeu; a educação intelectual inculcou nos indivíduos o preconceito de que os homens eram capacitados para atividades intelectuais e as mulheres para atividades domésticas, como cuidar dos filhos; já a educação sexual tinha por finalidade transformar homens e mulheres em reprodutores e reduzi-los para as funções de pai e mãe. (NAPOLITANO, 2005, p. 48, grifo da autora)

O papel da mulher na família brasileira acabou sendo maior, pois além de ser responsável pelo futuro da nação através da procriação, ela se tornou a mediadora entre o médico e seu marido e filho(s); “à mulher, de acordo com os médicos, cabia zelar pela saúde e pela conservação da espécie” (p.51). Era de extrema importância, então, preservar a sua integridade combatendo vícios e desvios de conduta. Assim como os costumes coloniais foram substituídos pelos novos costumes culturais de vida extradoméstica; o médico, então, substituiu o papel o confessor na vida das mulheres. O médico se tornou uma figura de confiança na vida das mulheres, dissolvendo o absolutismo do pai e do marido, mas intimamente vigiando e policiando a conduta delas:

a invasão do cenário urbano pelas mulheres não significou um abrandamento das exigências morais; ao contrário, quanto mais elas escaparam da esfera privada do lar, mais a sociedade burguesa cobrou seus descuidos da vida doméstica, como a amamentação e o cuidado com os filhos e o marido (RAGO apud NAPOLITANO, 2005, p. 55)

Uma das formas de controle foi exaltar os benefícios do casamento para a saúde física e moral da mulher. Napolitano aponta que uma das diferenças dos médicos oitocentistas para os teólogos colonialistas era o fato de que os médicos possuíam um profundo interesse pela biologia feminina, e grande parte das teses médicas (especialmente na segunda metade do século 19) eram sobre o corpo feminino, estudando de menstruação até histeria. A mulher foi deixando de ser vista como um ser assexuado para um ser com necessidades sexuais que precisavam de monitoramento. Curiosamente, é neste período que começa atribuição da menstruação como causa de perturbações emocionais, intelectuais e mentais na mulher, inclusive desvios sexuais e comportamentais, “se tornando nítida a relação intrínseca que esses médicos estabeleceram entre as afecções dos órgãos da sexualidade da mulher e os seus distúrbios mentais” (NAPOLITANO, 2005, p. 65).

Aí começa a atribuição de distúrbios femininos à infame histeria. A histeria era vista como uma doença hereditária e/ou de origem biológica, exclusivamente feminina, que podia ser observada até por sintomas físicos. A histeria era vista como causa, ou facilitadora, de várias neuroses e desvios, chamadas perversões sexuais, demonstrando novamente a associação feita por médicos entre distúrbios mentais e desvios sexuais. Os meios de prevenção seriam a boa educação e o casamento – ou seja, mulheres comportadas, heterossexuais e submissas

Talvez a instituição mais defendida por esses médicos tenha sido o matrimônio; afinal de contas, ele era o espaço da sexualidade permitida e sadia, era através dele que se reproduziam os indivíduos saudáveis e bem educados, além do mais, todas as relações sexuais exercidas fora dele não estavam de acordo com os padrões higiênicos propostos pela medicina. (NAPOLITANO, 2005, p.69)

Pela pesquisa realizada por Napolitano (2005), é possível apontar a causa moderna de relações lésbicas não serem consideradas relações verdadeiras. Ela disserta sobre como a masturbação era vista como um possível caminho para a ninfomania (vício feminino), pois ambos eram práticas desviantes da sexualidade tida dentro do casamento. A masturbação entre duas pessoas também era considerada, já que desvirtuava a mulher do seu papel de reprodutora, e nas descrições de masturbação os médicos mencionam uma mulher masturbando a outra, ação que passou a ser chamada de tribadismo, “safhismo” ou clitorismo. Havia a crença de que o clitorismo era praticado por mulheres querendo satisfazer seus desejos sexuais, mas, ao mesmo tempo, permanecerem virgens. É perceptível, então, que a relação sexual lésbica era vista como somente um ato masturbatório que não se classificava como um verdadeiro ato sexual pois não

havia a “perda da virgindade”. A conservação da virgindade foi também vista como uma das causas da disseminação do sexo lésbico (clitorismo), atribuindo novamente a origem das relações lésbicas a qualquer causa além do simples fato que mulheres se interessam pelo mesmo sexo. Outras causas atribuídas ao lesbianismo – que não simplesmente amor entre mulheres – seriam: desprezo por homens, medo de gravidez, influência de romances, clima tropical, ingestão de álcool, menstruação desregulada, menopausa, pobreza e falta de contato com religião.

Seguindo o texto de Napolitano, podemos traçar a origem do tratamento do lesbianismo como doença ao século 19, quando a medicina usou as teorias de histeria e a catalogação de comportamentos desviantes como justificativa para “intervir em todos os níveis das relações sociais e dos comportamentos sexuais” (2005, p. 70). Assim, coube a medicina separar quem era saudável ou doente, e diagnosticar caso a autora da conduta era criminosa (e deveria ser punida) ou doente (precisava de tratamento). Na reconhecida obra de Jose Ricardo Pires de Almeida e Viveiros de Castro, *Atentado ao Pudor* (1894), referenciada por Napolitano, existe a discussão de classificação das aberrações sexuais como crimes ou doenças:

[...] o tribadismo era atribuído à falta de exercício, à vida sedentária, ao aborrecimento, à negligência das mães, como também poderia ser resultado do **desequilíbrio mental** e da **inversão sexual**, um dos **sintomas da loucura** (p. 80, grifos meus).

Como citado por ela, é possível observar também os discursos freudianos e sexológicos de inversão sexual, “o tribadismo na mulher pode ter como causa o **desequilíbrio mental**, uma **inversão congênita** ou o vício”; “A inclinação para a homossexualidade nem sempre é devida a condições mesológicas; **muitas vezes a mulher traz innato**” (CASTRO, 1824 apud NAPOLITANO, 2005, grifos meus).

Ainda em sintonia com os sexólogos, Napolitano (2005) narra como Dr. Pires Almeida descreveu a necessidade de se separar os invertidos verdadeiros – que apresentavam a inversão desde crianças e seriam os “doentes”(as “invertidas verdadeiras” definidas por Ellis) – dos pervertidos (pseudo-homossexuais) – que eram influenciadas pelo meio e que poderiam ser consideradas criminosas. Cláudia de Oliveira (2015) cita como Castro acreditava que quando homossexuais cometessem delitos era necessário considerar o “*estado degenerativo de sua sexualidade*” (grifo da autora) para que fossem designados para um hospício, em vez de um presídio, de forma que houvessem chances de “regeneração”. É possível ainda traçar a origem da “cura gay” pelo livro de Almeida e Costa, ao receitarem os tratamentos para que mulheres

deixassem a inversão: educação das vantagens sociais da vida de esposa e mãe, e sugestão mental por hipnose (apud NAPOLITANO, 2005, p.83). A Prof^ª Dra. Cláudia Freitas de Oliveira (2015) e Marlon Silveira da Silva (et al, 2015) comentam como essa educação contra a inversão também se dava em ambientes escolares, por intermédio de professores em ligação com os médicos, já que acreditava-se que era nos colégios, pensionatos e conventos que as inversões se manifestassem com maior frequência. De acordo com Silva, a ideia por trás do tratamento e prevenção era que:

Se por um lado as inversões e anormalidades deveriam ser corrigidas, por outro, a ação terapêutica preventiva deveria preocupar-se com o período pré-patogênico, ou seja, antes do aparecimento dos primeiros sinais clínicos das anomalias (2015, p. 8)

2.4.3 Segunda metade do século 20 em diante – uma luz

Cláudia de Oliveira (2015) e Marlon da Silva (2015) nos levam adiante, demonstrando uma pequena melhora na percepção do lesbianismo nas décadas de 1940 e 50, quando Iracy Doyle, psiquiatra, por meio de sua dissertação de doutorado, “Contribuições ao Estudo da Homossexualidade Feminina” (1956), supôs que lesbianismo poderia ser uma condição natural humana, porém não descartando totalmente o viés de patologia. Marlon da Silva explora o estudo de caso de Doyle, destacando como seu trabalho foi um dos poucos dedicados ao lesbianismo no século 20, e o primeiro feito por uma mulher.

Silva (2015) ressalta a influência do freudianismo na dissertação, ao Doyle associar o lesbianismo da sua paciente a uma admiração do poder do pai e à negação da submissão da mãe. Mesmo que não pareça, a posição de Doyle pode ser considerada progressiva para a época, por supor o lesbianismo como alternativa ao papel submisso de mães e esposas. Doyle também definiu os papéis percebidos como femininos e masculinos como construções sociais, uma análise coerente com a teoria feminista.

Luana Farias Oliveira (2017) comenta que os movimentos sociais de 1960 permitiram uma abertura de diálogo positivo em relação ao lesbianismo, como comércios direcionados a população LGBT (GREEN, 2005), mas aponta que as conquistas positivas em relação à homossexualidade feminina e masculina ainda são ainda muito recentes. Um exemplo disso foi a retirada da classificação de homossexualidade como doença da lista internacional de doenças, que somente foi realizada pela Organização Mundial de Saúde em 1990.

Luana Oliveira (2017) relata a resistência lésbica e como eram perseguidas no período da ditadura militar (1964-1985). Segundo a autora, foi na ditadura que o movimento LGBT brasileiro formou sua primeira onda, lutando por questões democráticas em ligação com suas pautas específicas já que eram perseguidos tanto pela repressão ditatorial quanto pela homofobia da esquerda brasileira, que ainda enxergava a homossexualidade como um “vício burgues”. Um grupo de homossexuais masculinos lançou o jornal *Lampião da Esquina* em 1978, primeira “publicação de temática LGBT de ampla circulação no Brasil”.

Em todas as edições o jornal discutiu assuntos relacionados à Ditadura, como abertura política, anistia, censura e perseguição aos homossexuais – inclusive ao próprio jornal. Seu nome, *Lampião da Esquina*, representa metaforicamente uma luz de esperança para a população LGBT que, impedida pelo preconceito e violência, resguardava sua socialização aos guetos, becos e esquinas (OLIVEIRA, 2017, p.).

A existência do *Lampião da Esquina* facilitou a criação do grupo LGBT “Somos” ao fortalecer a organização dos gays combativos de São Paulo. Mesmo assim, levou um ano para que lésbicas pudessem ser permitidas a escrever sobre si mesmas e suas próprias pautas dentro jornal. Pela primeira vez na história brasileira, lésbicas foram tratadas publicamente sem ser de forma patologizante ou criminal (OLIVEIRA, 2017).

O primeiro artigo lésbico do *Lampião* mostra como lésbicas eram conscientes de sua realidade, especificidades e invisibilização – inclusive dentro do próprio movimento feminista – e conscientes das outras opressões, como racismo, e questões políticas, a luta contra a ditadura. Luana Oliveira coloca, baseada em Miriam Martinho (2012) e Patrícia Lessa (2008), que após sua primeira publicação no *Lampião*, as lésbicas do grupo *Somos* criaram a primeira auto-organização de lésbicas brasileiras: o grupo *Lésbico-Feminista (LF)*. O grupo, no entanto, ainda era uma subdivisão do *Somos* e foi somente em outubro de 1981 que lésbicas criaram um grupo independente, o *Grupo de Ação Lésbica Feminista (GALF)*.

Surgiu, então, o *Chanacomchana*, primeira publicação ativista lésbica do Brasil. Era organizado primeiramente pelo LF e seguiu sendo publicado como boletim pelo GALF. Contou com 12 edições entre 1981 e 1987 (MARTINHO, 2012). O boletim não só permitiu a abertura de um espaço para que lésbicas pudessem falar de suas realidades, como também abriu caminho para a primeira manifestação brasileira contra a lesbofobia. Essa manifestação ocorreu no *Ferro's Bar*, que era frequentado por lésbicas, gays e grupos de esquerda, porém, os donos e seguranças passaram a agredir as lésbicas que vendiam o boletim no estabelecimento. Após os proprietários

tentarem expulsar as integrantes do GALF em 23 de julho de 1983, elas fizeram uma denúncia da lesbofobia e a hipocrisia do estabelecimento chamando pela luta contra situações semelhantes que, sem dúvida, voltariam a acontecer. O GALF teceu uma crítica sobre o fato de que a repulsa lesbofóbica não se estendia ao seu dinheiro, ou seja, uma falsa inclusão do capitalismo. Luana Oliveira (2017) tece um importante comentário sobre essa falsa inclusão, não só capitalista como social

Há um limite à tolerância (e não aceitação) da sociedade para com as lésbicas. Assim é não só o ocorrido no Ferro's durante a Ditadura, mas também em todos os âmbitos da sociedade, como na família e no trabalho. Tolera-se, em maior ou menor grau, a existência das lésbicas, mas desde que não demonstremos afetividade em público e à luz do dia, não afirmemos nossa sexualidade com orgulho, não levantemos nossa bandeira de luta. A lesbianidade pode ser tolerada, desde que seja vivida na invisibilidade a que é condenada. (OLIVEIRA, 2017)

A manifestação do GALF realizou-se em 19 de agosto de 1981 quando, apoiadas por feministas e militantes gays, conseguiram driblar o porteiro do bar e ocupar o espaço. As integrantes exigiram o comprometimento público do dono do bar para permitir a venda do boletim *Chanacomchana* dentro do estabelecimento. Saindo vitoriosas, propuseram que essa data fosse reconhecida como o Dia Nacional do Orgulho Lésbico, que foi oficializada 25 anos depois em 2008 pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (MARTINHO, 2012).

Um momento lesbofóbico e vergonhoso na história feminista brasileira aconteceu no II Congresso da Mulher Paulista (1980), quando o movimento Lésbico-Feminista ainda existia e fizeram parte de sua coordenação. O painel feito pelas militantes do LF, *Amor entre mulheres*, foi destruído e teve suas fotos rasgadas pelas participantes feministas. Houve também uma resistência agressiva a debates sobre o racismo sofrido por mulheres negras (OLIVEIRA, 2017).

Luana Oliveira descreve que a repressão ditatorial teve facetas exclusivamente lesbofóbicas, como a perseguição da escritora lésbica Cassandra Rios (primeira escritora brasileira com mais de um milhão de exemplares vendidos) (COMISSÃO DA VERDADE, 2014) que além de não ter recebido a mesma solidariedade reservada a outros artistas censurados, caiu em esquecimento.

Em 1977, mil e quarenta e seis intelectuais escreveram e assinaram o Manifesto contra a Censura, para entregar ao Ministro da Justiça Armando Falcão. Originalmente, entre os signatários do Manifesto, era citado o nome de Cassandra Rios, mas o texto que foi entregue ao Ministro chegou sem o nome dela. O corte foi feito por um dos intelectuais responsável pelo encaminhamento do mesmo, alegando que Cassandra não era uma

escritora séria e por isso a censurou. O fato é que muitos dos escritores constantes daquele documento não foram acintosamente perseguidos e proibidos naquela época como foi Cassandra, a artista mais censurada deste país. (FERNANDES, 2015, p.128)

Outro caso exclusivo de repressão lesbofóbica citado por Luana Oliveira foi quando o delegado José Richetti atacou bares frequentados por lésbicas na “Operação Sapatão” em novembro de 1980. Existe somente um registro histórico dessa operação, uma matéria de Omar Cupini para o Jornal Repórter, de 1981, no qual uma testemunha relata a violência e a lesbofobia de toda operação (resgate feito por Rita Colaço, no blog “Memória/História MHB-MLGBT”, 2009).

2.4.4 A ideia da lésbica masculina

Uma das questões éticas que teve grande influência no trabalho de tradução foi em relação a referência de lésbicas enquanto “masculinas”. Como este trabalho traduz somente o primeiro capítulo, há uma perda significativa do debate do restante da crítica tecida por Jeffreys à atribuição de um papel masculino para lésbicas. Atualmente, a teoria em voga é a inicialmente propagada por Butler, na qual associa-se gênero à performance, identificação e binarismo (JEFFREYS, 2014). Esse é um longo distanciamento das teorias materialistas e construcionistas, que analisam a construção de papéis sexuais na sociedade como hierarquia consequente da opressão da exploração da capacidade reprodutiva de fêmeas humanas. Tal distanciamento pode dificultar enxergar o que há de tão problemático e danoso ao se referir a uma mulher, especialmente lésbica, como “masculina/masculinizada”. Justamente por esse motivo, considerei mais apropriado ter uma seção especialmente dedicada a essa crítica.

É possível apontar a origem da necessidade de se encaixar lésbicas em uma classificação como “masculina” nos primórdios da sociedade brasileira, quando os padres e teólogos da Inquisição colonialista possuíam tanta ignorância a respeito do corpo feminino – e tanto descaso para sanar tal ignorância – que apenas o compreendiam em comparação ao corpo masculino (NAPOLITANO, 2005). O descaso masculino em um mundo patriarcal permite que várias observações equivocadas não desapareçam mesmo após serem cientificamente desmanteladas. Como visto anteriormente, não só o corpo feminino era compreendido através do masculino, como também as relações entre mulheres só eram compreendidas através de comparação com as relações masculinas, como a definição da sodomia feminina. Essa nomenclatura diretamente

influenciou a forma que os “papéis” da relação lésbica fossem resumidos a uma dinâmica heterossexual de masculino-feminino, pois uma praticaria a sodomia enquanto a outra seria vítima desta. A noção de sodomia também diretamente influenciou a veracidade das relações lésbicas, já que por não derramar a semente, não era algo verdadeiro como a sodomia masculina; mulheres, mesmo que assumissem um “papel masculino”, não possuíam a importância masculina por não possuir a “semente”.

Fazendo o mesmo pulo que os registros brasileiros fazem em relação à documentação do lesbianismo, vamos (voltar) para a época de higienização da sociedade brasileira; voltemos para o Dr. Pires de Almeida. Em suas descrições de desvios sexuais femininos, há o caso do “masculinismo”, cujas mulheres que “sofriam deste mal” se comportam e vestem “como homens” e, “e, se pudessem, virariam homens por completo” (NAPOLITANO, 2005). Dr. Pires e outros médicos oitocentistas e novecentistas sofrem da mesma cegueira patriarcal que sofriam seus predecessores religiosos: enxergar mulheres e relações lésbicas somente pela comparação ao masculino. Não bastando isso, Dr. Pires e outros médicos oitocentistas comparam a mulher “ativa” na relação (a “masculina”) a comportamentos de animais, de “bestas-fera” e de “monstros” (Ibidem).

Esse discurso é intimamente ligado com o discurso da psicanálise freudiana e da sexologia ao tentar explicar a sexualidade lésbica; como visto no estudo de caso da Dra. Boyle (1959), que ligou o lesbianismo de sua paciente ao desejo pelo poder do pai e repulsa da submissão da mãe.

2.4.5 A invisibilidade lésbica

A falta de literatura sobre lésbicas no Brasil é, como visto, um fenômeno histórico. Apesar de ter um aumento contínuo no número de trabalhos e pesquisas não-patologizadores sobre lésbicas desde o século 20, ainda há uma falta de estudos sobre lesbianismo na literatura acadêmica brasileira. Segundo Cláudia de Oliveira (2015):

A partir, sobretudo dos anos de 1980, uma crescente e significativa bibliografia passou a se dedicar, como objeto de pesquisa, aos mais diversos tipos de mulheres: burguesas, populares, escravas, livres, indígenas, solteiras, casadas, loucas; mulheres estas investigadas em períodos, igualmente distintos, como: colonial, monárquico e republicano. Contudo, quando investigamos acerca dos trabalhos dedicados à questão da lesbianidade, ao longo da história do Brasil, por parte dos meios universitários e

acadêmicos, chamam-nos a atenção as poucas ou pontuais publicações acerca desse perfil de mulheres. (p.3)

Anderson Guimarães dedica seu trabalho a essa falta de representação, afirmando que “O Brasil configura-se como um dos países onde menos se publica, se estuda ou se lê a respeito da lesbianidade” (2011, p.8), porém afirma que essa característica não se restringe ao Brasil. Guimarães também denuncia o androcentrismo ainda presente mesmo na academia ao apontar que quando a homossexualidade é abordada, o homem gay é quem é colocado em foco. Corpos femininos continuam sendo menosprezados.

Tania Navarro-Swain em *O que é lesbianismo* (2000) denuncia como não só a história brasileira, mas também a história mundial tende ou a apagar mulheres lésbicas ou tratá-las como mito “a política do silêncio é a melhor aliada da política do esquecimento” (p.26) – o caso mais conhecido sendo as amazonas. Cláudia de Oliveira também menciona essa lacuna ao comentar sobre as dificuldades de se reconstituir a historicidade de lésbicas e apontar como existe pouca documentação histórica. Navarro-Swain (2000) também é extremamente crítica de como esse apagamento acontece, também se referindo ao fenômeno de classificar lésbicas como “sodomitas”, e relaciona com a atualidade, quanto ao uso de “homossexual” ou “gay” para classificá-las. “As mulheres homossexuais não tinham direito a um nome, logo à existência” (p.19).

Esse apagamento de relações lésbicas e de sexo lésbico cria um paradoxo que Navarro-Swain aponta: mulheres lésbicas sendo vistas ou como predadoras sexuais – visão originária da sexologia – e ao mesmo tempo como seres assexuais, pois suas relações não são tidas como verdadeiras, vide a falta do falo. Navarro-Swain, além de apontar que homens ignoram as relações e a sexualidade lésbica, disserta como a socialização feminina educa meninas para que cresçam sem falar sobre sua sexualidade. Como lésbicas também são mulheres, passam por essa mesma socialização, que acaba sendo mais um (grande) fator que determina como veem sua própria sexualidade. Como exemplo, Navarro-Swain referencia a pesquisa específica da identidade lesbiana feita pelo MIEL (Mouvement d’Information et d’Expression des lesbiennes de Paris) em 1987-88, onde não havia perguntas sobre sexualidade (atividade sexual em vez de

orientação sexual) mesmo sendo lésbicas que fizeram o questionário – como sempre, pessoas oprimidas reproduzem os valores que são passados pela ideologia opressora vigente.³

3 METODOLOGIA DA TRADUÇÃO

3.1 O CONCEITO DE TRADUÇÃO

Agora que foram discutidos os aspectos teóricos ligados à obra de Jeffreys, e o contexto histórico brasileiro, passamos para a discussão tradutória do capítulo em questão. Na minha experiência, a concepção do trabalho de tradução dentro da sociedade brasileira é distorcida, sendo subestimado e, por vezes, considerado desnecessário. Existe uma crença de que basta entender ou falar uma língua estrangeira para conseguir traduzi-la. Creio que um dos indicativos desse fenômeno sejam as piadas recorrentes dos estudantes e professores de tradução, que referenciam a clientes que pedem para “fazer uma traduçãozinha rápida ai” já que “eles mesmos fariam se não estivessem muito ocupados”; ou os que preferem passar para o “sobrinho que foi para a Disney traduzir”. Existe também o inverso, acreditar que somente pessoas com proficiência avançada na língua estrangeira são capazes de traduzir “corretamente”. Esses conceitos equivocados geram grande dificuldade e descaso em relação a profissão do tradutor – especialmente quando *freelancer*.

Caso qualquer pessoa busque traduzir, ela perceberá que não se resume a apenas um único fator, e que uma boa tradução depende de muito mais do que um entendimento da língua estrangeira. Pode-se, então, definir tradução como sendo “um processo interpretativo e comunicativo que consiste na reformulação de um texto com os meios de outra língua e que se

³ Tirando o foco do tópico da invisibilidade lésbica, e focando na invisibilidade da misoginia, gostaria de trazer esse trecho da obra de Navarro-Swain : Navarro-Swain, citando Bonnet, refere-se a um dos meios europeus utilizados para controle de sexualidade feminina desde o século XIX até antes da Segunda Guerra: a “ablação, excisão, cauterização” do clitóris. Processo que atualmente é reconhecido por acontecer no continente africano e em alguns países do oriente, Navarro-Swain critica como convenientemente foi-se esquecido que o continente Europeu possuía as mesmas práticas que condenam, mas também como usam o escudo da mutilação feminina ser justificada por ser “cultural”.

desenvolve em um contexto social e com uma finalidade determinada” (HURTADO ALBIR 2001, p. 41, tradução por KAMPMANN, 2017)⁴

O conceito de tradução evoluiu com o tempo e, embora o propósito desse trabalho não seja traçar um histórico, considero importante reconhecer o desenvolvimento das teorias tradutórias. Portanto, baseio-me na obra *Introducing Translation Studies Theories and Applications* de Jeremy Munday (2001), que consegue traçar o histórico da tradução de forma didática e sucinta, visto que abrange vários estudos de tradução e contém algumas observações do próprio autor.

Munday começa a história da tradução antes do século vinte, com o conhecido debate entre “tradução literal” (palavra por palavra) e “tradução livre” (sentido pelo sentido). Creio – baseada em minha percepção passada e minhas experiências pessoais – que quando falamos com alguém leigo em tradução, a pessoa tende a acreditar que tradução é “literal” (palavra por palavra) e tende a achar que traduções livres não são “fiéis o suficiente” ou são totalmente desonestas. Mas Munday mostra como o pensamento inverso era comum antes do século 20, tradutores famosos (sic) – Cícero e São Jerônimo – desconsideravam a tradução literal e favoreciam a tradução livre, majoritariamente por questões de compreensão e questões estéticas. Munday também disserta como tradutores orientais chegaram a conclusões semelhantes, mesmo não possuindo contato (ou pouco contato) com cultura ocidental. Martinho Lutero é mencionado pois, apesar de não agregar muito ao que Cícero e São Jerônimo já haviam expressado sobre tradução, sua tradução da Bíblia com uma linguagem que o “povo comum” pudesse compreender foi crucial.

Pois não se tem que perguntar às letras na língua latina como se deve falar alemão, como fazem os asnos, mas sim há que se perguntar à mãe em casa, às crianças na rua, ao homem comum no mercado, e olhá-los na boca para ver como falam e depois traduzir; aí então eles vão entender e perceber que se está falando em alemão com eles. (LUTERO, 2006 p.4)

Em 1920, Flora Amos foi uma das pioneiras em compilar, pesquisar e explorar estudos sobre tradução (MUNDAY, 2008). Ela comenta sobre como as teorias de tradução eram desconexas, muitas vezes devido ao desconhecimento das teorias anteriores. Os próprios termos como “tradução”, “fidelidade” e “precisão” possuem significados bem diferentes para autores

⁴ No original: un proceso interpretativo y comunicativo consistente en la reformulación de un texto con los medios de otra lengua que se desarrolla en un contexto social y con una finalidad determinada.

diferentes (AMOS, 1973). Munday e Amos exploram como o século 17 foi mais organizado em relação a tentativas sérias de teorias de tradução, fazendo referência direta a Denham, Cowley e Dryden. Munday afirma que a breve descrição do processo tradutório por Dryden teve um enorme impacto em futuras teorias tradutórias. Os processos de tradução descritos por Dryden são:

- **metáfrase:** correspondente a tradução literal;
- **paráfrase:** uma tradução “fiel”, que mantém aspectos do autor mas é mais livre;
- **imitação:** abonando igualdade de palavras e sentido, quando o tradutor faz praticamente uma adaptação. (p.26)

Munday comenta sobre como, para Dryden, nem metáfrase nem imitação são desejáveis.

Munday chega, então, no icônico Friedrich Schleiermacher, cuja dissertação, *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens* (1813)⁵, sobre tradução ainda é influente. Munday apresenta a teoria de Schleiermacher, distinta de todos outros tradutores citados até então, pela sua definição dos dois tipos de tradutores:

1. O *Dolmetscher*; que traduz textos comerciais
2. O *Übersetzer*; que traduz textos eruditos e acadêmicos

Munday comenta sobre como Schleiermacher argumentava que existiam somente dois caminhos para o tradutor “verdadeiro” (sic): “Ou o tradutor deixa o autor o mais possível em paz e leva o leitor ao seu encontro, ou deixa o leitor o mais possível em paz e leva o autor ao seu encontro.” (SCHLEIERMACHER, 2011, p. 23); sendo o primeiro caminho seu preferido. Do século 20 em diante, há inúmeras teorias de tradução e inúmeros autores para cada uma delas; como Jakobson (1959), Nida (1960) e Newmark (1981).

Dada essa extensa literatura, ficou claro que seria necessário definir um método tradutório para a formulação deste trabalho. Sendo assim, neste trabalho, farei uso principalmente das teorias de Skopos de Katharina Reiss e Hans Vermeer; do funcionalismo da Christiane Nord;

⁵ Traduções sinóticas: Sobre os diferentes métodos de tradução (POLL, 2001)/Sobre os diferentes métodos de traduzir (BRAIDA, 2011)/Dos diferentes métodos de traduzir (FURLAN, 2011).

da noção de competência tradutória de Amparo Hurtado Albir; e do conceito de domesticação de Lawrence Venuti (1995) (fortemente influenciado por Schleiermacher).

3.2 BASE TEÓRICA

3.2.1 Competência tradutória

A competência tradutória é explorada e explicada especialmente por Amparo Hurtado Albir, e venturada por Umberto Eco. Ambos possuem materiais ótimos que exploram as dificuldades da tradução e as competências necessárias para poder produzir uma tradução competente.

Hurtado Albir é largamente reconhecida por dissertar sobre competência tradutória em seu livro *Traducción y traductología: introducción a la traductología* (2001) e em seu livro do conjunto PACTE (2017). Albir monta uma análise histórica da definição de competência tradutória por vários teóricos de Estudos de Tradução para, então, formar uma definição holística da competência. Sua versão final é que a competência tradutória é composta por cinco sub-competências diferentes e componentes psico-fisiológicos:

- Sub-competência bilíngue: É composta por conhecimentos pragmáticos, sociolinguísticos, textuais, gramaticais e léxicos em ambas línguas.
- Sub-competência extralinguística: Composta por conhecimento bicultural (da cultura fonte e cultura alvo); conhecimento enciclopédico (geral); conhecimento do assunto (específico)
- Sub-competência instrumental: Saber utilizar tecnologias de recurso, informação e comunicação e aplicá-los na tradução.
- Sub-competência estratégica: Sub-competência essencial pois cria as ligações entre as outras sub-competências. Escolher o método de tradução mais apropriado; avaliar o processo e os resultados em relação ao propósito final; ativar as diferentes sub-competências e compensar por qualquer falha; identificar os problemas de tradução e aplicar procedimentos para solucioná-los.
- Componentes psico-fisiológicos: Inclui componentes cognitivos como memória, percepção, atenção e emoção; aspectos atitudinais como curiosidade intelectual,

perseverança, rigor e espírito crítico, conhecimento sobre e confiança na própria capacidade e motivação; habilidades como criatividade, pensamento racional, análise e síntese, etc.

Já Umberto Eco, em seu livro *Experiences in Translation* (2008), define competência tradutória e o ato de traduzir de uma forma mais resumida:

Nós decidimos como traduzir, não na base do dicionário, mas na base da história inteira de duas literaturas. [...]. Portanto, traduzir não é somente ligado à competência linguística, mas com as competências intertextuais, psicológicas e narrativas (ECO, 2008, tradução minha).

Ambas definições servem para ilustrar que é necessário mais do que um conhecimento linguístico e/ou bilíngue para traduzir. Já ciente de que precisaria utilizar várias sub-competências, optei por essa tradução por me perceber já relativamente próxima do conhecimento específico (feminismo e lesbianismo), ou seja, possuir sub-competência extralinguística.

3.2.2 Skopos, funcionalismo e domesticação

O propósito de criar um texto que possa servir de referencial teórico, mas que também possa ser compreendido pelo público leigo, norteou minhas escolhas de tradução. Por isso a teoria skopos, que estabelece que o propósito de uma tradução é essencial por determinar a forma, métodos e estratégias que o tradutor utilizará para adquirir um resultado funcional e adequado (REISS, VERMEER, 2014), se encaixa no trabalho aqui proposto. Seus autores também determinam que a tradução é um processo intercultural, já que a linguagem é uma parte intrínseca da cultura (REISS, VERMEER, 2014; VERMEER, 1992), definição também essencial ao meu trabalho, pois a tradução em questão não parte de um texto que busca se isolar historicamente, pelo contrário, e sim de um texto engajado a um movimento sociopolítico, e originário de uma minoria social. Além disso, é necessário que se faça uma tradução que corresponda às necessidades de um grupo similar no nosso país e cultura.

Além dessa definição geral, Reiss (2000) oferece soluções para dificuldades mais específicas do processo tradutório. Uma das dificuldades é a escolha de terminologias que sejam funcionais no texto-alvo, mas ainda equivalentes à terminologia do texto-fonte. Tomando sua para o conceito de equivalência:

Para a ciência da tradução, o termo “equivalência” é um conceito fundamental. Equivalência pode alcançar desde a totalidade do texto original e sua versão na língua-alvo, até os elementos individuais no texto e sua tradução. Equivalência não é simplesmente correspondência, nem é reproduzir a unidade original da língua. Equivalência é, como sua etimologia sugere, “valor igual”, ou seja, as expressões correspondentes da língua alvo podem ser consideradas as melhores equivalentes se representarem o contexto linguístico e circunstancial, o uso e nível de estilo, e a intenção do autor na língua alvo que possui o mesmo valor das expressões na língua fonte. (p.3-4, minha tradução)

Portanto, não há somente uma equivalência. Reiss disserta sobre equivalentes potenciais que podem levar a um equivalente melhor:

Todo ato de tradução envolve primeiro reconhecer os equivalentes potenciais, e então selecionar entre eles o melhor adaptador ao contexto particular, também considerando quão bem cada elemento na unidade de tradução se encaixa no contexto geral. (REISS, p.51, minha tradução)

Também tende-se a desejar um nível de fidelidade ao texto fonte, ou, segundo Reiss e Hans Vermeer (2014), um nível de coerência intertextual que, segundo ambos, é determinado pelo entendimento que o tradutor possui do texto fonte e pelo Skopos, que governa o texto alvo. É necessário se ter, então uma coerência entre o texto fonte e o texto alvo, porém sempre priorizando a coerência intratextual.

O funcionalismo de Nord é largamente derivado da teoria de Reiss e Vermeer (MUNDAY, 2008), porém, enquanto skopos prioriza a intenção do ato de tradução em si, o foco do funcionalismo é no leitores-alvo e que função o texto produzido tem para eles. Essa definição se encaixa na função desejada de que meu texto possa servir tanto para a construção acadêmica ou para conscientização política pessoal. Segundo Nord (2009), o ideal para o propósito de tradução seria quando a intenção e a função (da tradução) fossem análogas, ou até idênticas. Mas, como sabemos, as situações reais estão muito distantes do ideal. Para me aproximar o máximo possível do ideal, acredito a definição da tradução instrumental da autora seja a proposta mais adequada.

[a tradução instrumental] serve como um instrumento independente de transmissão de mensagem em uma ação comunicativa nova na cultura-alvo, e tem a intenção de cumprir seu propósito comunicativo sem que o recipiente perceba que está lendo, ou ouvindo, um texto que foi usado antes em uma situação comunicativa diferente, em outro formato. (2005, p. 81)

Essa definição se assemelha ao conceito de domesticação proposto por Venuti (1995) que consiste em evitar demonstrar as peculiaridades linguísticas, estilísticas e culturais do texto-fonte para aproximar o texto-alvo à linguagem do leitor, buscando invisibilizar a intermediação do tradutor. Embora reconhecendo as problemáticas trazidas por Venuti em relação a um texto demasiadamente domesticado, acredito que uma domesticação mais profunda seja a forma mais adequada de atrair leitoras não-acadêmicas.

3.3 QUESTIONÁRIO TERMINOLÓGICO

Após definir as bases teóricas, seria necessário utilizar uma ferramenta que facilitasse o processo de domesticação dos termos do texto-fonte, principalmente os termos referidos à cultura lésbica, por acreditar que manter termos em inglês afastaria leitoras não-acadêmicas. Para isso, desenvolvi um questionário, que permite a escolha (e sugestão) de equivalentes potenciais para tentar encontrar os melhores equivalentes, que não só seriam reconhecidos pelo público-alvo e que também se adequassem aos meus critérios de estilo na tradução, aproximando o texto-alvo de seu propósito ideal. Para assegurar que meu público-alvo (lésbicas) fosse representado, considerei importante que o questionário traçasse o perfil dos participantes. Utilizei a ferramenta de Formulários Google na montagem do questionário e o meio principal de divulgação foi através da rede social *Facebook*. Com o questionário também foi possível averiguar a existência de uma preferência por termos em português ou em inglês.

Os quesitos do questionário aplicado na coleta de dados foram primeiramente, sóciodemográficos e, em seguida, terminológicos:

- Região brasileira de residência
- Idade
- Classe sócia/Renda familiar
- Orientação sexual
- Identidade de gênero
- Sexo
- Raça/Etnia
- Questões Terminológicas

- Questão sobre opinião pessoal: Você considera ofensivo se referir uma lésbica como “masculina”? (Justificativa opcional)
- Questão terminológica específica sobre familiaridade com termos estrangeiros
- Preferência de leitura de termos em inglês ou português, com justificativa opcional.

Na construção do questionário priorizei questões objetivas que pudessem ser respondidas rapidamente, que limitou o número de termos averiguados. O questionário em sua íntegra e todas as respostas recebidas encontram-se no Apêndice B. Creio que o questionário teve uma boa aceitação, pois recebeu, até então, 508 respostas. Apresento e discuto os resultados mais significativos no item 3.4.1.4 da seção a seguir. É possível acessar o questionário através do link: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSf980kPQwx9mx9PlnOX_RIokUDkf3OHIEzbMVSPYcPnVSY83A/viewform.

3.3.1 Questões terminológicas

3.3.1.1 Lesbianism/*lesbianismo*

A primeira questão terminológica que enfrentei ao traduzir esse capítulo foi em relação a palavra “*lesbianism*”. Como Jeffreys, concordo que a sexualidade lésbica não é somente uma outra expressão sexual, e sim uma afirmação política. Entretanto temos que considerar o fenômeno linguístico do português brasileiro de ter utilizado o sufixo “-ismo” para patologizar a homossexualidade (ABGLT, 2015) processo que não teve equiparação na língua inglesa. No entanto, o sufixo “ismo” também é utilizado para referenciar movimentos políticos ou filosóficos, (ex.: feminismo, iluminismo, marxismo etc). Considerei usar o termo “lesbianidade” para evitar atrelar a sexualidade lésbica ao estigma da palavra “homossexualismo”. Entretanto, para ser fiel à teoria que defendo neste trabalho, acabei optando pelo termo “lesbianismo” justamente para caracterizá-lo politicamente. A feminista lésbica teórica brasileira, Tania Navarro-Swain, usada como referência neste trabalho, utiliza somente o termo “lesbianismo”, em concordância com minha opção. Nas palavras de Carol Hanisch (1969), “o pessoal é político”.

3.3.1.2 Roleplay

Em desacordo com minha proposta inicial de domesticação, resolvi manter o termo “*roleplay*” em inglês. Para essa escolha, considerei algumas alternativas que se mostraram insatisfatórias, pois não encontrei um equivalente unitário e simples em português brasileiro. “*Roleplay*” é uma palavra usada para diversos contextos, sendo os mais usada em dramaturgia e jogos – como o gênero de jogos RPGs (*roleplaying games*). Geralmente, nesses contextos, os termos “dramatização” ou “encenação” servem como potenciais equivalentes, visto que participantes de teatro ou de jogos possuem a consciência de que são papéis fictícios e que não definem sua identidade pessoal. Em contraposição, o *roleplay* referido na obra de Jeffreys concerne as lésbicas que adotam, conscientemente ou não, papéis estereotipados enquanto identidade pessoal por boa parte de suas vidas (quando não a vida toda). Por esse motivo que “simulação” também não é um substituo adequado. Então, assim como “lesbianismo”, optei por fazer uma nota de tradução na primeira aparição do termo (logo na página inicial) para facilitar a leitura.

3.3.1.3 Questões menores

Outras questões foram os termos “*lesbian feminists*”, “*Woman Studies*” e “*malebonding*”.

O problema do primeiro termo, “*lesbian feminist*”, se relaciona a qual atributo colocar em foco: ser lésbica ou ser feminista. Esse questionamento veio de círculos de debates entre lésbicas que são feministas sobre como classificar-se – primeiramente lésbica ou primeiramente feminista. Entretanto, não parece ser um debate abordado pela autora, a construção de sujeito+adjetivo de “lésbica feminista” se mostra contraintuitivo e devido a opção por uma tradução domesticadora, é preferível usar o menor número possível de interferências para explicações. Portanto, optei por usar “feminista lésbica” e não fazer uso de mais uma nota de tradução.

A dificuldade do segundo caso, “*Woman Studies*”, se atribui ao fato de não existir um curso de nível superior equivalente no Brasil; o mais próximo são as disciplinas, ou cursos e pós-graduações em “estudos de gênero” No entanto, “estudos de gênero” (*Gender Studies*) em inglês

pode significar um curso superior com a base teórica e foco diferentes, por isso optei por usar o termo “Estudos Feministas”.

O terceiro termo, “*malebonding*”, se origina de uma prática de autoras feministas de criar termos nomeiam comportamentos masculinos típicos, aceitos e reforçados pela estrutura patriarcal. Devido a não ter encontrado formulação similar a esse termo em português brasileiro, optei por “autoafirmação masculina”, visto que “*malebonding*” se referencia a atitude de homens que autoafirmam sua masculinidade em grupos.

3.3.1.4. Butch/Femme; *Bofe/Lady*

A dinâmica “*butch/femme*” é um dos temas principais do capítulo traduzido, assim sendo, necessitou de maior cuidado. Essa dinâmica se relaciona com a atribuição de papéis heteronormativos nas relações lésbicas (*roleplay*), a importância dessa dinâmica inspirou a criação do questionário, que tem o objetivo de manter tanto a fidelidade intertextual quanto a intratextual.

A partir da minha experiência, a relação entre os termos surgiram de forma espontânea aos termos “bofe” e “lady”. O uso de “bofe” na comunidade lésbica brasileira derivou de sua definição informal como gíria para “homem”, caminho idêntico do termo “*butch*”. O uso de “lady” veio como gíria a partir da relação direta do inglês. No entanto, achei importante verificar se a relação também seria imediata para o público-alvo. Constata-se logo a seguir que a resposta a esse questionamento é positiva.

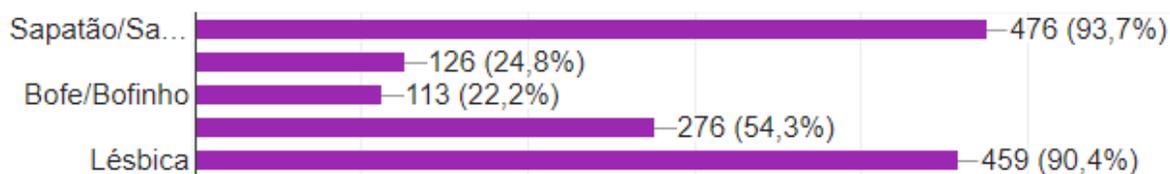
Para definir os equivalentes potenciais para se referir a lésbicas, foram formuladas as questões:

- (Questão 8) “Quais termos você geralmente usa/ouve pessoas usando NO COTIDIANO para se referir a "lésbica" (em um geral)” (Apêndice B, Figura 14);
- (Questão 9) “Quais termos você geralmente usa/ouve pessoas usando NO COTIDIANO para se referir a lésbicas não-femininas ("masculinas")” (Apêndice B, Figura 15);
- (Questão 10) “Quais termos você geralmente usa/ouve pessoas usando NO COTIDIANO para se referir a lésbicas femininas ("meninhas")” (Apêndice B, Figura 16).

Mesmo não concordando com os termos, “masculinas” e “meninhas” estes foram utilizados por reconhecer que, apesar da problemática, são termos de fácil associação.

As figuras a seguir mostram, em gráfico, os resultados e argumenta-se a favor do termo “bofe” so resultados utilizados para determinar o equivalente para o termo “*butch*” foram das questões 8 e 9. Quando perguntado qual(is) o(s) termo(s) que mais escutavam/usavam para referir-se a lésbicas no cotidiano brasileiro (múltipla escolha), “bofe” ficou em quinto lugar (22,2%).

Figura 1 – Resultados da primeira questão terminológica – recorte



Fonte: Formulários Google

Quando perguntado qual(is) o(s) termo(s) que mais escutavam/usavam para referir-se a lésbicas “masculinizadas” no cotidiano brasileiro (múltipla escolha), “bofe” ficou em **terceiro** lugar (41,9%).

Figura 2 – Resultados da segunda questão terminológica – recorte



Fonte: Formulários Google

Embora “sapatona/sapatão” e “caminhoneira/caminhão” sejam termos mais reconhecidos para lésbicas no geral e lésbicas não-femininas, bofe também teve um reconhecimento satisfatório, aliado fato de ser um termo curto, permite uma associação esteticamente similar ao original, determinando minha opção por utilizá-lo para a designação à “*butch*”.

Os resultados utilizados da questão 11 foram utilizados para determinar o equivalente do termo “*femme*”. Quando perguntado qual(is) o(s) termo(s) que mais escutavam/usavam para referir-se a lésbicas mais feminilizadas no cotidiano brasileiro (múltipla escolha), o termo “*lady*” ficou em **primeiro** lugar (42,9%), portanto optei por utilizá-lo.

Figura 3 – Resultados da terceira questão terminológica – recorte



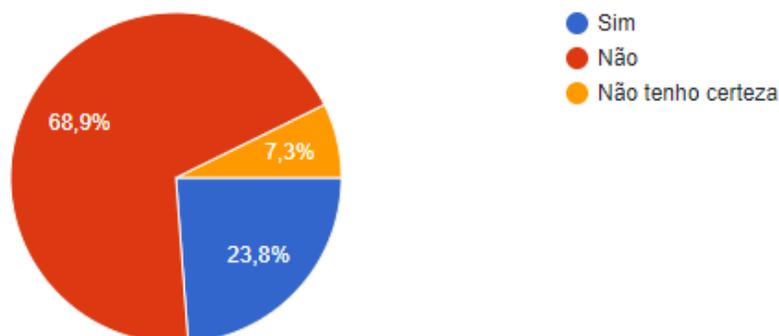
Fonte: Formulários Google

Além do formulário sanar os questionamentos terminológicos relacionados a “bofe” e “lady”, também confirmou que os termos em inglês “*butch*” e “*dyke*” não são majoritariamente reconhecidos no contexto coloquial brasileiro.

Figura 4 – Resultado para questão de terminologia português/inglês

Você já ouviu os termos "dyke" e "butch" serem usados fora da internet no cotidiano lésbico brasileiro? (especialmente fora de espaços universitários)

508 respostas



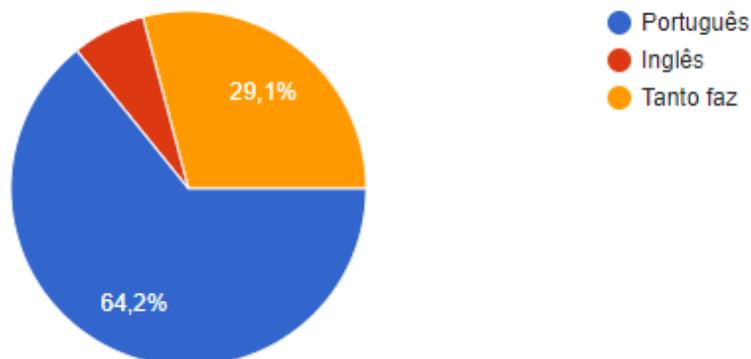
Fonte: Formulários Google

A maioria dos participantes também preferiu uma tradução com termos em português:

Figura 5 – Resultado para a questão de terminologia português/inglês

Considerando sua resposta anterior, você preferiria ver termos em português ou em inglês em um livro sobre lésbicas?

508 respostas



Fonte: Formulários Google

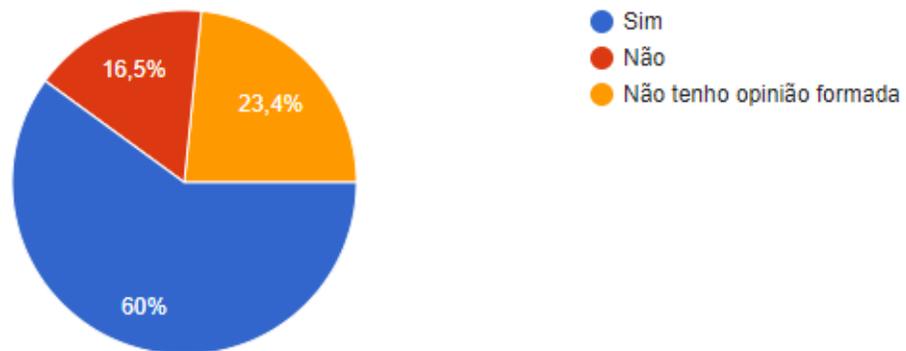
Os resultados permitem a ter melhor conhecimento do que a maioria do público-alvo deseja – já que meu público-alvo principal são lésbicas brasileiras, que compõem 50,2% dos participantes – e portanto podem aproximar a tradução da sua intenção ideal (NORD, 2009).

Já que existe a invisibilidade da marginalização, patologização e ostracização de lésbicas não só na história como na academia (GUIMARÃES, 2011), utilizei o questionário para trazer visibilidade à problemática de se referir a lésbicas como “masculinas”, como questionamento político, averiguando se os participantes consideram a prática ofensiva.. Surpreendentemente, 60% do público considera ofensivo se referir a lésbicas como masculinas:

Figura 6 – Resultados de caso considerar ofensivo ou não se referir a lésbicas como “masculinas”

Você considera ofensivo se referir a uma lésbica como "masculina"?

508 respostas



Fonte: Formulários Google

Gostaria de realçar algumas respostas dissertativas de mulheres lésbicas sobre o desconforto causado pela atribuição de masculinidade a elas (nenhum trecho possui correção ortográfica):

- “Mulher lésbica não quer ser homem”
- “É altamente ofensivo tratar lésbicas não-femininas com termos e pronomes masculinos. Mulheres não devem ser reduzidas a performance de feminilidade.”
- “é muito estereotipador (?) de gênero, não faz sentido... uma lésbica masculina é uma lésbica que não é feminina? isso faz ela masculina? sei la, acho que isso empurra elas a masculinidade e nem é o que elas querem. elas só querem se vestir como acham melhor”
- “não costumo me ofender quando sei que as pessoas não usam o termo com má intenção, no cotidiano, mas em um livro sobre o assunto não gostaria de ver o termo "masculina"

pois acredito que as lésbicas que não performam feminilidade são não-femininas, ou até mesmo "naturais", mas não masculinizadas.”

- e. “É muito ofensivo ser comparada com um homem, em qualquer hipótese.”
- f. “Não é ser masculina, é não seguir doutrinação feminilizante.”
- g. “Mulher é mulher. Não feminilidade não é masculinidade. Lésbicas já são constantemente diminuídas enquanto mulheres por amarem outras mulheres, chamá-las de masculinas, para mim, é mais uma forma de diminuí-las e afastá-las do que realmente são: mulheres.”
- h. “Quando falamos que uma lésbica é 'masculina' é porque normalmente ela não reproduz a feminilidade imposta dentro do gênero feminino, não reproduzir a feminilidade não faz mulher ser masculina, ela ainda continua fêmea e lésbica.”
- i. “Não performar feminilidade não me faz menos mulher. Além disso, sempre tem alguém querendo enfiar homem em relações lésbicas. Isso acontece das mais diversas formas. 'Transformar' uma das lésbicas em 'homem' é uma delas. Acho extremamente lesbofóbico.”
- j. “Eu não sou um homem pra ser masculina. A feminilidade é forjada através de cosméticos que remetem a fragilidade e infantilidade, assim como o comportamento considerado feminino. Já a masculinidade em aparência é sobre "naturalidade" e no comportamento sobre independência. Eu não sou masculina apenas por não ser feminina.”
- k. “É aquela ideia de que lésbicas que não performam a feminilidade estão querendo ser homens.”
- l. “A feminilidade é artificial e imposta, a suposta ‘masculinidade’ em lésbicas é apenas a forma mais confortável de vestimenta ou o comportamento insubmisso, que são sistematicamente negados a mulheres”
- m. “Mulheres não se beneficiam da estrutura masculinista e a não conformidade com a feminilidade não as transforma em homens.”
- n. “Eu nunca tinha parado pra pensar nisso, mas pensando bem, parece meio ofensivo essa definição de gênero pela roupa ou jeito de ser.”
- o. “É ofensivo pois é como se retirassem essas lésbicas da classe de mulher. Não para reivindicar “mulheridade”, mas pelo peso ter sido a socialização de fêmea/mulher.”
- p. “isso entra na heteronormatização de lésbicas, apaga nossa identidade, reforça a ideia de que lésbica que não performa feminilidade é ‘na vdd um homem preso no corpo de uma

mulher’, não to conseguindo desenvolver direito mas é isso é prejudicial em vários sentidos”

Também gostaria de destacar a resposta de uma lésbica que se identificou enquanto acadêmica::

“Em meu doutorado fiz uma definição mais complexa sobre esse assunto, pode entrar em contato comigo, se te interessar, para eu te passar a publicação.

Basicamente, considero que a feminilização é um processo patriarcal que é infligido contra as lésbicas. As lésbicas enquanto classe sexual necessariamente subversiva dentro da classe sexual das mulheres são sujeitadas a processos estruturais de feminilização, ou seja, adaptação de sua existência à condição de feminilizada, ou seja, de mulheres. As mulheres são o esteio do patriarcado na medida em que delas são cobradas as tarefas para a manutenção do mesmo em favor da manutenção dos privilégios masculinos. As lésbicas des/infeminilizadas são as mulheres que conseguem recusar/interromper/combater o processo de feminilização em seus próprios corpos e com isto não são mulheres masculinas, ou masculinizadas, por que são justamente a subversão daquilo que é o masculino e também daquilo que é a feminilização. Então, sim, acho ofensivo porque descaracteriza todo o sentido de ser bofe.”

Para a conclusão desta seção, gostaria de utilizar a resposta por uma participante bissexual:

“Gostar de mulher não significa ser ou se identificar como homem. Se lésbicas fossem homens, seriam respeitadas”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha desse texto se deu devido à sua importância por sintetizar a base da construção histórica do lesbianismo nos países de língua inglesa e oferecer uma análise crítica dos ataques que a comunidade vêm sofrendo, me deu a oportunidade de uma conscientização maior não só da história feminina e lésbica britânica, mas também da história e cultura brasileira. Tomar conhecimento de como o tratamento dado a lésbicas é extremamente semelhante em ambas culturas, reforçou a crença de que a teoria defendida por Jeffreys pode ser de fato aproveitada por brasileiras – seja somente para estudo ou para desenvolvimento acadêmico. Tive um crescimento como tradutora pesquisando todas teorias e desenvolvendo meu processo tradutório.

Apesar das semelhanças, não foi possível efetuar uma domesticação total do texto, visto que alguns aspectos da cultura são, de fato, diferentes ou devido a não ter encontrado equivalentes satisfatórios na língua portuguesa, como no caso da palavra *roleplay*. No entanto, uma estrangeirização do texto ainda serve meus propósitos, por desejar inserir Jeffreys aos estudos brasileiros, e não simplesmente torná-la em um relato da realidade brasileira. Acredito que a possibilidade de que as mulheres brasileiras possam se ver nas mulheres do texto de Jeffreys, perceber as similaridades entre seus predicamentos e se conscientizar em relação aos fatos que lhes deram origem, seja uma contribuição não só para meus objetivos acadêmicos e de politização pessoal, mas também para o desejo de união lésbica expressado pela autora no final do livro: .

Os resultados deste trabalho, demonstrados por meio da análise histórica, tradução e pelo questionário, demonstraram que não é adequado associar as lésbicas à masculinidade, por qualquer motivo, de acordo com a própria comunidade. Demonstrou também, que muitas dos conceitos do senso comum a respeito da comunidade lésbica tem raízes em dados históricos importantes, produzidos por uma visão misógina pseudocientífica e da psiquiátrica que denota profundo desprezo, não só pelas relações lésbicas, mas pelos corpos e realidades femininas como um todo.

No decorrer do trabalho, as analogias encontradas nos permite afirmar que a ampliação desses estudos seria de interesse, na verdade, somente seria possível efetivamente averiguar a

funcionalidade da tradução através da ampliação desse projeto, de forma a fazer a tradução completa da obra em paralelo a uma pesquisa sociológica aprofundada.

REFERÊNCIAS

- ABGLT. *Manual de Comunicação LGBT*, 2015. Disponível em: <<https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Manual-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o-LGBT.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2018
- HURTADO ALBIR, Amparo (Ed.). *Researching Translation Competence by PACTE Group*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2017. 127 v.
- _____, Amparo. *Traducción y traductología: introducción a la traductología*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.
- AMOS, Flora Ross. *Early Theories of Translation*. [s.l.]: Columbia University, 1973. Ebook
- COLAÇO, Rita. *Operação Sapatao – Richetti 15 nov 1981*. Memória/História MHBMLGBT. 05 abr 2009. Disponível em: < <https://memoriamblogspot.com.br/2009/04/operacao-sapatao-richetti-15-nov-1980.html> >. Acesso em: 12 dezembro. 2017.
- COOK, Henrietta. Radical feminist Sheila Jeffreys retires after 24 years at the University of Melbourne. *The Age*. [s.l.], 23 maio 2015. Disponível em: <<http://www.theage.com.au/victoria/radical-feminist-sheila-jeffreys-retires-after-24-years-at-the-university-of-melbourne-20150522-gh7g1c.html>>. Acesso em: 16 ago. 2017.
- DOYLE, Iracy. *Contribuições ao Estudo da homossexualidade feminina*. Rio de Janeiro: Imago, 1956.
- ECO, Umberto. *Experiences in translation*. Toronto: University Of Toronto, 2008.
- ELLIS, Henry Havelock. *Studies in the Psychology of Sex: Volume 2 (of 6)*. 3. ed. [s.l.]: Project Gutenberg, 2004a. EBook.
- _____. *Studies in the Psychology of Sex: Volume 3 (of 6)*. 3. ed. [s.l.]: Project Gutenberg, 2004b. EBook.
- _____. *Inversão Sexual, volume 4: Inversão Sexual nas Mulheres*. Lisboa: Index Ebooks, 2013. Mini-ebook. Tradução e revisão: João Máximo e Luís Chainho.
- FERNANDES, Marisa. Lésbicas e a Ditadura Militar. In: GREEN, James N. e QUINALHA, Renan (orgs.) *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: Edufscar, 2015. p. 125-148.
- FREUD, Sigmund. *Complete Works Of Sigmund Freud*. [s.l.]: Shandon Press, 2016

GREEN, James N. "Mais amor e mais tesão: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis". *Cadernos Pagu*, 15: p. 271-295, 2000.

HANISCH, Carol. *The Personal Is Political: The Women's Liberation Movement classic with a new explanatory introduction*. 2006. Disponível em: <<http://www.carolhanisch.org/CHwritings/PIP.html>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

JEFFREYS, Sheila. *Gender Hurts: A feminist analysis of the politics of transgenderism*. Oxfordshire: Routledge, 2014.

_____. *The Lesbian Heresy*. Melbourne: Spinifex, 1993.

_____. *The Spinster and Her Enemies: Feminism and Sexuality, 1880–1930*. Melbourne: Spinifex, 1997.

KAMPMANN, Júlia Fallavena. “A *Ciência da Tradução precisa de teoria(s)?*”: tradução comentada de um artigo crítico. 2017. 50 f. TCC (Graduação) – Curso de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

LESSA, Patrícia. Visibilidade e ação lésbica na década de 1980: uma análise a partir do Grupo de Ação Lésbico-ferminista e do Boletim Chanacomchana. *Gênero*, Niterói, v.8, n.2, p. 301-333, 2008.

LUTHER, M. (1530) Carta aberta sobre tradução (trad. Mauri Furlan). In: FURLAN, M. (org.) *Clássicos da teoria da tradução, edição bilíngüe*, v. 4, Renascimento. Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2006.

MARTINHO, Míriam. *Tributo a Rosely Roth e Livreto Dia do Orgulho das Lesbianas do Brasil*. 2012. Disponível em: <<http://www.umoutroolhar.com.br/2012/08/tributo-rosely-roth-e-livreto-dia-do.html>>. Acesso em: 20 out. 2017.

MUNDAY, Jeremy. *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. 2. ed. Oxfordshire: Routledge, 2008.

MURRAY, Jenni; Sheila Jeffreys. Over-sharing online, Woman's Hour – *BBC Radio 4*. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/programmes/b04cfgrj>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

NAPOLITANO, Minisa Nogueira. *O médico e a mulher: O discurso médico sobre os vícios femininos na sociedade carioca oitocentista*. 2005. 104 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, UNESP, Franca, 2005.

NAVARRO-SWAIN, Tania. *O que é lesbianismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

NORD, Christiane. *El funcionalismo en la enseñanza de traducción*. Mutatis Mutandis: Revista Latinoamericana de Traducción, Vol. 2, Nº. 2, 2009, p. 209-243

_____. *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. 2 ed. Amsterdam: Rodopi. 2005.

_____. *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania. *Les Online*, [s.l.], p.02-19, 2015. Disponível em: <<https://lesonlinesite.files.wordpress.com/2017/03/a-homossexualidade-feminina-na-histc3b3ria-do-brasil.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2017.

OLIVEIRA, Luana Farias. Quem tem medo de sapatão? Resistência lésbica à Ditadura Militar (1964-1985). *Periódicus*, [s.l.], v. 1, n. 7, p.06-19, maio 2017. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/21694>>. Acesso em: 17 out. 2017.

REISS, Katharina; VERMEER, Hans J.. *Towards a General Theory of Translational Action: Skopos Theory Explained*. Oxfordshire: Routledge, 2014.

REISS, Katharina. *Translation Criticism – the Potentials and Limitations: Categories and Criteria for Translation Quality Assessment*. Oxfordshire: Routledge, 2014.

RICH Adrienne, *Compulsory heterosexuality and lesbian existence*, Signs: Journal of Women in Culture and Society, 5, 4, 1980, p. 631-660

SCHLEIERMACHER, Friedrich et al. Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens / Sobre os diferentes métodos de tradução / Sobre os diferentes métodos de traduzir / Dos diferentes métodos de traduzir. *Scientia Traductionis*, [s.l.], n. 9, p.03-70, 11 jul. 2011. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1980-4237.2011n9p3>.

SILVA, Marlon Silveira da et all. Instâncias Pedagógicas: Discurso Científico e Regulação da Homossexualidade Feminina – 1920-1950. *I Encontro de Pós-Graduação em Educação: a formação docente e a pesquisa*. Disponível em: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2015/07/comunica%C3%A7%C3%A3ooralma_rlonasilveiradasilva.doc.pdf>. Acesso em: 18 out. 2017.

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. Oxfordshire: Routledge, 1995.

VERMEER, Hans. Is translation a linguistic or a cultural process? *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 1, n. 28, p.37-49, 1992. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/8750>>. Acesso em: 03 jun. 2017.

WALLACE, Diana June. *Sisters and rivals: the theme of female rivalry in novels by women, 1914-1939*. 1997. 230 f. Tese (Doutorado) – Curso de Filosofia, Loughborough University, Loughborough, 1997.

WILLIAMS, Cristan. *Gender Performance: The TransAdvocate interviews Judith Butler*. 2014. Disponível em: <http://transadvocate.com/gender-performance-the-transadvocate-interviews-judith-butler_n_13652.htm>. Acesso em: 16 ago. 2017.

APÊNDICE A – TRADUÇÃO DO CAPÍTULO "A CRIAÇÃO DA DIFERENÇA SEXUAL"

1 – A Criação da Diferença Sexual

1 Nos anos oitenta, formou-se uma batalha pesada para definir o significado de
2 lesbianismo⁶. Nesse conflito ideológico, de um lado temos a visão do feminismo lésbico e, do
3 outro, a da sexologia. Algumas lésbicas, especialmente as defensoras do *roleplay*⁷ lésbico, estão
4 se opondo à definição política do feminismo lésbico com uma definição baseada na diferença
5 sexual. Lésbicas que se veem como sexualmente diferentes estão aceitando a estrutura para
6 categorização de comportamento sexual que os “cientistas” do sexo, Richard von Krafft-Ebing e
7 Henry Havelock Ellis e outros, estabeleceram no final do século 19. Os sexólogos e seus
8 seguidores atuais enxergam o lesbianismo como um dos vários comportamentos sexuais que se
9 diferenciam da norma sexual, ou seja, da posição missionária do coito heterossexual. Outros
10 grupos que se incluem como sexualmente diferentes são os homens gays; mas também os
11 pedófilos, transsexuais e variedades de fetichistas. Tirando o lesbianismo, essas são categorias de
12 comportamento sexual majoritariamente masculinas, e as mulheres são somente as vítimas desses
13 comportamentos sexualmente diferentes. A política da diferença sexual joga lésbicas na
14 companhia de homens gays e dos outros grupos dos sexualmente diferentes.

15 Atualmente, essas políticas estão se manifestando, em grande parte, na escrita da nova
16 literatura “*queer*”. As políticas de feminismo lésbico posiciona lésbicas junto à classe política de
17 mulheres, ou seja, somente elas mesmas, sem fazer parte de outro grupo; feministas lésbicas
18 tendem a se enxergar como o padrão de mulheres livres, em vez de sexualmente diferentes. É
19 uma outra visão. Para entender as raízes desse conflito de definições, é útil retomar a criação da
20 diferença sexual na sexologia e como estudiosos gays e lésbicas têm a enxergado.

21 Teóricas lésbicas e teóricos gays como Mary McIntosh⁸ e Jeffrey Weeks⁹ têm
22 persuasivamente argumentado que a ideia do homossexual como um tipo particular de pessoa –

⁶Jeffreys, a autora, percebe a sexualidade lésbica não como somente uma outra expressão sexual, mas sim como uma afirmação política. “Lesbianismo”, então, funciona como termo político e não se assemelha nem possui a mesma conotação negativa atribuída ao termo “homossexualismo”.

⁷Roleplay: Assumir papéis. Muito usado no contexto de jogos (como “RPGs”). Aqui serve para se referir a adoção de papéis estereotipados como uma identidade pessoal.

⁸Pioneira na política e sociologia, uma proeminente feminista da segunda onda, membra fundadora do movimento lésbico e gay moderno na Inglaterra e uma das feministas sociólogas mais influentes entre as décadas de 1960 e 1990. Faleceu em 2013, aos 76 anos.

23 um “papel homossexual” – é uma invenção relativamente nova do século 18 ou 19. Antes disso, a
24 atividade sexual entre homens, mesmo sendo estigmatizada, era visto como algo que qualquer
25 homem poderia acabar por fazer. O conceito do “homossexual”; um homem cujo comportamento
26 possuía uma causação específica, que tinha uma carreira reconhecidamente homossexual, cujos
27 interesses sexuais eram exclusivamente direcionados ao mesmo sexo e que tinha características
28 reconhecíveis, ainda não tinha se desenvolvido.

29 Historiadoras lésbicas e feministas como Lillian Faderman¹⁰ e Carroll Smith-Rosenberg¹¹
30 também argumentam que uma identidade especificamente lésbica – baseada nas categorizações
31 da sexologia – foi criada no final do século 19. Elas têm mostrado que, antes dessa época,
32 mulheres britânicas e americanas de classe média, casadas ou solteiras, rotineiramente
33 engajavam-se em amizades passionais, românticas, geralmente muito duradouras, umas com as
34 outras, que incluíam expressões constantes de amor intenso e dormir nos braços uma da outra no
35 mesmo travesseiro, até por uma vida inteira, sem verem isso como algo incomum ou suspeito. No
36 entanto, haviam algumas mulheres, ao decorrer do século 19, que poderiam se encaixar no
37 modelo sexológico que surgiria depois – algumas que inclusive se vestiam com roupas
38 masculinas e amavam mulheres, apesar da ausência de um modelo sexológico. Ann Lister, uma
39 mulher de Yorkshire do início do século 19, por exemplo, se engajou em relações sexuais
40 entusiásticas com mulheres de sua vizinhança, ao ponto de contrair doença venérea, como ela
41 descreve em seus diários, e de fato se enxergava como “diferente”. Mas a existência de tais
42 mulheres não parece ter influenciado a inocência com a qual amigas passionais abordavam seus
43 relacionamentos com outras mulheres, e nem a aceitabilidade social de amor entre mulheres. Foi
44 a ascensão da sexologia que publicizou e estigmatizou uma categoria de “diferença sexual”.

45 Historiadoras lésbicas e historiadores gays têm discordado sobre se as construções
46 sexológicas da homossexualidade tiveram resultados positivos ou negativos para o
47 desenvolvimento das identidades lésbicas e gays. Historiadoras feministas e lésbicas – como
48 Lillian Faderman, Carroll Smith-Rosenberg e eu mesma – enxergamos sexologia como uma força

⁹ Ativista gay, historiador e sociólogo especializado em sexualidade, e é também um. É autor de vários livros. É, desde 2003, reitor executivo do Departamento de Artes e Ciências Sociais da Universidade de South Bank de Londres.

¹⁰ Professora de inglês na Universidade Estadual da Califórnia, em Fresno na Califórnia.

¹¹ Professora de história, cultura americana e Estudos Feministas na Universidade de Michigan. Conhecida por seus trabalhos inovadores em história lésbica e feminina e suas contribuições significantes para desenvolver programas interdisciplinares relacionados a gênero e sexualidade.

49 hostil que sabotou o feminismo, estigmatizou amizades passionais entre mulheres e criou o
 50 estereótipo danoso da fêmea invertida masculina. Historiadores gays como Jeffrey Weeks tendem
 51 a ser mais positivos, e têm argumentado que categorização sexológica ajudou no
 52 desenvolvimento de um movimento de direitos homossexuais, ao fornecer homossexuais
 53 masculinos uma identidade definitiva com qual eles poderiam juntar-se e organizar-se.

54 É importante estar ciente dos componentes da construção sexológica, não só porque [a
 55 sexologia] tem se tornado uma fonte de controvérsia, mas também porque ela está ressurgindo em
 56 políticas lésbicas e é útil conseguir reconhecê-la. Um componente largamente aceito do modelo
 57 sexológico foi a atribuição da congenialidade. Havelock Ellis, o sexólogo cujo livro *Inversão*
 58 *Sexual* (1897) foi o mais influente para a construção do estereótipo da lésbica no Reino Unido,
 59 argumentava que “qualquer teoria sobre a etiologia da homossexualidade que não inclui o fator
 60 hereditário da inversão não pode ser aceita” e alega que a “frequência da inversão entre parentes
 61 do invertido” seja evidência. Essa ideia levou a alguns relatos cômicos nos seus estudos de caso.
 62 É como se quando solicitados a produzirem evidências de seus fatores hereditários, seus sujeitos
 63 fossem, por vezes, demasiadamente imaginativos nas respostas. Um homem respondeu o
 64 seguinte:

65 Poderiam dizer que meu avô era de um temperamento anormal, pois, mesmo de origem
 66 humilde, ele organizava e levava um trabalho missionário extremamente árduo e se
 67 tornou um linguista reconhecido, traduzindo a Bíblia para uma língua oriental e
 68 compilando o primeiro dicionário daquela língua.
 69

70 De fato, isso pode soar suspeito para alguns, mas não necessariamente conectado à
 71 homossexualidade. Mesmo assim, a ideia da congenialidade inspirou alguns ativistas dos direitos
 72 homossexuais na Grã-Bretanha e na Alemanha nos anos 90. Baseados em seu fundamento, a
 73 ideia da congenialidade acabou oferecendo uma possibilidade de solicitação de simpatia pública e
 74 de revogação da legislação hostil, já que homossexuais eram somente uma parte da criação da
 75 natureza, em vez de pecadores, e, por isso, tinham que ser aceitos. Quando Radclyffe Hall
 76 passou a usar argumentos sexológicos nos anos 20, ela empregou essa estratégia n'*O Poço da*
 77 *Solidão* (1928), e arranhou para que Ellis escrevesse um prefácio para o livro, a favor de que seus
 78 argumentos pudessem ser vistos como sendo apoiados pela ciência. A psicanálise – que postulava
 79 uma causalidade determinista similar, porém, psicológica em vez de biológica – acabou
 80 sofisticando o modelo sexológico. Visto que psicanálise aparentava oferecer a possibilidade de
 81 cura, era menos popular no meio dos invertidos. Ela passou a ser mais popular com os sexólogos

82 dos anos 50, que se comprometiam a eliminar a homossexualidade por meio de engenharia
 83 psicológica. Ambas versões de sexologia estão tendo um tipo de renascimento. A nova
 84 popularidade das explicações biológicas será examinada em detalhes no meu capítulo sobre “A
 85 Lésbica Essencial”. A controvérsia atual sobre o impacto da sexologia é dependente da forma na
 86 qual foi retomada e empregada pelos próprios invertidos. O trabalho de Edward Carpenter, o
 87 ativista britânico de direitos homossexuais, serve como um bom exemplo do que alguns
 88 historiadores enxergam como um uso positivo dessas ideias. Ele baseou muito de sua
 89 argumentação a favor da aceitação social da homossexualidade nos trabalhos de uma quantidade
 90 impressionante de sexólogos. Ele usou a ideia de congenialidade para construir sua teoria do
 91 “sexo intermediário”. Nesse trabalho, ele reproduziu a visão de alguns sexólogos de que o
 92 terceiro sexo, ou o sexo intermediário, possuía as características biologicamente determinadas de
 93 masculinidade e feminilidade em combinações incomuns. Isso fica mais evidente na sua
 94 descrição dos “espécimes extremos”: o intermediário masculino extremo era “um tipo
 95 distintamente efeminado – sentimental, desatento, com andar e modos afetados” –, e a versão
 96 extrema da fêmea “homogênicamente” possuía características de gênero similarmente inapropriadas.

97

98 ... uma pessoa significativamente agressiva, de paixões fortes, de atitude e movimentos
 99 masculinos, prática em sua conduta da vida, mais sensual do que sentimental no amor,
 100 geralmente desleixada e não-convencional em seu vestuário; sua figura muscular, sua
 101 voz deverás grave; seu quarto decorado com pôsteres de cenas esportivas, pistolas etc., e
 102 não esquecendo do aroma da erva fragrante no ambiente; enquanto seu amor (geralmente
 103 a uma espécie macia e feminina de seu próprio sexo) é frequentemente uma espécie de
 104 furor, similar ao amor masculino normal, e, por vezes, incontrolável.

105

106 A erva fragrante era provavelmente tabaco, infelizmente. Tais espécimes extremos,
 107 Carpenter nos diz, são raros; a maioria não é diferente na sua aparência externa. O corpo de uma
 108 mulher homogênicamente “mais normal”, era “totalmente feminino”, mas a “natureza interna é,
 109 extensivamente, masculina”.

110

111 ... um temperamento ativo, valente, inventivo, um tanto decisivo, não muito emocional;
 112 afeiçoada à vida pública, a jogos e esportes, a ciência, política, ou até mesmo negócios;
 113 boa em organização, e satisfeita com posições de responsabilidade, algumas vezes
 114 realmente sendo uma líder excelente e generosa.

115

116 Os leitores atuais podem não achar fácil identificar o que há de “masculino” nessa
 117 descrição. Na verdade, isso demonstra outra característica da abordagem sexológica à fêmea
 118 invertida: ativistas de direitos homossexuais, como Carpenter, e homens da ciência, como Ellis,

119 tendiam a associar autoafirmação, independência e uma tendência feminista das mulheres ao
 120 lesbianismo. Tais qualidades eram suficientes para causar acusações de inversão em 1890, assim
 121 como se é hoje em dia. Mulheres fortes podiam ser classificadas como anormais.

122 Outra característica da abordagem sexológica a respeito da lésbica foi recomendar o
 123 *roleplay* para relações lésbicas. Carpenter, seguindo a tradição, assume que as lésbicas com
 124 pôsteres e pistolas geralmente amariam “espécimes macias e femininas de seu próprio sexo”. Os
 125 sexólogos explicavam esse fenômeno afirmando que haviam dois tipos de fêmeas homossexuais:
 126 as invertidas “congenitas”, que teriam uma orientação masculina, e as “pseudo-lésbicas”, que se
 127 pareceriam e se comportariam como uma mulher heterossexual feminina de sua época. As
 128 pseudo-lésbicas poderiam terem sido heterossexuais caso não tivessem sido vítimas da
 129 artilosidade das invertidas verdadeiras. Dessa forma, foram estabelecidos os fundamentos da
 130 necessidade do *roleplay* bofe/lady era para as relações lésbicas.

131 Interessantemente, o modelo sexológico de lesbianismo não foi necessariamente baseado
 132 em contato genital. Os sexólogos foram bastante abrangentes e, em seus estudos de caso sobre
 133 inversão, incluíram as mulheres que se encaixariam no perfil das mais inocentes das amigas
 134 passionais. Essa inclusão foi vista como a origem de uma desconfiança que limitou as
 135 possibilidades de amizades femininas para qualquer mulher que não desejava ser rotulada como
 136 uma minoria estigmatizada; que é a razão para historiadoras feministas enxergarem o trabalho de
 137 sexólogos como extremamente danoso. Como Faderman detalha em seu livro, o trabalho dos
 138 sexólogos estimularam uma campanha para alertar mulheres e meninas sobre o lesbianismo nas
 139 escolas e faculdades, até o ponto em que, pelos anos 20, amizades femininas no geral adquiriram
 140 uma aura de perversão. Lilian Faderman culpa a sexologia pelo lesbianismo ter sido transformado
 141 em algo perverso, banido e condenado. Os efeitos foram:

142

143 [...]muitas mulheres fugiram para casamentos heterossexuais ou desenvolveram um
 144 enorme auto-ódio ou pena de si mesmas caso aceitassem o rótulo de “invertida”. Pelo
 145 início do século 20, a literatura popular europeia, largamente influenciada pelos
 146 sexólogos, estava se referindo a “milhares de seres infelizes” que “experenciavam a
 147 tragédia da inversão em suas vidas” e à paixões que “resultavam em loucura ou
 148 suicídio”. No imaginário popular, o amor entre mulheres estava sendo relacionado com
 149 doença, insanidade e tragédia.

150

151 Feministas lésbicas historiadoras enxergam a categorização sexológica de lésbicas como
 152 constituindo um mecanismo de controle social, tanto do amor entre mulheres quanto do
 153 feminismo – fenômenos particularmente poderosos quando combinados.

154 Carroll Smith-Rosenberg – que escreveu o artigo germinal sobre amizades passionais:
 155 “O Mundo Feminino do Amor e Ritual”¹² – enxerga a tomada do discurso feminista pela
 156 sexologia na década de 20 como danosa. Ela fala sobre a importância da “nova mulher” na
 157 história feminista e lésbica do final do século 19, as “novas mulheres”, que formavam amizades
 158 passionais para apoiar umas as outras pela faculdade, trabalhavam em casas de assentamento e
 159 nas carreiras emergentes de trabalho social e educação. Elas “bordaram as amizades intensas e
 160 passionais de suas mães no tecido de seu bravo novo mundo”. Elas eram reformistas sociais que
 161 criavam redes de apoio, estabeleciam contatos e criaram uma máquina para a mudança,
 162 frequentemente eram fortemente feministas. Elas eram, obviamente, o pilar de muitas campanhas
 163 feministas, notavelmente no Reino Unido, na União Política e Social de Mulheres (UPSM)¹³.
 164 Smith-Rosenberg explica que os médicos do final da era Vitoriana caracterizavam as “novas
 165 mulheres” como masculinas e, então, como “lésbicas masculinizadas”. Ela vê a definição sexual
 166 oferecidas pelos sexólogos sobre lesbianismo como algo que subordina lésbicas ao invés de
 167 empoderá-las; “Ao constituí-la como um indivíduo sexual, eles a tornaram sujeita à
 168 regulamentação política do estado”.

169 Amizades passionais ou românticas geraram muita controvérsia entre estudiosas
 170 lésbicas. Celebradas pela Smith-Rosenberg e Faderman, foram ridicularizadas como de classe
 171 média, ou anti-sexo, por outras. A discordância sobre as amizades passionais surge de visões
 172 diferentes sobre o que constitui a identidade lésbica. Quando Faderman escreveu “Superando o
 173 Amor por Homens” ela viu mulheres envolvidas em amizades que se assemelhavam muito com
 174 as feministas lésbicas dos anos 70. Faderman via o feminismo-lésbico como “análogo” às
 175 amizades românticas, as quais ela via como aquelas em que “duas mulheres eram tudo uma para a
 176 outra e tinham poucas conexões com homens, que eram tão alienadamente e totalmente
 177 diferentes”. Ela sugere que “caso as amigas românticas de outras épocas vivessem hoje em dia,
 178 muitas delas teriam sido lésbicas-feministas; e caso as lésbicas-feministas do nosso tempo
 179 tivessem vivido nessas outras épocas, a maioria delas teriam sido amigas românticas”. A

¹² *The Female World of Love and Ritual*

¹³ Women’s Social and Political Union (WSPU)

180 definição de lesbianismo de Faderman não dependia de contato genital. Ela diz que “amor entre
 181 mulheres tem sido um fenômeno primariamente sexual somente na fantasia da literatura
 182 masculina”. Ela baseia suas definições nas emoções e afirma que “[o] contato sexual pode ser
 183 uma parte grande ou pequena do relacionamento, ou pode ser totalmente ausente”. Ela nos conta
 184 que feministas lésbicas contemporâneas não são inocentes em relação a sexo, mas “os aspectos
 185 sexuais de seus relacionamentos geralmente são menos significativos do que o apoio emocional e
 186 do que a liberdade que elas têm para se definirem”. Ela sugere que muitos dos relacionamentos
 187 de lésbicas-feministas continuam bem depois do “componente sexual ter passado”.

188 Críticos da Faderman acusaram-na de um ato de traição: de “dessexualizar” o
 189 lesbianismo em suas definições por incluir mulheres que não mantinham contato genital no
 190 passado, ou contato genital pouco frequente no presente. Para quem vê o lesbianismo como uma
 191 diferença *sexual* [grifo meu], amigas românticas certamente não se qualificariam. Mas, para
 192 feministas, para quem escolher amar mulheres é a base da identidade lésbica, elas se qualificam.
 193 Conexão genital é difícil de se provar, lésbicas ao longo da história podem ser bem escarças, e a
 194 história lésbica só começaria no século 19 se o modelo da diferença sexual – baseado em conexão
 195 genital – fosse adotado. A história da heterossexualidade nunca foi limitada pela necessidade de
 196 se provar conexão genital. A heterossexualidade é uma instituição política que não começou com
 197 a sexologia em 1890, e não é somente uma variedade de diferença sexual. Assim como eu e
 198 outras membras do Grupo de Londres de História Lésbica¹⁴ temos sugerido, a tarefa da
 199 historiadora lésbica é analisar a história da resistência por mulheres à heterossexualidade como
 200 uma instituição, e não simplesmente procurar por mulheres que se encaixam num estereótipo do
 201 século 20 baseado na sexologia.

202 A nova caracterização não foi rejeitada por todas mulheres que amavam mulheres.
 203 Algumas escolheram adotá-la como sua definição própria nos anos 20. Havia uma pressão geral
 204 para que as mulheres fossem sexuais. Assim como detalhei em outras obras, a “revolução sexual”
 205 dos anos 20 almejava curar o feminismo, a misandria, o lesbianismo e as solteironas (os maiores
 206 medos dos homens da ciência), através do envolvimento entusiástico de mulheres heterossexuais
 207 (de preferência todas mulheres) no sexo penetrativo. Esperava-se que o prazer sexual da mulher a
 208 subordinasse ao seu marido, no casamento e em outras esferas de sua vida. Exercia-se uma
 209 pressão considerável para o alistamento da mulher à posição missionária na heterossexualidade,

¹⁴ London Lesbian History Group

210 para que seus prazeres poderiam ser orquestrados em prol da sua subordinação. Mulheres
211 heterossexuais jovens aceitaram essa distração, como Smith-Rosenberg argumenta: “Ao divorciar
212 os direitos das mulheres do seu contexto político e econômico, eles criaram a busca das filhas por
213 prazeres heterossexuais, e não responderam as demandas das mães por poder político,
214 personificando a liberdade feminina.” A estigmatização do lesbianismo foi uma arma poderosa
215 que poderia ser usada para pressionar mulheres à heterossexualidade. A lésbica ostracizada era
216 um complemento necessário para a entusiástica dona de casa heterossexual.

217 Mulheres que amavam mulheres, e que estavam cientes do discurso sexológico, tinham
218 que escolher como se encaixar às novas prescrições. Havia três possibilidades para elas: elas
219 poderiam abandonar as amizades passionais, numa tentativa de evitar o estigma de desviada;
220 poderiam continuar com suas amizades passionais, mas rejeitar o modelo sexológico como não
221 tendo nada a ver com elas (muitas, obviamente, tomaram esse rumo, que deve ter sido cheio de
222 dificuldades); ou elas poderiam abraçar a nova identidade que estava sendo oferecida. Ambas
223 Smith-Rosenberg e Newton¹⁵ argumentam que, de fato, muitas abraçaram [essa nova identidade]
224 e que suas decisões tiveram resultados na a história lésbica e a do feminismo. Elas sentiam raiva
225 da geração anterior, que não ofereceu uma definição especificamente sexual para o amor entre
226 mulheres, numa época em que sexo estava se tornando obrigatório, e tinham, portanto, falhado
227 em providenciar um “vocabulário sexual” para a próxima geração. O exemplo mais famoso é,
228 claro, Radclyffe Hall, que escolheu adotar um modelo sexológico n'*O Poço da Solidão* pois
229 acreditava que se lésbicas fossem vistas como sendo congenialmente defeituosas em vez de
230 deliberadamente pervertidas, geraria uma empatia maior.

231 Smith-Rosenberg argumenta que a adoção do estereótipo da “lésbica masculinizada”
232 tinha implicações negativas para o feminismo. As novas lésbicas foram separadas da geração
233 antiga de feministas para que, então, ficassem desamparadas quando os homens reafirmaram seu
234 poder em uma retaliação contra as vitórias feministas. Apesar dos esforços das lésbicas dos anos
235 20 (e subsequentes), de tentar incorporar novos e positivos significados lésbicos para eles, a
236 adoção dos símbolos da masculinidade não foi libertadora. Smith-Rosenberg afirma que elas
237 falharam nessa tarefa e Faderman explica que a adoção de um status estigmatizante de

¹⁵ Esther Newton é uma antropóloga cultural norte-americana, conhecida pelo seu trabalho pioneiro sobre a etnografia de comunidades lésbicas e gays dos Estados Unidos.

238 marginalizada levou a literatura lésbica a uma preocupação com desgraça e punição até os anos
239 60.

240 A historiadora lésbica Esther Newton possui uma abordagem bem diferente,
241 ridicularizando o modo como ela percebe que historiadoras lésbicas escreveram sobre o mundo
242 das amizades passionais: “o século 19 se torna uma espécie de Tempos Dourados para lésbicas,
243 repletos de casais feministas inocentes”. Ela vê a identidade da “lésbica masculinizada” como
244 tendo sido abraçada por aquelas que queriam “romper o modelo assexual das amizades
245 românticas”. Ela explica que Radclyffe Hall queria tornar a mulher que ama outras em um ser
246 sexual, e que só conseguiria fazer isso ao adotar o estereótipo masculino e ao se tornar sexual nos
247 termos masculinos: “para se tornar abertamente sexual, a Nova Mulher tem que entrar no mundo
248 masculino, ou como heterossexual nos termos masculinos... ou como uma lésbica fantasiada de
249 homem”. Ela enxerga isso como um ato radical e progressivo, que desafia estereótipos de gênero.
250 Ao fazer uma mulher desempenhar o papel masculino para que Hall “questione a inevitabilidade
251 das categorias tradicionais de gênero” mas que também “acaba por concordar [com eles]”,
252 Newton aceita que homens têm conseguido usar a imagem da bofe para “condenar lésbicas e
253 intimidar mulheres héteros”, e reconhece que a visão de identidade lésbica de Hall, as quais ela
254 caracteriza como “diferença sexual e masculinidade são prejudiciais à ideologia lésbica
255 feminista”.

256 As interpretações bem distintas do impacto da sexologia, que são abundantes hoje em
257 dia, foram similares quando o livro [*O Poço da Solidão*] foi publicado pela primeira vez.
258 Feministas estavam, frequentemente, extremamente descontentes com a criação de Hall. Vera
259 Brittain¹⁶ é uma das feministas que editava *Tempo e Maré*¹⁷, ela conhecia bem o potencial do
260 amor entre mulheres, já que esteve envolvida em uma amizade passional com Winifred Holtby¹⁸.
261 Em sua resenha, ela aceita que há uma categoria de lésbicas que é inerentemente anormal e uma
262 que não é, identificando-as mais pra frente em seu livro como invertidas vs. pervertidas.

263
264
265
266
267

... mulheres do tipo da Stephen Gordon, enquanto sua anormalidade seja inerente e não
somente um culto desnecessário do eroticismo exótico, merecem a maior compaixão e
compreensão de todas que são suficientemente afortunadas ao terem escapado umas das
mais cruéis dispensas da Natureza.

¹⁶ Enfermeira, escritora, feminista e pacifista britânica. Morreu em 1970, aos 87 anos.

¹⁷ *Time and Tide*. Uma revista britânica política semanal, fundada por Margaret Lady Rhondda em 1920. Começou sendo de esquerda e apoiando causas feministas, mas passou a ser de direita após um tempo.

¹⁸ Escritora e jornalista britânica, mais conhecida por seu livro *South Riding*, publicado postumamente em 1936.

268

269 Brittain certamente não se vê como tendo qualquer conexão com [mulheres] tão
 270 anormais como invertidas e pervertidas, apesar de seu amor por mulheres. Isso mostra que um
 271 dos impactos da sexologia é separar as lésbicas da classe mulher. O “culto do erotismo exótico”
 272 parece muito tentador, quase que uma forte chamada para as políticas “*queer*”. Mas ao considerar
 273 as manifestações exageradas de masculinidade e feminilidade de Stephen e sua amante Mary
 274 Llewellyn, Brittain rejeita a mensagem que isso decorra da biologia. Em vez disso, ela culpa a
 275 imposição das exageradas distinções de gênero do século 19.

276

277

278

279

280

281

282

283

284

285

Certamente parece provável que um problema desse tipo deve ter sido intensificado pela
 exacerbação das diferenças sexuais, que tem sido peculiarmente marcada em certas
 épocas do mundo, e das quais a classe média britânica do século 18 e 19 estavam
 particularmente afeiçoadas. A senhorita Hall parece pressupor que essa exageração das
 características sexuais faz parte de uma educação considerada correta do ser humano;
 portanto ela torna a sua mulher “normal” exasperadamente dependente e “feminina” e
 ainda descreve as atitudes em relação ao amor como “um fim em si mesmo”, como
 sendo um atributo necessário para a mulheridade.

286

287

288

289

290

291

292

293

294

295

296

297

298

299

300

301

Britain escrevia em 1928, muito antes do debate em inglês começar a distinguir “sexo” e
 “gênero”, mas ela foi capaz de analisar aquilo que chegaria a ser chamado de, atualmente,
 “crítica de gênero”. Brittain não estava prestes a aceitar a ideia do *rolplay* lésbico, já que ela
 claramente acreditava que mulheres não precisavam se comportar de forma masculina nem
 feminina: “essa confusão sobre o que é ‘masculino’ ou ‘feminino’ e o que é apenas humano em
 nossa composição complexa persiste ao longo do livro”. Ela não acredita que o comportamento
 da Stephen em sua infância seja um indício de sua anormalidade. Ela diz que a “suposta
 predileção sinistra da criança” parece, para ela, ser “as preferências bem normais de qualquer
 jovem enérgica que aparenta possuir mais vitalidade e inteligência do que suas semelhantes”. O
 feminismo de senso comum da Brittain está em forte contraste com as opiniões de Esther Newton
 e outras protagonistas atuais do *roleplay*. É encorajador perceber que feministas nos anos 20
 poderiam ser tão determinadamente resistentes aos modelo sexológico de invertidos masculinos e
 de pseudo-homossexuais femininas como qualquer outra lésbica feminista contemporânea.

Brittain percebeu que o desejo por liberdade das mulheres foi capturado dentro de um
 estereótipo masculino da lésbica; que a categoria sexológica era sobre controle e não libertação.

302 Se um dos resultados da educação feminina em 1890 realmente foi atribuir o rótulo ruim
 303 de “pervertida” a uma ser humana cujo maior desejo era de uma expressão mais larga de
 304 sua humanidade além do que a convenção contemporânea permitia, então aquela
 305 educação era uma coisa realmente muito vil.
 306

307 É relativamente intrigante que essa discussão esteja sendo repetida nos anos 80 e 90, a medida
 308 que algumas lésbicas procuram, mais uma vez, voltar com estereótipos sexológicos, até mesmo
 309 os bem antiquados, porque os tempos agora são outros. Uma crítica feminista desses estereótipos
 310 foi parte de um movimento lésbico massivo. A reafirmação de papéis é uma rejeição explícita das
 311 visões feministas: por que uma ideia dos anos 20, que foi adotada em legítima defesa por um
 312 grupo de lésbicas que sentiu que não havia nenhuma alternativa, foi adotada com entusiasmo por
 313 lésbicas que hoje têm muito mais escolhas?

314 Newton explica seu interesse no argumento da sexologia e na Radclyffe Hall no final se
 315 seu artigo, ela se identifica diretamente com a “lésbica masculina”. Ela afirma que, como Hall,
 316 ela vê o lesbianismo como uma “diferença sexual”. Newton é uma das lésbicas dos anos 80 que
 317 escolheram o modelo sexológico de lesbianismo em oposição a, segundo ela, influência odiosa do
 318 feminismo lésbico. Ela abraça a sexologia com zelo, toda sua linguagem e conceitos de
 319 lesbianismo vêm dessa fonte, e um exemplo é sua procura por uma explicação sobre o
 320 lesbianismo. Feministas lésbicas tendem a não procurar uma explicação pois elas não veem o
 321 lesbianismo como uma condição de minoria, mas sim como uma escolha positiva para todas
 322 mulheres. Newton busca respostas na psicologia tradicional, ela diz que ela enxerga o “eroticismo
 323 da mãe/filha” como “um componente central da orientação lésbica” – conceito derivado da
 324 psicanálise. Ela continua, desejando que a “psicologia feminista” resolva o “enigma da orientação
 325 sexual”.

326 Embora pareça que ela inicialmente enxergasse a adoção de estereótipos masculinos
 327 como uma escolha feita pelas lésbicas dos anos 20 para possuir uma identidade sexual, sua
 328 conclusão demonstra um comprometimento a um determinismo psicológico. Ela afirma que Hall
 329 e os sexologistas estavam “descrevendo algo real” quando descreviam lésbicas masculinas. Esse
 330 era o fenômeno de “disforia de gênero”, ou “um forte sentimento de que o gênero designado de
 331 alguém como homem ou mulher não corresponde com o senso de ser da pessoa”. Essa ideia se
 332 origina da sexologia. Aparentemente, “disforia de gênero” é imutável e não está sujeita a escolha
 333 porque:
 334

335 Masculinidade e feminilidade são como dois dialetos da mesma linguagem. Apesar de
 336 entendermos ambos, a maioria de nós “fala” somente um. Muitas lésbicas, como Stephen
 337 Gordon, são fêmeas biológicas que cresceram pensando e “falando” no dialeto de gênero
 338 “errado”.
 339

340 Identidade de gênero não está sujeita a mudança na vida adulta pois “é determinada na primeira
 341 infância”. Portanto, Newton argumenta que nós deveríamos apoiar “mulheres masculinas e
 342 homens femininos”, porque “Muitas lésbicas *são* masculinas; a maioria tem estilos compostos;
 343 muitas são enfaticamente femininas”. É difícil adivinhar exatamente porquê Newton enfatizou o
 344 “são” na frase anterior, a não ser que fosse para estabelecer a qualidade essencial e inevitável da
 345 “masculinidade” lésbica. Isso claramente não é uma abordagem feminista. Feministas lésbicas
 346 acreditam – não só por comprometimento ao construcionismo social, mas também por suas
 347 próprias experiências – que comportamento humano pode ser mudado. Feministas, afinal,
 348 demandam que homens mudem seu comportamento masculino, um comportamento visto como
 349 reafirmação de pertencimento a uma classe masculina dominante, cuja própria existência depende
 350 da subordinação de mulheres. Muitos homens pró-feminismo demandam a mesma coisa. Mas, ao
 351 mesmo tempo que tanto esforço feminista está sendo usado para retirar a masculinidade de
 352 homens, Newton, uma professora de Estudos Feministas na Universidade Estadual de Nova York
 353 nos diz que a masculinidade em lésbicas bofes deveria ser apoiada.

354 Newton escolheu “se assumir” enquanto lésbica bofe em 1984. Isso foi, suponho, uma
 355 decisão política, apesar de que Newton não gostaria de ver como tal. Ela, de alguma forma, se vê
 356 como sendo intrinsecamente “bofe”. Ela diz que ela não conseguiu se assumir como bofe antes de
 357 1984 porque, como lésbica escolarizada e de classe média, ela associava “bofisse” com a classe
 358 trabalhadora dos bares, onde se assumiu [como lésbica] em 1959. Aparentemente, ela precisava
 359 achar um “jeito classe média de ser bofe”; o que ela consegue em um grupo de apoio de bofes em
 360 Nova Iorque. Ela relata que era uma “identidade muito difícil de aceitar para muitas de nós”.
 361 Como professora de Estudos Feministas, ela devia estar ciente da montanha de literatura de
 362 estudos feministas e de homens procurando desconstruir e eliminar masculinidade.
 363 Provavelmente, é justamente porque ela estava ciente deles que ela precisava de apoio, para ir
 364 contra o que ela chama de “ideologia dominante lesbofeminista”. Parece que as “bofes” do grupo
 365 estavam determinadas a serem propriamente masculinas, e sentiram-se atormentadas pelas
 366 limitações do papel masculino. As atas do grupo parecem uma paródia não-intencional dos
 367 grupos conscientização de homens contra o sexismo nos anos 70:

368

369 Percebemos que nos faltava habilidades sociais, não tínhamos ninguém ali para, de certa
 370 forma, mediar e jogar conversa fora. A maioria de nós tinha dificuldade em falar sobre
 371 nossos sentimentos, sobre nossas personalidades.
 372

373 Elas se preocupavam com coisas como “eu não sou alta o suficiente. Você é mais bofe
 374 do que eu... Será que há problemas intrínsecos a ser bofe? Controle exagerado? Você queria
 375 poder chorar mais?”. Mas, ao contrário de homens contra o sexismo, essas mulheres não queriam
 376 perder a masculinidade, seu bem mais valioso, para simplesmente melhorar alguns dos problemas
 377 que o comportamento masculino trazia. As bofes imitavam o comportamento masculino de ódio
 378 contra mulher, exatamente o que se é esperado se a masculinidade for realmente baseada na
 379 depreciação e na importância de não ser mulher. Outro ponto, ela comenta, eram as “ladys” e
 380 “participar de reclamações sobre ladys e feminismo”. Isso parece o comportamento de
 381 autoafirmação masculina de homens estereotípicos em bares, que tentam se convencer que eles
 382 não são nada parecidos com as mulheres.

383 Newton parece realmente parece ter dúvidas genuínas sobre ser uma mulher. Em outros
 384 tempos, isso poderia ter sido resolvido em grupos feministas de conscientização, nos quais
 385 mulheres poderiam discutir seguramente seu auto-ódio, enquanto membras da classe política
 386 desprezada e inferiorizada de mulheres, e desenvolver orgulho próprio. Ao invés disso, ela
 387 escolhe adotar uma masculinidade caricata e fingir que não tem escolha. Sendo uma mulher
 388 inteligente, educada e acadêmica, ela consegue tornar sua auto-justificativa em uma “teoria”
 389 sobre os efeitos positivos da sexologia, que criou o estereótipo bofe que ela busca aperfeiçoar.
 390 Nos anos 80, o hábito feminista de auto-questionamento rigoroso e análise política, aliado a uma
 391 crença na possibilidade de mudança pessoal nos interesses de libertação pessoal e lésbica, foi
 392 derrubada em alguns círculos lésbicos por uma crença no inviolável e inevitável destino, ou
 393 identidade, baseado nos sentimentos não-questionados de ser “quem você realmente é”. A ideia
 394 de construção social e, certamente, a ideia de que é saudável sujeitar seus “sentimentos” para
 395 análise em um contexto feminista, veio a ser visto como ofensivo para os conceitos de si de
 396 outras lésbicas. Feminismo interrompia a busca pela verdade.

397 A ideia de que construções da sexologia tiveram um efeito positivo, apoiada por
 398 historiadores gays e por Newton, encontra sua base teórica no trabalho de Michel Foucault.
 399 Foucault argumentou que embora a sexologia providenciava a possibilidade de maior controle
 400 social, através da criação do conceito de perversidade, também providenciava a possibilidade de

401 um “discurso inverso”. De acordo com essa ideia, os objetos da categorização sexológica
 402 poderiam usar essas mesmas categorias para lutar contra as forças no poder.

403
 404
 405
 406
 407

[...]a homossexualidade começou a falar por si mesma, a demandar que sua legitimidade ou “naturalidade” fosse reconhecida, muitas vezes através do mesmo vocabulário, usando as mesmas categorias que haviam a desqualificado medicinalmente.

408 *O Poço da Solidão*, da Radclyffe Hall tem sido visto por alguns estudiosos gays e lésbicas como
 409 criando a possibilidade de um “discurso inverso” para lésbicas. Jonathan Dollimore¹⁹ explica que
 410 o livro: “[...]ajudou a iniciar, no sentido Foucaultiano, um discurso inverso: lésbicas conseguiram
 411 se identificar, muitas pela primeira vez, mesmo que na mesma linguagem de sua opressão”. Hall
 412 fez mais do que simplesmente aceitar um status condenado e marginalizado para lésbicas. Por
 413 ligar na figura de Stephen “a mártir (religiosa) e a rejeitada (romantizada)”, uma imagem
 414 poderosa foi criada de uma “sensibilidade e integridade superiores sendo perseguida pelo
 415 ordinário e o normal”. Dollimore aceita, como muitos outros estudiosos gays aceitam, que o
 416 “discurso reverso” então criado levou à políticas sexuais positivas.

417
 418
 419
 420
 421
 422
 423

Mesmo que hoje em dia possa parecer bizarro, muitos desenvolvimentos subsequentes em liberação sexual e políticas sexuais radicais podem ser traçadas ao tipo de apropriação feita por Hall, mesmo os desenvolvimentos que teriam a assustado – por exemplo, a ideia de desvio sexual como potencialmente revolucionária, subvertendo o centro corrupto e opressivo das margens desviantes.

424 A questão, então muito debatida por teóricos gays, é até que ponto o movimento por direitos
 425 homossexuais que usavam tais categorias foi aprisionado e minado por elas, e quanto que
 426 realmente foi possível subverter as categorias para uso de uma resistência efetiva.

427 A liberação sexual que Dollimore tem em mente é certamente uma adequada aos
 428 interesses de homens gays. Não faz sentido que tais políticas possam parecer tão positivas para
 429 lésbicas, que estão classe sexual feminina. Acredito que a adoção de categorias sexológicas por
 430 lésbicas somente significou que lésbicas do século 20 aceitaram a linguagem e ideias da
 431 sexologia para se descreverem – independente de quão útil pode ter parecido a curto prazo para
 432 solicitar empatia heterossexual, e oferecer uma identidade definida pela qual se organizar.
 433 Lesbianismo tornou-se uma minoria desviante, definida pela atividade sexual genital, que

¹⁹ Sociólogo e teórico social britânico nas áreas de literatura renascentista, estudos de gênero, estudos queer, arte, censura, história das ideias, histórias de morte, decadência e teoria cultural.

434 aceitava causa ou biológica ou psicológica, e, frequentemente, também aceitava as terríveis
435 restrições do *roleplay*. Lésbicas, de acordo com critérios bem arbitrários, precisaram dividir a si e
436 as suas comunidades, em dois grupos: um para buscar suas amigas e outro para buscar suas
437 amantes, e modelaram seu comportamento a partir da masculinidade e feminilidade inventados
438 por homens. Lésbicas também foram efetivamente separadas de outras mulheres e feministas,
439 sendo uma minoria separada e desviante, elas estariam sob controle.

440 É compreensível que historiadores gays eram mais positivos quanto ao impacto da
441 sexologia, porque a situação histórica do homem homossexual é significativamente diferente da
442 mulher. Os sexólogos relacionavam inversão sexual em mulheres com feminismo e engajavam-se
443 em ataques danosos ao movimento. Os sexólogos não enxergavam homens homossexuais como
444 sendo representativos de um movimento de liberdade social do qual tinham medo. As amizades
445 passionais são outra diferenciação da história dos homens homossexuais: poucas histórias de
446 amizades passionais masculinas têm sido (d)escritas. Se o potencial de homens para tais amizades
447 foi danificado pela construção sexológica, e pode muito bem ter acontecido, não têm sido de
448 interesse da história gay. Homens gays conseguem se satisfazer com o status de desviante, visto
449 que eles são membros da classe dominante e não precisam lutar contra seu status de classe sexual.
450 A ortodoxia Foucaultiana não necessariamente se encaixa para lésbicas. Afinal, Foucault nunca
451 levou lésbicas, e raramente mulheres, em consideração. Um modelo tão inadequado ser visto
452 como aplicável tanto para mulheres quanto para homens, especialmente na academia, é uma
453 demonstração do poder da cultura e da teoria masculina gay.

454 O modelo sexológico de lesbianismo é precisamente o qual está sendo adotado, mesmo
455 nos anos 80 e 90, pelas lésbicas que mais se opõe ao feminismo. Tais lésbicas estão lutando para
456 se encaixar nos livros médicos e acreditam que eles estão falando a “verdade”, que a sexologia é
457 a “verdade”, sobre si mesmas. É difícil entender porque o modelo médico deveria, de repente, ter
458 um novo mérito neste momento [anos 90]. Estudantes gays têm sugerido que isso está
459 relacionado à forma que a profissão médica está reafirmando seu comando da homossexualidade
460 masculina, devido a sua importância durante a epidemia de AIDS, mas isso não explica por que
461 lésbicas como Esther Newton escolheram esse modelo no início dos anos 80. Entender o apelo do
462 modelo médico é um dos projetos deste livro.

463 O impacto das ideias sexológicas e, particularmente, dos anos 20 podem ser vistos,
464 agora, como fundamentais – se não na construção da identidade lésbica, então ao menos nos

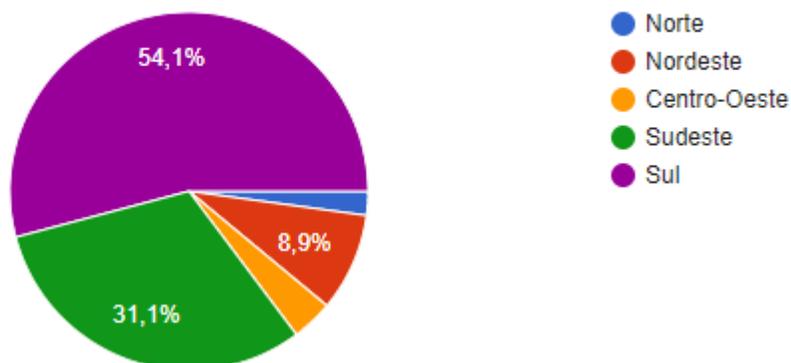
465 debates contemporâneos da sexualidade lésbica. Feministas lésbicas e as lésbicas da “diferença
466 sexual” enxergam esse período histórico de forma muito distinta. A década dos anos 20 pode
467 possuir mais relevância direta com presente: o que aconteceu nos anos 20 pode dar algumas pistas
468 sobre o despedaçamento da comunidade lésbica nos anos 80. Do mesmo jeito que, naquela época,
469 algumas lésbicas adotaram categorias sexológicas para, então, fazer sentido de sua experiência –
470 e descobriram que isso entraria em conflito com entendimentos feministas de sua sexualidade – ,
471 as lésbicas libertárias sexuais atuais voltaram a usar sexologia para explicar seu lesbianismo em
472 termos biológicos, de diferença sexual, de bofe e lady, com uma rejeição similar à teoria e prática
473 feminista.

APENDICE B – RESULTADOS DO FORMULÁRIO GOOGLE (EM ORDEM)

Figura 7 – (Questão 1) Região brasileira das(os) participantes

De que região do Brasil você é?

508 respostas

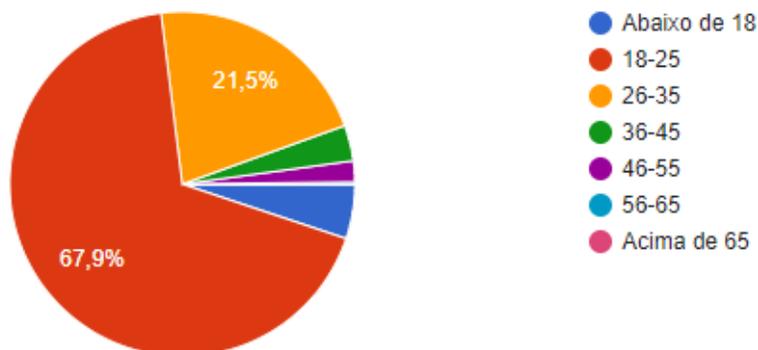


Fonte: Formulários Google

Figura 8 – (Questão 2) Idade das(os) participantes

Qual sua idade?

508 respostas

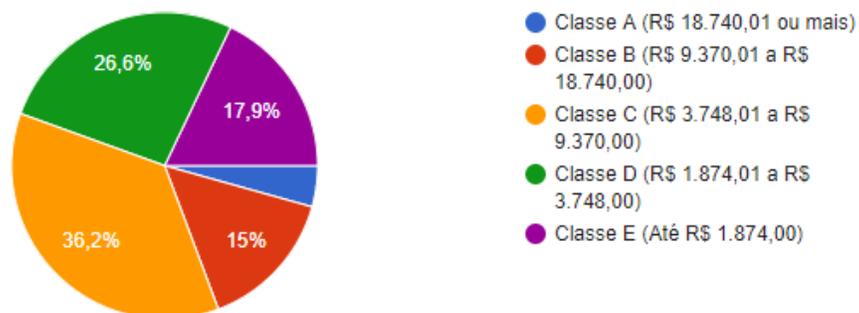


Fonte: Formulários Google

Figura 9 – (Questão 3) Classe social das(os) participantes

Qual sua classe social (renda familiar)?

508 respostas

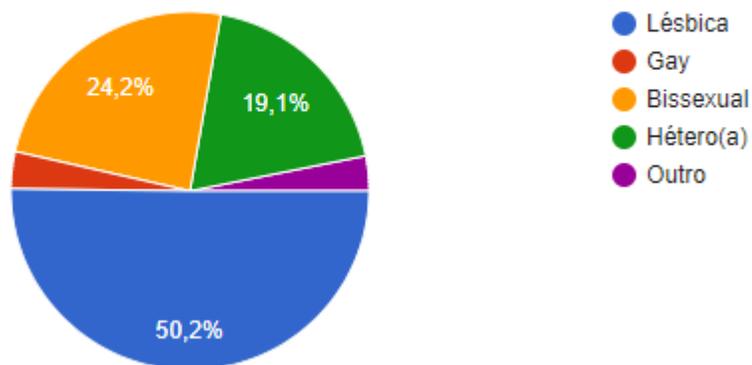


Fonte: Formulários Google

Figura 10 – (Questão 4) Sexualidade das(os) participantes

Qual sua sexualidade?

508 respostas

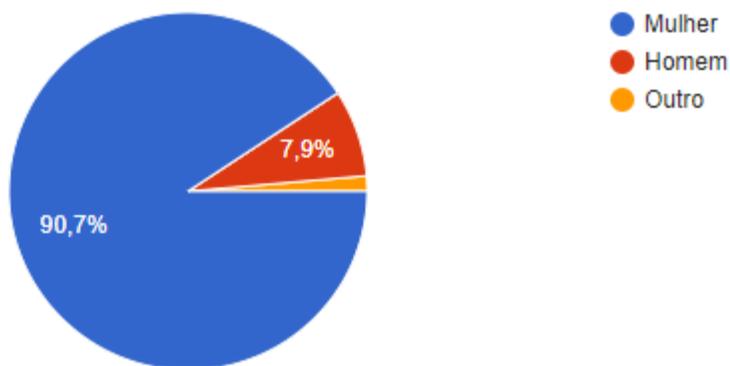


Fonte: Formulários Google

Figura 11 – (Questão 5) Identidade de gênero das(os) participantes

Qual sua identidade de gênero?

508 respostas

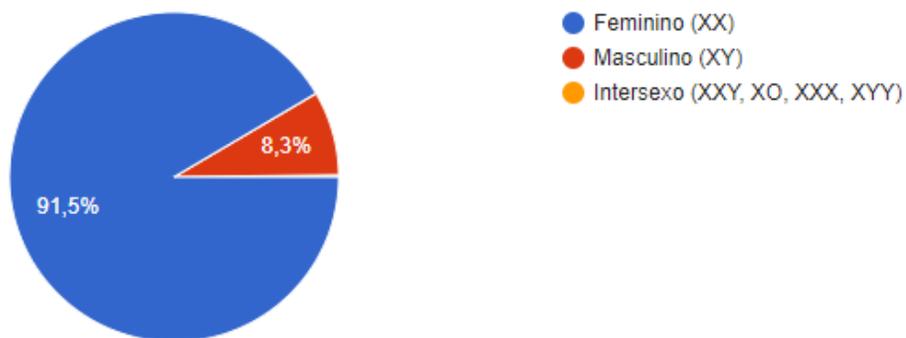


Fonte: Formulários Google

Figura 12 – (Questão 6) Sexo das(os) participantes

Qual seu sexo?

508 respostas



Fonte: Formulários Google

Figura 13 – (Questão 7) Raça/etnia das(os) participantes

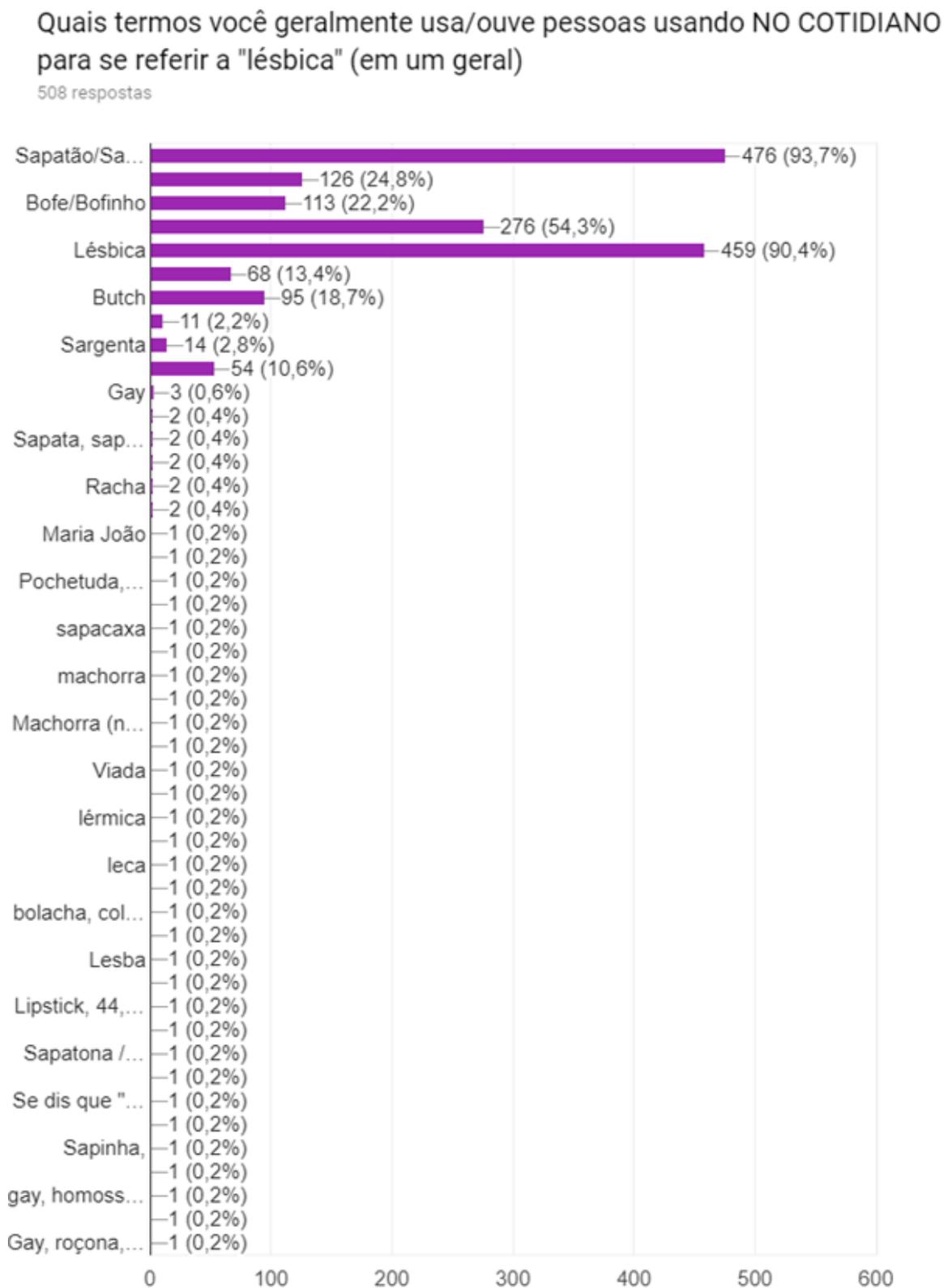
Você se considera:

507 respostas



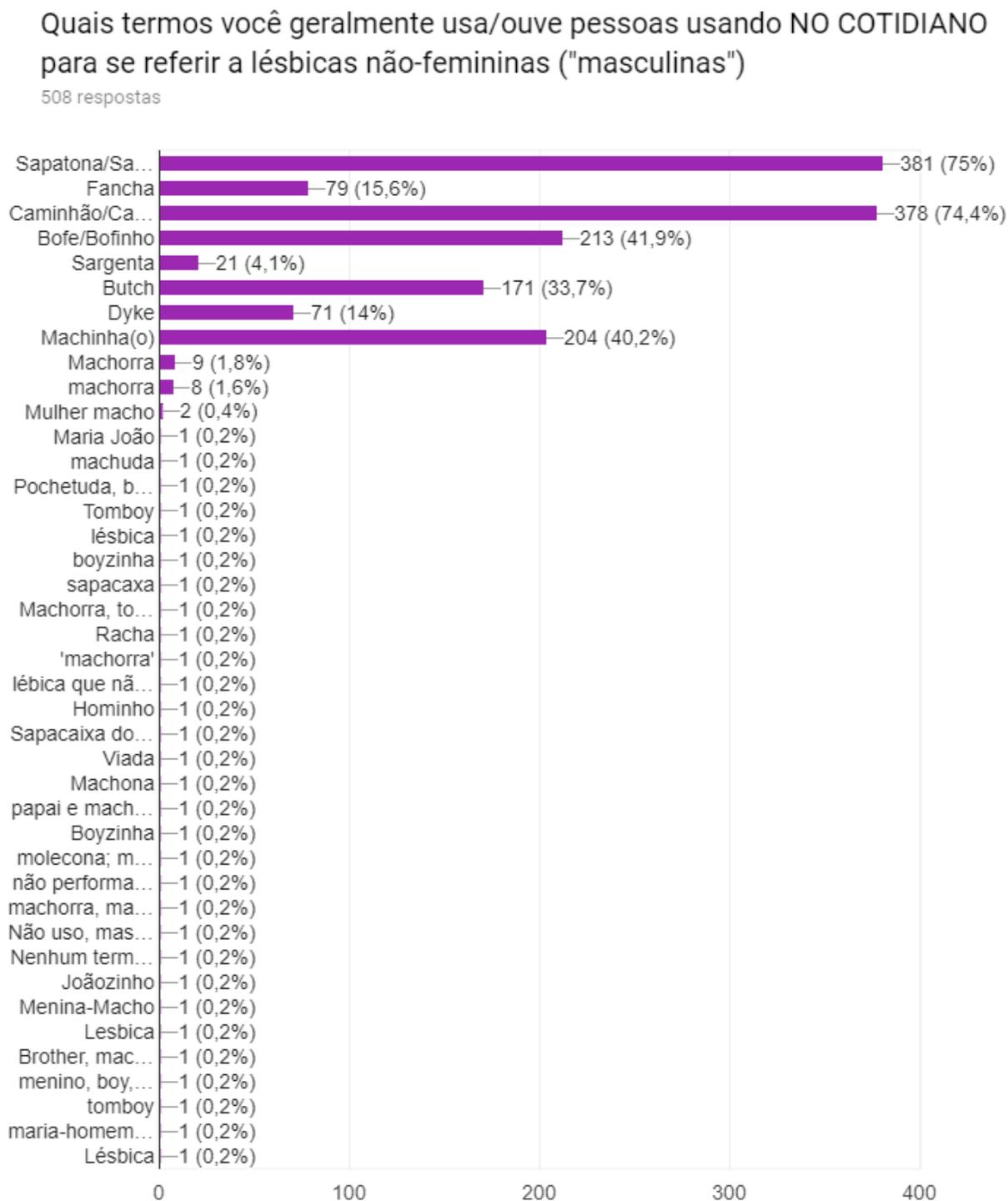
Fonte: Formulários Google

Figura 14 – (Questão 8) Resultados da primeira questão terminológica



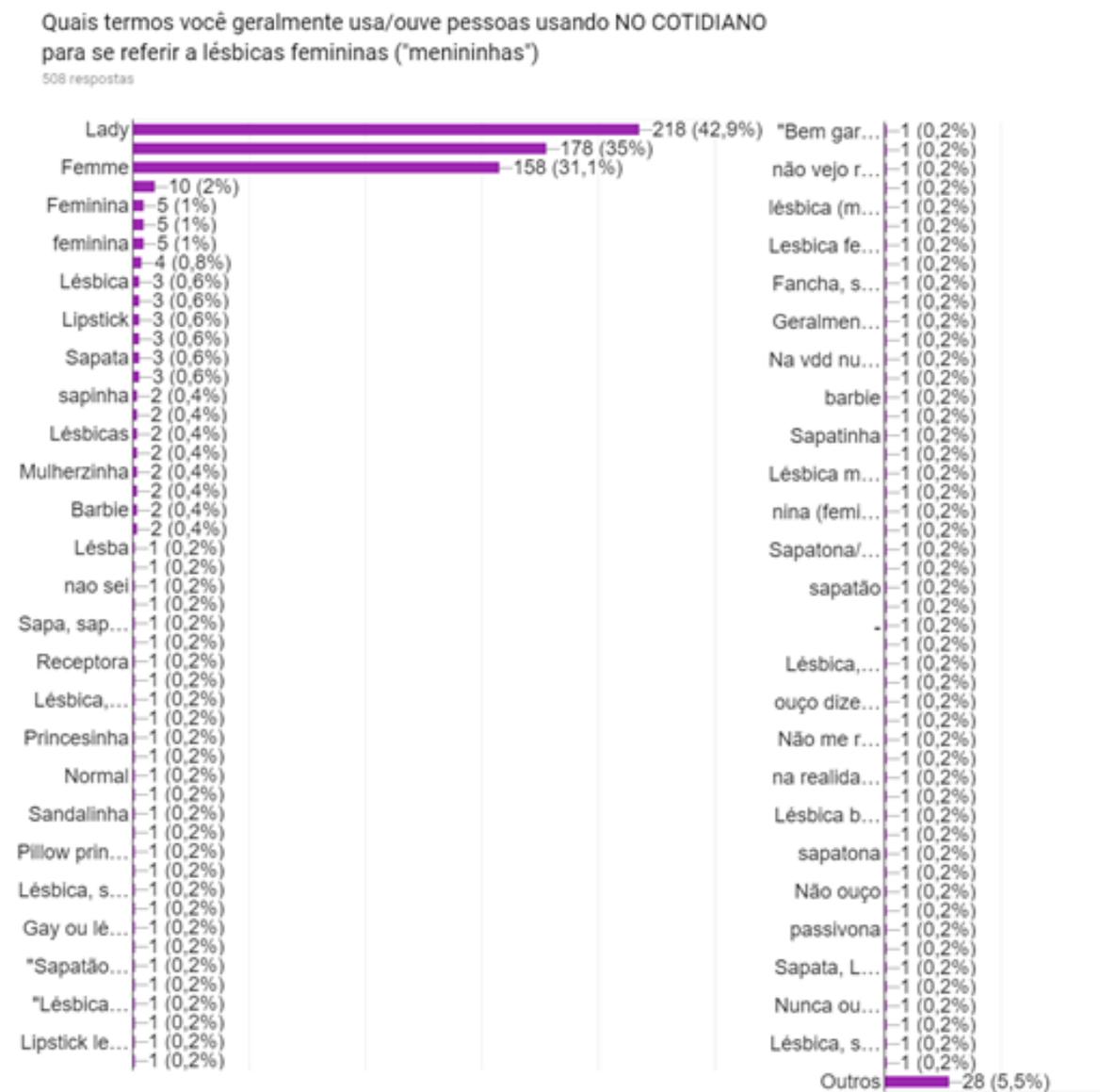
Fonte: Formulários Google

Figura 15 – (Questão 9) Resultados da segunda questão terminológica



Fonte: Formulários Google

Figura 16 – (Questão 10) Resultados da terceira questão terminológica

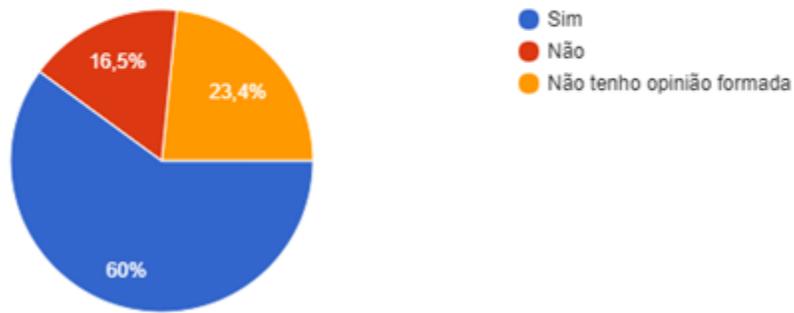


Fonte: Formulários Google

Figura 17 – (Questão 11) Resultados de caso considerar ofensivo ou não se referir a lésbicas como “masculinas”

Você considera ofensivo se referir a uma lésbica como "masculina"?

508 respostas



Fonte: Formulários Google

Figura 18 – (Questão 12) Justificativa 1

Caso queira justificar, sinta-se a vontade! (Não é obrigatório)

139 respostas

Fonte: Formulários Google

- i. “QUE OFENSA DA PORRA” – Lésbica
- ii. “Mulher lésbica não quer ser homem” – Lésbica
- iii. “É altamente ofensivo tratar lésbicas não-femininas com termos e pronomes masculinos. Mulheres não devem ser reduzidas a performance de feminilidade.” – Lésbica
- iv. “Não me sinto ofendido porque segundo os padrões da sociedade seria considerado masculino” – Lésbica
- v. “O que é ser "masculina"?” – Mulher, outro
- vi. “Mulheres nunca são masculinas. Elas apenas podem escolher não performar feminilidade.” – Lésbica
- vii. “Considero ofensivo porque uma mulher que abandona os rituais impostos para alcançar a "feminilidade" não (sic) se torna um homem, ou "masculinizada". É apenas uma mulher que prefere não (sic) se modificar e gastar o tempo e o dinheiro que isso demanda com outras coisas, talvez até mais produtivas.” – Mulher, bissexual

- viii. “Confesso nunca havia pensado muito sobre o assunto e como não possuo diálogo ou maiores informações no momento não cabe a mim julgar algo que pela normativa não me ofenderia. Nessa caso (sic), o que cabe a mim, é buscar maiores informações sobre os termos e no futuro melhorar a forma como vou me referir às pessoas sem ofendê-las ou julgar sem perceber e sem intenção” – Mulher, hétera
- ix. “Quem pode se ofender sempre é quem ouve, então é melhor perguntar ou tratar de acordo com o que você vê dá identidade de gênero.” – Gay
- x. “Não saberia opinar... não sou lésbica.” – Homem, bétero
- xi. “Lésbicas não se identificam como homem, logo acho que seria ofensivo se referir à elas no masculino.” – Mulher, bissexual
- xii. “Penso que as butch(es) apenas não se enquadram na socialização de performance "feminina" de aparência.” – Mulher, bissexual
- xiii. “é muito estereotipador (?) de gênero, não faz sentido... uma lésbica masculina é uma lésbica que não é feminina? isso faz ela masculina? sei la, acho que isso empurra elas a masculinidade e nem é o que elas querem. elas só querem se vestir como acham melhor” – Lésbica
- xiv. “Gênero é performance” – Lésbica
- xv. “Masculinidade não pertence ao gênero masculino.” – Lésbica
- xvi. “Acredito que a identidade da lésbica é feminina, e ela não tem que se enquadrar em nenhum padrão de comportamento que outra pessoa ache aceitável.” – Mulher, Bissexual
- xvii. “[considera ofensivo] apenas porque reforça estereótipos de gênero” – Lésbica
- xviii. “Acho que ser lésbica não necessariamente tenha a ver com uma maior ou menor masculinização. No meu entendimento, como mulher heterossexual que busca desconstruir seus preconceitos, entendo que as mulheres lésbicas são mulheres antes de tudo, e que a concepção de masculinização ou de feminilização tenha mais a ver com uma tentativa de enquadramento binária do que com a própria orientação sexual. Como, para algumas lésbicas, imagino que isso possa soar como ofensivo e também porque (sic) procuro desconstruir em mim mesma a binariedade do que é masculino e feninino (sic), evito fazer esse tipo de referencia.” – Mulher, hétero(a)
- xix. “não costumo me ofender quando sei que as pessoas não usam o termo com má intenção, no cotidiano, mas em um livro sobre o assunto não gostaria de ver o termo "masculina"

- pois acredito que as lésbicas que não performam feminilidade são não-femininas, ou até mesmo "naturais", mas não masculinizadas.” – Lésbica
- xx. “É muito ofensivo ser comparada com um homem, em qualquer hipótese.” – Lésbica
- xxi. “É ofensivo se assim a pessoa achar. Tem mulheres que conscientemente querem – ou aceitam – ter uma expressão de gênero masculina, se identificando como mulheres. Outras só se vestem/agem assim sem querer ter qualquer relação com a masculinidade.” – Lésbica
- xxii. “Algumas preferem, outras não... é um mistério até eu perguntar pra pessoa.” – Homem, Homem, outro
- xxiii. “O termo "masculino" se refere à identidade de gênero, não à sexualidade” – Mulher, bissexual
- xxiv. “Não considero ofensivo se conhecemos a pessoa num grupo de amigas que são lgbs e se ela não se ofende com o fato de falarmos por brincadeira; não creio que deva ser alguma vez falado de forma séria. Só podemos se referir a masculino quando se trata de um homem trans, não de lésbicas. Agora, é realmente ofensivo se for com uma desconhecida, um grupo de desconhecidas, e pessoas não-lgbs que se utilizam de um tom pejorativo.” – Mulher, bissexual
- xxv. “A intenção é sempre de deslocar e deslegitimar a maneira como a pessoa é e se expressa.” – Mulher, heterossexual
- xxvi. “A intenção é sempre de deslocar e deslegitimar a maneira como a pessoa é e se expressa.” – Mulher, heterossexual
- xxvii. “Acho que qualquer tipo de rótulo que tenta ferir a imagem da pessoa por sua sexualidade é ofensivo.” – Homem, bissexual
- xxviii. “sou "bofinho" e já me importei, hoje em dia tô cagando” – Lésbica
- xxix. “coloquei essa opção [não sei opinar] pois existem diversas pessoas que se autorem dessa forma, assim como resignificam o ser "masculinada"....entretanto, usualmente pelo sistema heteronormativo é utilizado como ofensa” – Mulher, outro
- xxx. “Problema é de quem pensa e fala, eu sei que não sou masculina.” – Lésbica
- xxxi. “"maculino" representa um esteriótipo histórico, por mais problemático que seja, não tem como fugir de tais palavras sem dar milhares de voltas” – Lésbica

- xxxii. “Muitas mulheres podem querer se vestir de tal forma sem serem masculinos. Mas outras podem querer ser masculinas.” – Mulher, heterossexual
- xxxiii. “Na verdade, não me sinto com propriedade para opinar, mas acho problemático definir pessoas como feminina ou masculina.” – Mulher, heterossexual
- xxxiv. “Lésbicas não se identificam como homem, logo acho que seria ofensivo se referir à elas no masculino.” – Mulher, bissexual
- xxxv. “Mesmo gostando de mulhers (sic) ela continua sendo uma mulher” – Mulher, heterossexual
- xxxvi. “Lésbicas que não performam feminilidade/não seguem estereótipos de gênero continuam sendo mulheres e, portanto, não devem ser associadas ao sexo masculino.” – Lésbica
- xxxvii. “Depende quem fala” – Lésbica
- xxxviii. “Na verdade depende quem refere dessa maneira. O melhor seria dizer que não performa a feminilidade, mas vindo de lésbicas dependendo não é ofensivo” – Lésbica
- xxxix. “Uma mulher não se torna "masculina" só por não ser feminina.” – Lésbica
- xl. “Por que elas gostam de se parecer com homens, n acho ofensivo me referir a elas assim.” – Mulher, heterossexual
- xli. “As pessoas tem (sic) nome. A aparencia (sic) dela é só (sic) dela.” – Mulher, heterossexual
- xlii. “Acho errado considerar qualquer comportamento que não seja extremamente feminino como masculino.” – Mulher, bissexual
- xliii. “não acho que feminino ou masculino sejam ofensas nesse caso, mas vale respeitar o gênero ao qual a pessoa se identifica” – Lésbica
- xliv. “Depende da intenção do falante, na verdade. Acho que muitas vezes é dito isso a fim de ofender, mas se for para meramente elencar as características da mulher, não acho ofensivo (ainda mais se dito por outra lésbica).” – Lésbica
- xlv. Ao mesmo tempo que acho que o estereótipo existe, acho que é muito estabelecer papeis de gênero, e acho negativo. – Mulher, bissexual
- xlvi. “Acredito que depende da situação.” – Lésbica
- xlvii. “O caso de ser ofensivo, é que ela não deve ser generalizada por seu estilo, pois normalmente é a roupa e corte de cabelo que identifica esse tipo de tratamento

- (masculina), e essas características não tem sexo, roupa e corte de cabelo é o que você se sente bem.” – Mulher, bissexual
- xlvi. “Uma mulher que ama mulheres e deixa de performar o construto de femilidade não tem relação alguma com o universo masculino.” – Lésbica
- xlix. “Acho que é ofensivo em certo grau pois associa lésbicas à masculinidade só porque algumas delas não perfomam feminilidade. Por outro lado, é a maneira mais 'fácil' de descrever uma lésbica que não é feminina como o padrão manda.” – Mulher, bissexual
- I. “Se a pessoa em questão tem "características masculinas" não acho ofensivo, assim como para um garoto gay ter características femininas e ser considerado afeminado.” – Mulher, outro
 - li. “Não acho que seja necessário rotular a pessoa como feminina ou masculina” – Lésbica
 - lii. “Se referir a uma lésbica como "masculina" em que sentido? Se for que ela, por ter traços determinados como masculinos, está sendo chamada de "homem" de alguma maneira e este não é o gênero com o qual ela se identifica, sim é ofensivo. Mas se for como um dos atributos estéticos dela, não é ofensivo.” – Lésbica
 - liii. “Ser "pouco feminina" não deveria ter que levar a mulher ao espectro de masculina/homem (a não ser que ela queira isto)” – Mulher, bissexual
 - liv. “Acredito que quem deve considerar ofensivo ou não é a própria pessoa lésbica em si, tenho amigas lésbicas que não ficam incomodadas (uma em particular se encaixa totalmente nos estereótipos dados as lésbicas como machões, ela nunca se importou, muitas vezes ela própria refere as suas amigas como masculinizadas (sic)), mas já conheci garotas que de fato se incomodam. Acredito que o que importa seja a nossa postura pode variar entre o "sim e o não da pergunta" dependendo do que a gente se relaciona.” – Outro, XY, heterossexual
 - lv. “Reforça estereótipos de genero (sic)” – Lésbica
 - lvi. “Depende, se ela se sente mais masculina e não se importa nem um pouco, não” – Mulher, outro
 - lvii. “Acho o termo ofensivo e incorreto, uma vez que não se trata de performar uma suposta masculinidade, mas de negar a feminilidade imposta. Não é ser masculina, tampouco feminilizada.” – Lésbica
 - lviii. “Não é ser masculina, é não seguir doutrinação feminilizante.” – Lésbica

- lix. “Lésbicas são mulheres. Não performar feminilidade não tem relação com "virar homem". Ser comparada a homens é ofensivo.” – Mulher, bissexual
- lx. “Sim , eu faço parte desse quadro de "lésbicas masculinas , o meu modo de vestir é um estilo meu , é como me sinto bem , é QM eu sou mas as pessoas associam isso com eu querer ser homem e orientação sexual é diferente de identidade de gênero” – Lésbica
- lxi. “Referir-se a mulheres como homens ou masculinas é ofensivo porque a mulher não-feminina não quer se parecer com um homem. Quer apenas se expressar livremente, ser humana.” – Mulher, bissexual
- lxii. “Porque elas são mulheres e não homens.” – Mulher, heterossexual
- lxiii. “Cada pessoa pode considerar ou não ofensivo. Alguns termos pejorativos podem ser adotados pelo grupo minoritário e tornar o tal termo motivo de orgulho.” – Homem, heterossexual
- lxiv. “Na real depende de quem fala, uma coisa é ouvir isso num grupo de amigas, outra coisa é ouvir do primo de 10º grau da vizinha.” – Lésbica
- lxv. “Mulher é mulher. Não feminilidade não é masculinidade. Lésbicas já são constante diminuídas enquanto mulheres por amarem outras mulheres, chamá-las de masculinas, para mim, é mais uma forma de diminuí-las e afastá-las do que realmente são: mulheres.” – Lésbica
- lxvi. “Quando falamos que uma lésbica é "masculina" é porque normalmente ela não reproduz a feminilidade imposta dentro do gênero feminino, não reproduzir a feminilidade não faz mulher ser masculina, ela ainda continua fêmea e lésbica.” – Lésbica
- lxvii. “Pq(sic) elas não são homens.” – Mulher, heterossexual
- lxviii. “Me parece um pouco ofensivo mas nao sei explicar por que.” – Mulher, bissexual
- lxix. “Bem, acredito que "sapatão" e outras gírias usadas para lésbicas, foram criadas para ofender e denegrir, assim como chamar homens gays de "viados".” – Gay
- lxx. “Não performar feminilidade não me faz menos mulher. Além disso, sempre tem alguém querendo enfiar homem em relações lésbicas. Isso acontece das mais diversas formas. "Transformar" uma das lésbicas em "homem" é uma delas. Acho extremamente lesbofóbico.” – Lésbica
- lxxi. “Se ela não se ofender, ok” – Gay

- lxxii. “Sim, pois ela ainda é mulher, não é porque ela deixou a feminilidade que vai ser menos mulher.” – Mulher, heterossexual
- lxxiii. “Isso depende muito de pessoa para pessoa, eu não acho ofensivo quando se refere a minha pessoa mas, há outras lésbicas que se sentem ofendidas.” – Lésbica
- lxxiv. “Eu acho que as pessoas deveriam rever os conceitos do que é feminino e masculino” – Lésbica
- lxxv. “Quando cortei meu cabelo, um viado chegou e disse "amiga, você ta parecendo um menininho". E aquilo me irritou profundamente, porque mostra que a sociedade lê, até mesmo dentro do movimento LGBT, a lésbica fora dos padrões femininos como alguém que QUER SER UM HOMEM. Por isso acho que o termo lésbica masculina sedimenta essa visão coletiva.” – Lésbica
- lxxvi. “Eu não sou um homem pra ser masculina. A feminilidade é forjada através de cosméticos que remetem a fragilidade e infantilidade, assim como o comportamento considerado feminino. Já a masculinidade em aparência é sobre "naturalidade" e no comportamento sobre independência. Eu não sou masculina apenas por não ser feminina.” – Lésbica
- lxxvii. “É aquela ideia de que lésbicas que não performam a feminilidade estão querendo ser homens.” – Lésbica
- lxxviii. “A feminilidade é artificial e imposta, a suposta "masculinidade" em lésbicas é apenas a forma mais confortável de vestimenta ou o comportamento insubmisso, que são sistematicamente negados a mulheres” – Lésbica
- lxxix. “acho que as pessoas chamam de "masculina" por conta das roupas que são compradas no setor masculino das lojas” – Lésbica
- lxxx. “Não acredito no termo "masculina". Lésbicas que desconstruíram um ideal de feminilidade não são masculinas. Prefiro não usar nenhum desses termos que reforçam estereótipos, apenas escuto no cotidiano.” – Lésbica
- lxxxi. “Não entendo que mulheres que não performam feminilidade tornem-se masculinas. Frequentemente a neutralidade ou o não-fazer em uma sociedade dominada por padrões construídos e que beneficiam homens é apresentada como masculinidade, o que considero um equívoco.” – Mulher, bissexual

- lxxxii. “a negação da feminilidade não é masculina, mas na nossa sociedade quando uma mulher vai contra a norma, especialmente quando é lésbica, ela é facilmente acusada de "estar tentando ser homem", "querer ser macho", etc” – Lésbica
- lxxxiii. “Não sei se chega a ser ofensivo pois não falo com propriedade, mas acho que só reforça os estereótipos e julgamentos sociais que "lésbicas querem ser homens”.” – Lésbica
- lxxxiv. “Lésbicas são mulheres e algumas não performam feminilidade. Isso não faz delas masculinas, fazem delas mulheres que não femininas. Chamar a gente de masculina é dizer que temos masculinidade e com certeza, não temos.” – Lésbica
- lxxxv. “Acho que características masculinas e femininas não necessariamente precisam ser associadas a comportamentos de homem e comportamentos de mulher.” – Lésbica
- lxxxvi. “Lésbicas são mulheres. Elas podem ter a personalidade e o gosto que quiserem.” – Mulher, heterossexual
- lxxxvii. “Não acho que a lésbica está de fato preocupada em performar o masculino, mas sim em se sentir a vontade, o que se confunde normalmente é renegar o feminino com performar masculinidade, quando na realidade a pessoa só está usando o que tem à sua disposição para se sentir à vontade em sua estética e corpo. Renegar o feminino não significa, acredito, performar o masculino.” – Mulher, bissexual
- lxxxviii. “acho que ser lésbica é mais sobre ser baita mulher e não macho” – Mulher, bissexual
- lxxxix. “A partir do momento em que você classifica uma mulher como masculina, você define o que é feminilidade e isso é ofensivo não só para lésbicas mas para mulheres de forma geral.” – Mulher, bissexual
- xc. “Acredito que tudo depende da forma como é dito.” – Mulher, heterossexual
- xci. “Acho extremamente ofensivo, pois lésbicas são mulheres, independentemente de como se vestem ou de corresponderem às expectativas de feminilidade impostas na nossa sociedade.” – Mulher, heterossexual
- xcii. “acho que a lésbica em questão sempre se sentirá ofendida. existem estereótipos de gêneros e se usa o "masculino" ou "feminino" para se referir a eles, e se é entendido quando referido, na maioria das vezes, para descrever o comportamento de alguém. no uso, serve à comunicação e "identificação", mas acho que quase sempre soa ofensivo.” – Homem, bissexual

- xciii. “Acredito que, antes, deva-se ser sensível aos conceitos de gênero e sexo que a pessoa a que se refere assume.” – Homem, outro
- xciv. “Não ha nada de masculino em não querer performar femininidade” – Lésbica
- xcv. “Preguiça de quem diz isso, apenas cago. Se for me ofender por cada coisa q ouço no dia a dia por ser lesba” – Lésbica
- xcvi. “Apesar de entender que a desconstrução dos preconceitos em relação a gênero ainda é um caminho longo, não acho justo que alguma mulher seja chamada de masculina, ou algum homem de feminino so por causa das roupas que ela/e esteja usando.” – Lésbica
- xcvii. “A única coisa realmente masculina no mundo é o sexo. A biologia” – Mulher, bissexual
- xcviii. “É um esteriótipo de gênero” – Mulher, heterossexual
- xcix. “Na minha opinião, fugir da feminilidade não implica em assumir uma suposta masculinidade.” – Lésbica
- c. “Lésbicas não têm nada a ver com homens, algumas apenas recusam a feminilidade, não deixam de ser mulheres nem se assemelham com homens por isso.” – Lésbica
- ci. “Não existe feminino e masculino de verdade, é uma construção social principalmente heteronormativa e não faz sentido, assim como é ofensivo, trazer isso para o meio lésbico.” – Lésbica
- cii. “é ofensivo pq quem fala essas merda é gente hetero burra que não consegue entender que vestimentas e cabelo não tem nada a ver com ser homem ou mulher. e é ofensivo que chamem lésbicas de masculinas já que somos mulheres que amamos mulheres. masculinidade não faz parte da nossa realidade, ou não deveria fazer, mas as pessoas insistem em tentar enfiar” – Lésbica
- ciii. “Sim pois ela é uma mulher, e masculinidade não tem nada a ver com isso, são esteriótipos para podar e definir o que uma mulher pode fazer sem sair do "feminino" e amar outras mulheres é para ""homens""” – Mulher, bissexual
- civ. “Gostar de mulher não significa ser ou se identificar como homem. Se lésbicas fossem homens, seriam respeitadas.” – Mulher, bissexual
- cv. “Não temos nada de "masculino" pois, independente das roupas, cabelo, estilo, somos mulheres.” – Lésbica
- cvi. “Mas acredito que haja mais adjetivos para explorar.” – Lésbica

- cvii. “Acredito que sem haver a devida intimidade com a pessoa, pode acabar se tornando ofensivo.” – Homem, heterossexual
- cviii. “eu, como lésbica que rejeita a feminilidade, me sinto bastante incomodada como se por usar vestes masculinas, que na verdade não é masculina, mas infelizmente a nossa sociedade decidiu que essas vestes seria para os homens e exclusivamente para eles... e daí aparece uma mulher, nascida e criada dentro de uma socialização feminina, rejeitando essa feminilidade, ou se enquadrando naquilo que dizem serem dos homens, somos vistas que nem tal. mas não somos. :)” – Lésbica
- cix. “Já perguntei a lésbicas se não consideravam a palavra sapatão ofensiva, pois na minha percepção as pessoas "xingam" de sapatão, sempre conotando algo ofensivo. Mas foi praticamente unânime dizerem que não. Algumas até se zangaram com minha pergunta” – Mulher, bissexual
- cx. “Não me sinto confortável com o uso de qualquer termo que se refira à homens, ou à masculinidade, para falar sobre lésbicas, mas entendo que muitas lésbicas utilizam e se sentem confortáveis ou se identificam como "lésbicas masculinas" ou "masculinizadas", eu prefiro os termo "não feminina", "não feminilizada", ou ainda "butch", "caminhoneira".” – Lésbica
- cxii. “Mulheres não se beneficiam da estrutura masculinista e a não conformidade com a feminilidade não as transforma em homens.” – Lésbica
- cxiii. “Sim, porque o parâmetro é o masculino. Sem falar que falando assim, muitos pensam que lésbicas querem ser homens ou que são homens incompletos ; sendo que são diferentes, é um outro tipo de sexualidade.” – Mulher, bissexual
- cxiiii. “Masculina ou feminina. Acho ofensivo pq nos categoriza entre vários aspectos. Uma lésbica "feminina", as vezes é tida como menos lésbica; ao msm (sic) tempo, uma lésbica "masculina" é tida como menos mulher... As categorização é nociva.” – Lésbica
- cxv. “A masculinidade é uma performance. Mulheres podem ser mais feminina ou mais masculina, assim como homens podem ser mais femininos ou mais masculinos. Isso não implica ofensa.” – Mulher, heterossexual
- cxvi. “Acredito que, em geral, dependa de cada pessoa.” – Gay
- cxvii. “Feminilidade é imposta pelo patriarcado. Lésbicas que rejeitam a femilidade não são homens ou masculinas.” – Lésbica

- cxvii. “Sim, pois reproduz estereótipos e generaliza a sexualidade blésbica.” – Lésbica
- cxviii. “Depende do caso. De fato não somos masculinas, mas em determinadas situações não vejo problema.” – Lésbica
- cxix. “A identidade de gênero é diversa e não está associada necessariamente à orientação sexual. Entendo a definição "masculino" ou "feminino" muito mais como uma construção social.” – Mulher, heterossexual
- cxx. “Sou mulher, serei sempre mulher e a opressão da minha sexualidade vem por ser mulher. Portanto, não tem essa de querer me chamar de macho se não me identifico assim. Porque entra nesse papo de que mulher sapatão só é assim porque quer ser homem, e não é o caso.” – Lésbica
- cxxi. “embora politicamente me pareça escroto atribuir determinadas coisas como pertencentes ao sexo masculino, compreendo que usar o termo "masculino" muitas vezes tem a ver só com conseguir se referir a um ‘estilo’, não necessariamente com uma intenção ruim.” – Lésbica
- cxxii. “Não acho interessante associar lesbica a homem.” – Lésbica
- cxixiii. “Sei lá, mais por uma questão de obviedade pelo fato de falar que certas atitudes ou certas vestimentas que usamos são exclusivamente "masculina" é meio trash. Ao mesmo tempo, é o que as pessoas sabem ao se referir à gente né, ninguém quer falar lesbica que não performa feminilidade por mais que essa seja a situação. Não sei provavelmente tá confuso tô loka mas é isso” – Lésbica
- cxxiv. “Não performar feminilidade não é sinonimo de ser masculina.. Ou é, não sei” – Lésbica
- cxxv. “Eu nunca tinha parado pra pensar nisso, mas pensando bem, parece meio ofensivo essa definição de gênero pela roupa ou jeito de ser.” – Lésbica
- cxxvi. “Uma mulher que não performa feminilidade não tem nada a ver com a socialização masculina. Tem a ver com romper padrões impostos a mulher, não a querer parecer um homem.” – Lésbica
- cxxvii. “Não considero ofensivo porque consigo separar feminino e masculino de homem e mulher (sexo biológico). Todo mundo tem um lado feminino e masculino (yin, yang, enfim) dentro de si, e alguns tem um lado mais desenvolvido que outro. Eu me considero mais masculina nesse sentido, por exemplo.” – Mulher, outro

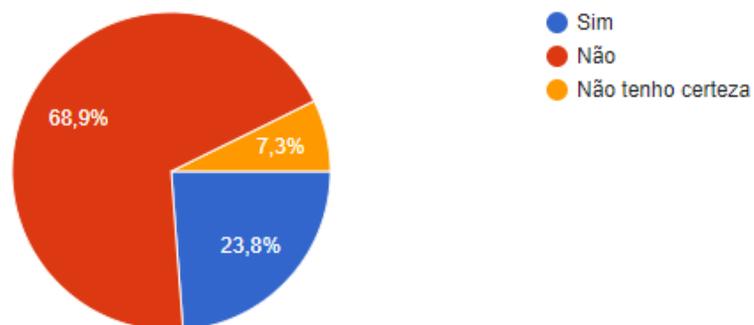
- cxxviii. “A falta de feminilidade não significa presença de masculinidade, ainda mais quando falamos referente a roupas/aparência. Roupa não tem gênero, logo, não existe roupa "masculina" nem "feminina" para definir isso no que uma mulher usa.” – Lésbica
- cxxix. “Ela não quer necessariamente se parecer homem, ela não quer performar feminilidade.” – Lésbica
- cxxx. “Uma lésbica que não performa feminilidade não quer masculina, ela só não desenvolve os papéis de gênero imposto socialmente” – Lésbica
- cxix. “É ofensivo pois é como se retirassem essas lésbicas da classe de mulher. Não para reivindicar "mulheridade", mas pelo peso ter sido a socialização de fêmea/mulher.” – Lésbica
- cxix. “Somos mulheres lésbicas e não queremos nada relacionado a homens, não somos e nem queremos ser. Apenas não curtimos e quebramos com a feminilidade.” – Lésbica
- cxix. ““Em meu doutorado fiz uma definição mais complexa sobre esse assunto, pode entrar em contato comigo, se te interessar, para eu te passar a publicação.
Basicamente, considero que a feminilização é um processo patriarcal que é infligido contra as lésbicas. As lésbicas enquanto classe sexual necessariamente subversiva dentro da classe sexual das mulheres são sujeitadas a processos estruturais de feminilização, ou seja, adaptação de sua existência à condição de feminilizada, ou seja, de mulheres. As mulheres são o esteio do patriarcado na medida em que delas são cobradas as tarefas para a manutenção do mesmo em favor da manutenção dos privilégios masculinos. As lésbicas des/infeminilizadas são as mulheres que conseguem recusar/interromper/combater o processo de feminilização em seus próprios corpos e com isto não são mulheres masculinas, ou masculinizadas, por que são justamente a subversão daquilo que é o masculino e também daquilo que é a feminilização. Então, sim, acho ofensivo porque descaracteriza todo o sentido de ser bofe.” – Lésbica
- cxix. “Porque parece que a mulher em questão está tentando ser homem, o que não é o caso.” – Lésbica
- cxix. “Nao ser feminina nao significa ser masculina. A masculinidade é nociva e exclusiva a homens, diz respeito a dominação. Quando uma mulher rompe com a feminilidade que lhe é imposta isso significa liberdade, e não poder de opressão” – Lésbica

- cxxxvi. “isso entra na heteronormatização de lésbicas, apaga nossa identidade, reforça a ideia de que lésbica que não performa feminilidade é 'na vdd um homem preso no corpo de uma mulher', não to conseguindo desenvolver direito mas é isso é prejudicial em vários sentidos” – Lésbica
- cxxxvii. “Acho errado classificar lésbicas como "masculinas" por não se vestirem/gostarem de se vestir de forma considerada "feminina". Acredito que isso exclua lésbicas que não seguem, ou seguem menos, padrões de gênero, marginalizando-as ainda mais.” – Lésbica
- cxxxviii. “Não somos menos mulheres por não performar feminilidade” – Lésbica

Figura 19 – (Questão 13) Resultado para questão de terminologia português/inglês

Você já ouviu os termos "dyke" e "butch" serem usados fora da internet no cotidiano lésbico brasileiro? (especialmente fora de espaços universitários)

508 respostas

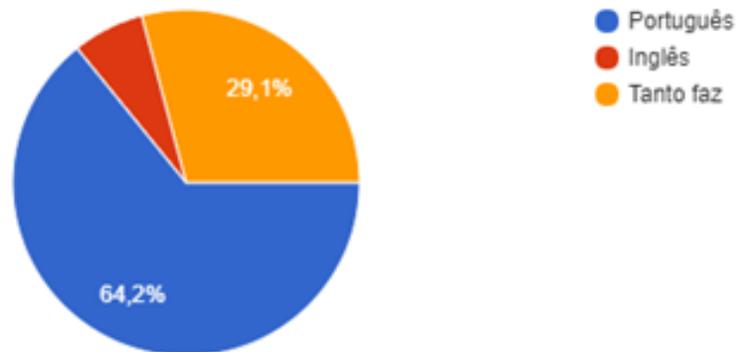


Fonte: Formulários Google

Figura 20 – (Questão 14) Preferência por termos em português ou inglês

Considerando sua resposta anterior, você preferiria ver termos em português ou em inglês em um livro sobre lésbicas?

508 respostas



Fonte: Formulários Google

Figura 21 – (Questão 15) Justificativa 2

Sinta-se livre para justificar. (Não é obrigatório)

110 respostas

Fonte: Formulários Google

- i. Desde que explicitado pq usar este ou aquele termo
- ii. Para o livro permanecer numa língua só e mais pessoas poderem ler e entender na sua língua mãe
- iii. Acho que pode ser colocado em português, e em nota de rodapé explica-se que se trata de uma tradução baseada na palavra "x" de origem inglesa. Acredito que essa referência seja importante.
- iv. Prefiro em português para facilitar a compreensão e permitir que assunto tenha um alcance maior e melhor
- v. Dyke é mais rápido e sonoro, mas lésbica carrega muito mais significado.
- vi. Seria legal ter os dois e uma explicaçõzinha... THE MORE YOU KNOW!!!
- vii. Depende. Algumas mulheres lésbicas assumiram os termos em português entre si, vejo isso principalmente fora do centro acadêmico. É como se os termos pejorativos fizessem

parte do cotidiano delas e elas assumissem justamente para transformar algo que antes servia para xingar como uma forma de luta contra a violência que é invisibilizada pela sociedade. Não vejo fora dos centros acadêmicos as mulheres usarem butch, o que é muito comum nestes meios e em meios de mulheres de classe média. Entretanto, aquelas que já conhecem os termos em inglês já gravaram em sua memória emocional de bilíngues que o termo só tem sentido quando falado em inglês, e que talvez "butch" seja diferente do que elas interpretam quando veem a palavra "bofinho". Na minha concepção de bilíngue eu vejo butch como um estilo que mulheres usam mais do que uma "categoria" (isso é horrível de se chamar assim) de lésbica. Pra mim bofinho tem a imagem emocional das mulheres que conheci que sofreram violência familiar dos ex-namorados ou maridos e que, após, se transformaram em mulheres que tratam melhores as mulheres do que homens, por isso também assumem o que se chama de estilo masculino. É um pouco difícil de explicar o conceito sem esbarrar no óbvio que é: mulheres lésbicas amam mulheres e é isso, não há mulheres lésbicas que só são lésbicas porque "conheceram o cara errado". No fim, não sei se ajudei.

- viii. Nenhum. A maioria é performativo e estereótipo. Nós mesmas perpetuamos esses usos.
- ix. Alguns têm história (lésbica, sapatão), e acho político utilizar. Mas a maioria não ajuda a naturalizar a sexualidade.
- x. É difícil reproduzir o significado de uma gíria usando outra, então prefiro ver o termo original empregado pelo autor.
- xi. Depende do termo, se ele realmente traduziria, porque butch, dyke, caminhoneira, etc, possuem contextos diferentes no Brasil. Uma caminhoneira pode ser passiva e ativa, uma butch normalmente só ativa, por exemplo.
- xii. o uso de termos em inglês está atrelado a uma classe social mais elevada, que tem acesso à cultura de língua inglesa. talvez o uso das palavras em inglês não seja verossímil, dependendo do contexto da obra
- xiii. Ajuda na popularização e na criação de um imaginário mais respeitoso dentro do Brasil
- xiv. Acho muito pertinente essa reflexão sobre os estrangeirismos nos movimentos feministas, lgfts etc. pra mim, universitária poliglota, não faz tanta diferença ver em um livro termos em inglês ou português, mas entendo que possam ser excludentes para outras pessoas. Talvez por isso valha a pena pensar em uma tradução.

- xv. acho mais adequado manter os termos em ingles e inserir notas de rodapé juntamente com eles, pois o Brasil é um país muito diversificado e os termos que designam as gírias lésbicas foram construídos através da fala popular, que é muito diferente em várias regiões, e ainda não estão consolidados na internet ou até no meio acadêmico, como ocorre no exterior. para não haver mal entendidos portanto acho melhor manter o original :))
- xvi. Eu preferiria em inglês porque é uma forma que eu me sinto melhor e mais bem identificada. Mas acho que isso restringiria o público. Exceto é claro que se queira restringir o público para um mais acadêmico ou que busca conhecer mais sobre a sexualidade.
- xvii. É nosso idioma padrão, o qual inicia o preconceito. Nele mesmo que devemos combatelo.
- xviii. Creio que na questão de tradução há toda uma mudança/nova correspondência sociocultural-histórica que deve estar presente. Ou seja, que as gírias do inglês lá fiquem, e que, no português, apareçam as nossas gírias. Quem tá na comunidade lgbt e tem propriedade pra falar não vai achar ofensivo.
- xix. Sem necessidade de estrangeirismo, além de dificultar o diálogo com quem não é deste meio.
- xx. Em geral, quando leio livros de uma língua, acho mais adequado que todos os termos estejam naquela língua, até para expandir o vocabulário. Mas acho bem aceitável (e comum) aparecerem termos em inglês ou outras línguas estrangeiras, até porque, às vezes, serve para situar um determinado contexto.
- xxi. Eu precisaria perguntar para as pessoas que têm esta identidade de gênero. Agora fiquei curioso porque elas deveriam dizer a forma que as representa.
- xxii. Mais acessibilidade para o público no geral
- xxiii. Sinto que se eu visse termos em inglês, teria que pesquisá-los para entender melhor seu conceito, mas ao mesmo tempo, é difícil representar o que ele realmente se traduz ao português. Creio que gírias da nossa língua tragam uma ideia mais correta do que está sendo dito. Claro, se não existir a expressão em português, a original parece melhor do que uma aproximação.

- xxiv. temos uma variedade grande de termos em português para se referir às diversas maneiras de ser lésbica, não há necessidade do uso deles em inglês
- xxv. depende da forma que eles são utilizados pela população brasileira em um contexto geral!
- xxvi. Mas em inglês seria interessante para conhecer os termos em inglês.
- xxvii. Pois acredito que nem todos têm acessibilidade de saber a língua inglesa.
- xxviii. Acho bacana ter os dois pra abranger e agregar mais conhecimento numa explicação sobre termos.
- xxix. Acho que gostaria que aparecessem as duas formas, mas com prioridade para o uso do português.
- xxx. Acho que depende do contexto do livro (se é uma narrativa ou um trabalho acadêmico).
- xxxi. Se é uma narrativa, e se fosse usado em um ambiente em que é plausível que os falantes "importem" um termo do inglês (ex : universitários) acho daria pra deixar em inglês e botar uma NT em baixo. Se fosse um ambiente em que eu não esperaria que as pessoas conhecessem essas palavras, acho que ficaria mais natural traduzir/adaptar pra algum termo que seja usado. Se é um trabalho acadêmico aí não sei mesmo.
- xxxii. certamente engrandecer o uso da nossa língua materna, porém com cuidado para não se tornar mais uma amostra um certo eufemismo para se referir a algo incrível e que faz parte do nosso dia a dia de fato afinal não é feio falar lésbica/sapatão/buceta etc
- xxxiii. É importante que o português seja valorizado, pois faz parte da identidade brasileira, das nossas raízes. Mais ainda, sendo o acesso à informação e ao estudo um privilégio, muitas pessoas não possuem contato com o inglês, tampouco o entendem.
- xxxiv. Termos em português para livros em português.
- xxxv. é mais próximo da realidade brasileira. não conheço termos em inglês
- xxxvi. Penso que sendo uma tradução, seria interessante que se adequasse ao nosso uso da língua e suas gírias, torna a leitura mais próxima do cotidiano do leitor. :)
- xxxvii. Acredito que usar os termos em inglês neutralizam os efeitos negativos dos termos que temos em português
- xxxviii. Se introduzir os termos explicando-os, ficaria menos escrachado como os termos em português, que geralmente são usados para ofender, de forma rude (acredito eu).
- xxxix. Em português ou então os termos em inglês traduzidos do lado ou com nota de rodapé explicando origem, significado etc

- xl. Talvez alguns termos dyke e butch, se utilizados, precisariam de uma nota explicativa porque eu mesmo só fui entrar em contato com esses termos recentemente e precisei de uma explicação e eu sou universitária. Então, dependendo de quem for o leitor, pode ficar complicado.
- xli. A língua também faz parte da identidade. Mas se é um livro técnico, usar os termos em várias línguas para significar o proposto, sem problema
- xlii. Os termos em inglês normalmente são usados por universitárias classe média e é totalmente excludente para quem mora em áreas periféricas e não sabem o significado dos termos.
- xliii. Se o livro é em português, acho que até pode apresentar a palavra em inglês, mas acredito que seja melhor utilizá-las em português, até para melhorar a leitura.
- xliv. Na verdade, seria os dois modos. Ficaria mais abrangente.
- xlv. Acredito que seja importante produzir termos em português que sejam associados diretamente a lesbianidade e não a desassociação delas como mulheres, entretanto, na falta deles, é plausível utilizar os termos estrangeiros explicando seu significado.
- xlvi. Eu moro no Brasil e a maior parte da população não fala inglês
- xlvii. Acho que se tu tá fazendo tradução, seria legal colocar esses termos no português. Aí tu pode tentar criar uma identidade lésbica brasileira – pois eu considero que linguagem e identidade são duas coisas muito conectadas e é importante ver a sua subjetividade representada na sua língua materna; acaba fazendo mais sentido, especialmente para quem não sabe inglês. Com certeza várias meninas lésbicas irão ler estes termos em língua portuguesa e conseguirão assimilar melhor o que elas são.
- xlviii. Ambos português e inglês acho que seria melhor. Essa questão depende do contexto que o termo é usado. Me parece que os termos em português soam mais pejorativos do que os em inglês.
- xlix. Acho que a luta por direitos é regional, e o uso da nossa própria língua é essencial durante este processo. Os Estados Unidos tem uma influência imperial no mundo que é extremamente opressora para nós latinas e lgbts, e o uso de termos em inglês que não vem importados de uma língua que não é a nossa faz parte desta opressão. É importante que nos fortaleçamos em nós, como comunidade LGBTQ+ latina que lida com as lutas e as

maravilhas de sermos e estarmos onde estamos. A língua portuguesa é extremamente rica, e fortalece nossa luta.

- I. Tanto os termos Syke quanto Butch eu não conhecia, acredito que se eu fosse ler o livro, eu me confundiria e ficaria perdido sobre esses termos. Mas acredito que pode ser usado inglesa se estive alguma nota contextualizando ao termo.
- li. fica mais fácil de entendimento, se fala desse jeito onde eu moro perguntariam se é de fumar ou de cheirar
- lii. Quem lê esse tipo de livro são mulheres na academia. Galera na academia está familiarizada com esses termos, então não faz tanta diferença.
- liii. Quando alguém q nao é da comunidade LGBT usa o termo sapatão ou caminhoneira por exemplo é de uma forma mais agressiva , o termo inglês parece nao ter o mesmo efeito
- liv. Alguns termos não têm tradução nem equivalente em português.
- Iv. Acredito que os termos em inglês não sejam parte do vocabulário cotidiano e a maioria das pessoas não entenderia. Eu não entenderia.
- Ivi. Desde que termos em inglês estejam explicados coerentemente na nota de rodapé.
- Ivii. Acho que em um livro em português não tem pq usar um termo em inglês.
- Iviii. Utilizar termos da língua portuguesa deixa o entendimento do termo melhor.
- lix. a língua portuguesa é riquíssima e muitas vezes acho as palavras em inglês desnecessárias quando temos uma tradução adequada.
- Ix. Acredito que ambos poderiam ser usados, mas se em inglês, explicando o termo, pois acredito que algumas pessoas não tenham acesso a essa informação.
- Ixi. Ou inglês com hma boa nota da tradutora sobre a terminologia!
- Ixii. Os termos em inglês não são muito utilizados no cotidiano. Fica mais representativo em português.
- Ixiii. Acho que seria bom usarmos termos em português até porque andam confundindo muito os termos em inglês com o português. Seria bom elucidar as pessoas sobre as diferenças entre Butch e caminhão, entre dyke e Sapatão.
- Ixiv. Ate mesmo porque essa confusão faz com que se torne uma identidade, e não algo de um processo de experiência.
- Ixv. Como por exemplo muitas mulheres lésbicas femininas se auto denominando caminhoneiras.

- lxvi. Ou fora de meios acadêmicos e politizados mulheres lésbicas não-femininas pré adolescentes e adolescentes sendo chamadas de bofinhas. Que é uma gíria da comunidade GAY para se referir a homens.
- lxvii. acho que termos em português são mais acessíveis para outras pessoas. eu entenderia os termos em inglês, mas acho que muitas pessoas não
- lxviii. Olha o tanto de nome português que a gente tem pra se referir aos gays!
- lxix. Acredito que seja importante desenvolvermos uma linguagem própria (brasileira) enquanto mulheres e enquanto movimento lésbico e bissexual, porém com as variações regionais em um país tão diverso é uma tarefa complexa!
- lxx. Desconhecia os termos dyke e Butch, mas se fossem usados com nota de tradução explicando não imagino que haveria problemas para entender
- lxxi. os termos no português usados para "dyke" e "butch" muitas vezes estão em contextos carregados de preconceito, de forma pejorativa para falar de mulheres lésbicas, e devido a isso é preciso ter muita cautela para empregá-los na literatura
- lxxii. Trabalho com lésbicas em zonas periféricas e estou tentando inserir o hábito dá leitura no grupo. As mesmas já me disseram que acham muito desestimulante quando se deparam com muitos desses termos em inglês. Caso isso aconteça acho importante vir uma nota no rodapé esclarecendo melhor.
- lxxiii. A língua tb revoluciona...
- lxxiv. Acho que é sempre importante valorizar nosso idioma de origem, mas não necessariamente pra tudo. Alguns termos tem uma construção histórica que não pertencem a este idioma mesmo.
- lxxv. Já estamos norte americanos demais para mais termos em inglês
- lxxvi. Tenho bode da quantidade de palavras em inglês que estamos incorporando sendo que o português possui um vocabulário extenso que pode ser utilizado sem que a maioria das palavras perca o sentido.
- lxxvii. Acho que incluir gírias brasileiras sobre lésbicas é importante para a criação de identificação local, se sentir parte.
- lxxviii. Acredito que termos em português tem um maior alcance, pois nem todo mundo sabe falar inglês.

- lxxix. acredito que uma identidade enquanto lésbica no Brasil (onde somos extremamente invisibilizadas) é muito importante de ser construída
- lxxx. Já ouvi o termo, mas normalmente é usado entre universitários e/ou militantes em SP, mas não acho que seja um termo de uso amplo.
- lxxxii. eu acho que depende da maneira como a contextualização geográfica e temporal da tradução vai ser.
- lxxxiii. Termos mais acessíveis a quem nao tem conhecimento de uma segunda língua
- lxxxiiii. Não sei falar inglês
- lxxxv. Meu TCC é sobre butches, tá faltando palavraaa pra dar um nome q nao seja em inglês aaaaa, mas tenho usado mt Caminhoneira mesmo, só q mtas meninas nao gostam ne :/
- lxxxvi. Possibilitaria maior compreensão para um numero maior de pessoas, especialmente as nao familiarizadas com o inglês.
- lxxxvii. ah eu não ligo muito pra isso, acho que talvez usar os dois de forma mista seria legal pra algumas minas que ainda não estão familiarizadas
- lxxxviii. já que esses termos em inglês não são comuns fora do meio acadêmico/politizado, eh interessante que sejam termos familiares pros falantes da língua portuguesa no brasil ne eu acho nao sei miga
- lxxxix. Penso que a tradução é dispensável somente se o texto estiver se referindo especificamente ao contexto de origem (EUA, por exemplo), e ainda assim exigindo uma nota de rodapé explicando a escolha de manter o termo em inglês
- lxxxix. Acho indiferente pois há diferentes formas de falar até no Brasil, dependendo da região por exemplo. Traduzir cada termo sendo que significa a mesma coisa creio ser um gasto de energia desnecessário (mas seria interessante comentar sobre o contexto no qual o termo a ou b é utilizado, ou se depende da região, essas coisas).
- xc. acho que independente de ser no portugues ou ingles... que sejam apelidos, nominhos ou qualquer outra coisa: e s p e c i a l m e n t e sobre lésbicas. porque odeio essa comparação de bofinho ou machinho se referindo as lesbicas, porque já incentiva a nossa linguagem comparando mulheres não femininas com os homens. até porque sabemos que a masculinidade foi dada a eles, mas isso nao quer dizer que eu seja um deles só por essa performance. e que acabe, pois não quero mais performar, acharia legal a vida sem essas amarras sociais. tanto em roupas, posicionamentos e até mesmo na linguagem q usamos.

- xcv. Se temos um vocabulário próprio, tão diverso, porque não utilizá-lo?
- xcii. Acho a sonoridade de butch bem fofo rsrs
- xciii. Estando o tempo todo na internet, estou tão imerso nesses termos que pra mim tanto faz
- xciv. Porque acredito que o uso de termos em inglês exclui lésbicas que estão fora do espaço acadêmico, mas no caso de um TCC não sei em que medida ele alcançará outras mulheres para além dele, então talvez não seja necessariamente uma questão.
- xcv. gosto dos termos que existem no português (como sapatão, sapa, caminhoneira) e as vezes os termos em inglês me confundem, como o "dyke".
- xcvi. Porque o trabalho q vc está fazendo é importante pra revelar o q sai daqui (do Brasil), e vem como forma de entendimento da identidade lésbica brasileira. Assim, considero mais importante a inserção dos nossos termos.
- xcvii. Às vezes, um termo pode ter uma conotação mais "agressiva" em outra língua. Explicar somente o q aquela palavra significa, talvez seja melhor que traduzi-la.
- xcviii. Dependendo do contexto, os termos em inglês podem ou não ser mais apropriados.
- xcix. Termos em inglês não ajudam em nada se o propósito é a tradução para que a obra seja acessível para brasileiras. Este livro precisa estar disponível para lésbicas de todas as classes sociais, inclusive é um diferencial do F. Radical ser mais acessível.
 - c. Muitas vezes a tradução esvazia em parte o exato sentido do termo. Nesses casos, acho que seria mais interessante manter o termo original.
 - ci. Acho uma "gourmetização" desnecessária agregar termos em inglês. Mas a galera LGBT adora enfeitar com termos gringos.
 - cii. seria bom se tivéssemos termos livres de lesbofobia pra variar né... tanto para falar de lésbicas (que é um termo que não gosto particularmente) quanto de vagina/buceta (que ou ficamos no "científico" ou no "palavrão", é uma situação similar)
 - ciii. Acho legal nos apropriarmos do nosso próprio idioma.
 - civ. Para de certas forma ter mais acesso a outras pessoas que talvez não façam ideia do que significa essas expressões.

Figura 22 – Mensagens adicionais

Caso queira acrescentar mais algo para que eu leia, sinta-se a vontade! Muito obrigada pela sua participação!

56 respostas

Fonte: Formulários Google

- i. Parabéns pela iniciativa e boa sorte com o TCC! Excelente questionário :)
- ii. me beija iris
- iii. Boa sorte no TCC! Baita tema! Beijão
- iv. Parabéns, muito pertinente o tema!
- v. Os termos carregam muito da cultura lésbica brasileira, desde mídias até histórias. Ao lembrar que eu e meus amigos nos referimos a amigas lésbicas como bolachona ou Scania (em deboche ao senso comum machista), eu me pergunto de onde surgiram as ideias pra denominar lésbicas assim. Talvez sejam reflexos dá sociedade patriarcal: "ela tenta ser um homem", atribuindo, erroneamente, todos os trejeitos pouco delicados aos homens.
- vi. Seu estudo me parece bem pertinente e trará visibilidade, parabéns pela escolha :)
- vii. Moto em uma vila e nas ruas o que mais ouço é "machorra".
- viii. espero que tenha ajudado, boa sorte no tcc, tami!!
- ix. Parabéns pela ideia. Precisamos de mais livros! E se tu tiver tempo de enviar uma listinha de livros lésbicos pra eu ler, ficaria eternamente agradecida.
- x. Fico muito feliz em saber que tem alguém estudando essas questões na tradução. Eu que agradeço por seu trabalho estar sendo realizado. Que dê tudo certo! <3
- xi. Na questão:"Qual o termo que usa ou ouve..." deveria ser separaa entre o que ouço e o que falo. A forma como está formulada a questão pode transparecer que eu concorde com termos como: sapata, sargenta... Não concordo com pejorativos.
- xii. adorei o teu projeto, gostaria de ler esse livro!
- xiii. Tu é top molieeer
- xiv. Em geral, num contexto cotidiano, ninguém usa um termo específico para se referir a lésbicas femininas, simplesmente dizem coisas como "nem parece que é sapatão" "parece mulher" etc

- xv. Curti participar da pesquisa, vou querer saber mais do teu trabalho, parece ser demais!
(:
- xvi. Sobre a questão do referir-se a uma lésbica como masculina, não tenho bem uma definição, mas acho que caso não seja com o intuito de ofendê-la, mas caso seja uma descrição de atitudes dela, por exemplo, não considero ofensivo.
- xvii. Ah, os meus dados de identificação, como a minha sexualidade e a minha renda não aparecerão em nenhum lugar ligado ao meu nome, certo? (: Um beijo e boa escrita!!
- xviii. Apenas para você fazer uma boa leitura (talvez depois que terminar o TCC e caso ainda não tenha lido), leia Amora, da Natália Polesso. Foi vencedor da categoria contos do Jabuti ano passado e todas as personagens se relacionam com outras mulheres (por lá, possivelmente, você verá algumas gírias em uso, lembro de ter lido "fancha"). Ah, gostaria muito de ler o resultado do seu trabalho! Bom trabalho!
- xix. Os termos "butch" e "dyke" são muito ouvidos porém sempre em espaços universitários ou por pessoas integrantes de um mesmo espaço universitário.
- xx. Em grupos de lésbicas antigamente se usava mto o dyke
- xxi. Acho que teu trabalho vai ficar muito legal, Tami :) Boa sorte!
- xxii. Queria dizer que me incomodou muito a maneira como foi perguntada a identidade de gênero. Por já ter feito pesquisas acadêmicas sei que perguntar "gênero" como feminino, masculino e outros + sexo biológico para depois cruzar as informações é a maneira padrão que a academia conhece hoje mas acho extremamente problemática. Identidade de gênero não é feminino ou masculino, isso é sexo biológico, é importante que isso não seja confundido. Identidade de gênero é mulher cis, mulher trans, homem trans não binarie, pessoas não binaries, pessoas agenero, pessoas de genero fluido, neutro, bi genero, tri genero, demi genero... Eu me identifico como demi mulher, e a maneira como você perguntou sobre o gênero e o sexo biológico não me permite existir na sua pesquisa como eu mesma. Meu gênero não é "outro". Meu gênero tem nome.
- xxiii. boa sorte nene
- xxiv. Teu trabalho é incrível <3
- xxv. Boa sorte!

- xxvi. Boa sorte com seu TCC, é muito legal ver alguém abordando esse tipo de conteúdo , parabéns
- xxvii. Muito legal teu projeto :*
- xxviii. Esses dias eu estava conversando com a minha namorada, e eu tava falando com ela sobre como, ao meu ver (e de outras minas com quem troco ideia), essas denominações do meio LGBT pra lésbicas (butch, femme, dyke, etc etc etc) não nos ajudam em nada. Não acho que devemos perpetuá-las. Essas "categorizações" nos afastam (e ainda pior, afastam os outros, sejam heteros ou GBT) de tratarem lésbicas com respeito pela única coisa que elas realmente são: MULHERES. Uma lésbica, independente de suas escolhas estéticas, tem de ser entendida e respeitada como MULHER, não como butch, ou femme, ou qualquer nome que queiram dar. É mulher lésbica, só.
- xxix. Boa sorte no teu trabalho!!! :D
- xxx. Uma expressão comum no nordeste para lésbicas dentro do meio gay é "bota", e fora do meio gay é "saboneteira". Também se usa "fazer sabão" para relação entre gays passivos com passivos ou ativos com ativos, pq eles apenas se esfregam como sabão.
- xxxi. Eh nois linda bj
- xxxii. Acho que sapatão é uma boa palavra para traduzir "dyke" "butch" e afins. Para o oposto "femme" "lady" é mais difícil, acredito que escrever lésbica que se apresenta de forma feminina, feminilizada ou que performa feminilidade possa ser uma saída.
- xxxiii. Boa sorte, querida! ♥
- xxxiv. Boa sorte com o TCC, sua linda!
- xxxv. Boa sorte no tcc! Sucesso!
- xxxvi. Essa pesquisa é maravilhosa. Parabéns à quem estiver a desenvolvendo. Precisamos de cientistas lésbicas. <3
- xxxvii. massa a pesquisa! sucesso e vamo sapatao <3
- xxxviii. acho que toda boa tradução opta por justificar suas escolhas ao leitor, seja em notas de rodapé ou fim de livro, muitas vezes apontando o termo original e quem sabe a origem.
- xxxix. rodapé ou fim de livro, muitas vezes apontando o termo original e quem sabe a origem.
- xl. Não vejo gênero como identidade
- xli. Eu to muito feliz de ver tantos trabalhos sobre a nossa realidade <3 obrigada por isso.

- xlii. Você é linda e incrível!!!
- xlili. acho que não tem nada!
- xliv. vc eh maravilhosa so isso mesmo
- xlv. Parabéns pelo trabalho! não vejo a hora de ler sua tradução! Acho importante contextualizar bem os termos usados, sejam eles traduzidos, sejam mantidos no inglês (fica aí a ideia de artigo: origem e disseminação de termos usados para designar lésbicas no brasil – certeza que vai aparecer muita coisa misógina tanto em sua origem quanto ainda hj em dia)
- xlvi. Amei sua ideia <3
- xlvii. vc eh linda migaa vai rolar <3 HEUHUEHEU
- xlviii. quero ler sua tradução depois haha :)
- xliv. Parabéns, e boa sorte! (bom trabalho)
 - i. Parabéns pelo trabalho e pela pesquisa! ;)
 - ii. A pergunta qual a sua identidade de gênero é inapropriada e ofensiva.
 - iii. Só havia escutado se referirem a uma mana lésbica por sapatilha porque ela era "nova" na vivência lésbica, e não no sentido de ser uma lésbica que performa bastante feminilidade como vocês abordaram aqui nesse questionário. Para mim, dessa vez, foi novidade.
- liii. Boa sorte na tradução :)
- liv. Arrasa aí. Quanto mais sapatão produzindo sobre sapatão, melhor.
- lv. Coloquei que sou do sudeste porque moro no sudeste porém sou nordestina, não sei achei que devia explicar isso. E eu não sou a melhor pessoa em expressar minhas ideias então provavelmente ficou confuso.
- lvi. Muito massa a pesquisa, tem que divulgar esses resultados aí! Parabéns pela iniciativa, vmdl
- lvii. Boa sorte no trabalho, guria! <3
- lviii. Parabéns pelo trabalho! Precisamos de mais lésbicas pesquisando e escrevendo sobre lésbicas! Qualquer outra questão que eu possa ser útil conte comigo.
- lix. BOA SORTE NO TCC ARRASA
- lx. boa sorte na pesquisa! sapatão resiste